

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
LICENCIATURA EM DANÇA**

JULIANA LORENZONI

**MEMÓRIAS DA DANÇA CIGANA
CÊNICA NO RIO GRANDE DO SUL**

**Porto Alegre,
2018**

JULIANA FERNANDES LORENZONI

**MEMÓRIAS DA DANÇA CIGANA
CÊNICA NO RIO GRANDE DO SUL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado pela acadêmica JULIANA FERNANDES LORENZONI, ao Curso de Licenciatura em Dança da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para a obtenção do Grau de Licenciado em Dança. Orientadora: Prof.^a. Dra. Maria Luisa Oliveira da Cunha.

Porto Alegre,

2018

FICHA CATALOGRÁFICA

LORENZONI, Juliana Fernandes.

Memórias da Dança Cigana Cênica no Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS Curso: Licenciatura em Dança.

Orientador (a): Prof.^a. Dra. Maria Luisa Oliveira da Cunha.

1. História oral; 2.Dança cigana; 3.Pesquisa histórica; 4.Ciganos.

JULIANA FERNANDES LORENZONI

MEMÓRIAS DA DANÇA CIGANA CÊNICA NO RIO GRANDE DO SUL

Conceito final:

Aprovado em dede.....

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Mônica Fagundes Dantas - UFRGS

Orientador – Prof. Dra. Maria Luisa Oliveira da Cunha - UFRGS

Dedico este trabalho à minha família, meu amado Júlio, minha mãe Kathia e a meu pai Álvaro, *In Memoriam*, tenho certeza que se estivesse aqui estaria orgulhoso da mulher que me tornei. E em especial ao Povo Cigano que me encantou, me faz dançar e trilhar caminhos dançantes pelo mundo.

AGRADECIMENTOS

Gratidão é quando a alma diz obrigada, e da mais profunda parte do meu ser agradeço a cada um que passou pela minha vida, porque acredito que somos seres feitos de histórias e afetos. Por isso, muito obrigada a quem caminhou ou ainda caminha a meu lado. Simplesmente muito obrigada. Em especial:

À Kathia Lorenzoni, minha mãe, que tão amorosamente me trouxe a este mundo através do seu corpo, tu és um exemplo de força, garra e superação. Muito obrigada por estar do meu lado em todos os momentos da minha vida, muito obrigada por ser a melhor mãe que eu poderia ter. Muito Obrigada.

Ao Júlio Apollo, meu amado, tu sempre caminhou do meu lado, foi e é um grande incentivador da minha carreira, dos meus sonhos e devaneios, entende minhas ausências nas correrias da vida de professora/bailarina/graduanda, dando-me sempre força e suporte para vencer, principalmente neste ano que passou. Muito obrigada por fazer parte disso tudo. Muito obrigada por teu amor e sorriso. Muito obrigada.

À Professora Maria Luisa Oliveira da Cunha, por termos construído uma caminhada desde meu ingresso na UFRGS em 2012, sou grata por tudo que aprendi contigo, tenho a certeza de que és uma grande mestra e foi uma figura importante nesta minha formação acadêmica, e em especial por ter aceitado meu convite para orientar esta pesquisa, estando sempre disponível para me auxiliar, dando todo o suporte e incentivos necessários para que este estudo saísse do plano das ideias. Muito Obrigada.

Aos Professores do curso de Licenciatura em Dança da UFRGS que abriram, cada um a sua maneira, tantas possibilidades de novos caminhos e aprendizagens, sou grata pelo vasto conhecimento que adquiri durante esta minha estada ao lado de vocês. Com vocês aprendi a ver, entender e sentir a dança para além do meu mundo e sou muito grata por isso. Muito Obrigada.

Às Mestras e pesquisadoras das danças ciganas que encontrei nesse meu caminho dançante, Sayonara Linhares, Simona Jović, Joana Gea, Reyhan Tuzsuz, Sevi Bayraktar, Luna Simran e Lúcia Acosta, vocês fizeram parte da minha formação, fazendo-me enxergar a beleza e a paixão que são as danças ciganas. Cada uma quando passou por mim despertou a minha curiosidade para continuar no caminho, estudando, pesquisando e me aperfeiçoando. Muito obrigada.

À minha amiga Liza Schaefer por ter me convidado e me levado para a primeira aula de dança cigana lá em 2005. Sim, um destino estava começando a ser definido naquele dia. Muito obrigada.

Às minhas alunas que entendem, acolhem e apoiam minhas escolhas e ideias. Vocês fazem parte do combustível para que eu siga me dedicando a esta arte de dançar e ser professora. Com vocês cresço diariamente como pessoa e me esforço para melhorar a cada encontro. Gratidão! Que nosso caminho seja dançante, leve e alegre. Sempre! Muito obrigada gurias.

Aos meus guias, minha egrégora de luz, que cuida de mim nessa jornada, protegendo meu caminhar por essa terra, que conduz meus passos nos momentos de medo e incertezas e que me traz paz e força nos momentos de alegria. Gratidão a todos esses seres. Que o manto do nosso pai possa sempre cobrir meu caminhar, que Santa Sara e o povo cigano espiritual possam conduzir meu olhar e minhas percepções. Gratidão.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, colaboraram para que este trabalho conseguisse alcançar os objetivos propostos, seja através de uma entrevista, um relato informal pelas redes sociais, uma foto, de mais uma lembrança, de mais um contato. Àqueles que me contaram suas histórias, que responderam meus questionamentos. Muito obrigada.

Thie Aves Thiatlô Lom, Manrô Tai Sunkai!

Que sejamos todos abençoados com o sal, com o pão e com o ouro! Muito obrigada!

*“Não se pode andar reto quando as estradas
fazem curvas.”
(Provérbio Cigano).*

RESUMO

Este trabalho trata do aparecimento e da popularização da dança cigana cênica no Rio Grande do Sul. A análise da história cigana os identifica como possuidores de uma cultura ágrafa, passada de geração em geração, de forma oral, não registrando suas danças e cultura em livros ou manuais. A relevância desta pesquisa se dá por ser um tema inédito, e tem como objetivo identificar, analisar e registrar como surgiu e se difundiu a dança cigana no estado do Rio Grande do Sul. Esta pesquisa, realizada através de uma abordagem histórico-cultural, focalizou uma integrante de cada mesorregião do Estado do Rio Grande do Sul. Este trabalho se propôs a fazer um panorama e um mapeamento das professoras pioneiras de dança cigana em atuação no estado, e compreender as fontes do conhecimento da técnica da dança utilizada. Através de uma pesquisa fundamentada na história oral, investigou-se como essa dança surgiu aqui no Rio Grande do Sul, e foi analisado o processo de sua difusão e ampliação de público nos últimos anos. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com professoras pioneiras de dança cigana do Rio Grande do Sul, que incluíram as fases de transcrição, copidesque, pesquisa, conferência de fidelidade, e devolvidas para as entrevistadas para autorização de divulgação. A pesquisa foi desenvolvida como trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: História oral; Dança cigana; Pesquisa histórica; Ciganos.

ABSTRACT

This work deals with the appearance and popularization of scenic gypsy dance in Rio Grande do Sul. The analysis of gypsy history identifies them as possessing an agrarian culture, passed from generation to generation, orally, not recording their dances and culture in books or manuals. The relevance of this research is an unpublished theme and its objective was to identify, analyze and record how gypsy dance emerged and spread in the state of Rio Grande do Sul. This research, conducted through a historical-cultural approach, focused on one of each mesoregion of the State of Rio Grande do Sul. This work intends to provide a panorama and a mapping of the pioneer gypsy dance teachers in the state and understand the sources of knowledge of the dance technique used. Through a research based on oral history, it was investigated how this dance emerged here in Rio Grande do Sul and will analyze the process of its diffusion and public expansion in recent years. Semi-structured interviews were conducted with pioneering gypsy dance teachers from Rio Grande do Sul, which included the transcription, copigraphy, research, fidelity conferencing, and returned back to the interviewees for disclosure authorization. The research was developed as a conclusion for the Dance degree course of the Federal University of Rio Grande do Sul.

Key words: Oral history; Gypsy dance; Historical research; Gypsies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A cigana leu o meu destino e eu dancei	18
Figura 2 - Primeira apresentação. Caxias do Sul/RS. Novembro de 2006	19
Figura 3 - Mercado Gitano - São Paulo/SP – Outubro de 2013	20
Figura 4 - Primeira sala do Estúdio de Danças Juliana Lorenzoni em 2009	21
Figura 5 - Festival Romá – Santiago/Chile – Outubro de 2018	22
Figura 6 - Em Saintes Marie de La Mer, na França, dançando com os ciganos na rua, no dia da peregrinação de Santa Sara. Maio/2016.....	23
Figura 7 - Em visita a Granada, no bairro cigano de Sacromonte, estudando a história do povo cigano na Espanha. Maio/2016	23
Figura 8 - Visita a um bairro cigano em Istambul na Turquia com as professoras Simona Jović e Sevi Bayraktar. Maio/2017	24
Figura 9 - com ciganas no festival cigano Kakava Şenlikleri (Hidirellez) na cidade de Edirne na Turquia. Maio/2018.....	25
Figura 10 - Ciganos da etnia Calon	30
Figura 11 - Ciganos da etnia Rom/Kalderach.....	31
Imagem 12 - Mosaico étnico cultural cigano	34
Figura 13 - Personagens ciganas femininas da novela Explode Coração – 1995.....	52
Figuras 14 e 15 - Moda Cigana - Revista Manequim Janeiro/1996	53
Figura 16 - personagem Dara, da novela Explode Coração – 1996	54
Figura 17 - Divulgação de aulas do ano 1997	60
Figura 18 - Divulgação de aulas do ano 1999	61
Figura 19 - professora Odette Martinelli e alunas em apresentação no bar Americanto em Porto Alegre – 1996	63
Figura 20 - Freqüentadoras do bar Americanto, em Porto Alegre – 1997	63
Figura 21 - noite cigana no bar Americanto, em Porto Alegre – 1998.....	63
Figura 22 - Grupo Romie: Juliana Lorenzoni, Caroline Klipel, Elizandra Schaefer e Sayonara Linhares	66
Figura 23 - Mostra de dança em São Leopoldo/RS em 2007	66
Figura 24 - Cenas do espetáculo Diáspora - A Trajetória de um Povo – 2008	67
Figura 25 - Cenas do espetáculo Diáspora - A Trajetória de um Povo – 2008	67
Figura 26 - Cenas do espetáculo Diáspora - A Trajetória de um Povo – 2008	67

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Mapa mostrando a chegada dos ciganos na Europa	27
Mapa 2: Mapa da diáspora dos ciganos	28
Mapa 3: Migração dos Ciganos dentro do território brasileiro ao longo do tempo.....	29
Mapa 4: Mapa das mesorregiões do Rio Grande do Sul	68
Mapa 5: Mapa das cidades onde tem dança cigana no Rio Grande do Sul	69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 A CIGANA LEU O MEU DESTINO E EU DANCEI	17
2 REFERENCIAL TEÓRICO	26
2.1 Os Ciganos – uma breve história	26
2.2 Danças Ciganas – um mosaico cultural	33
3 METODOLOGIA	37
Tabela 1- Mapa Genealógico da Dança Cigana Cênica no Rio Grande do Sul..	39
3.1 Coleta de dados	47
3.2 Análise dos dados.....	47
4 MEMÓRIAS DA DANÇA CIGANA CÊNICA	48
4.1 Dança Cigana no Brasil.....	49
4.2 Dança Cigana no Rio Grande do Sul	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	77
ANEXOS	I
ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	II
ANEXO B - Entrevistas.....	III
Anexo 1 - Entrevista Sayonara Linhares da Rosa.....	III
Anexo 2 - Entrevista Greice Rita K vietinski Machado	XII
Anexo 3 – Entrevista Melissa Assumpção Vieira.....	XXI
Anexo 4 – Entrevista Gina Vitola.....	XXXII
Anexo 5 – Entrevista Michele Trentin.....	XL

INTRODUÇÃO

O presente estudo trata do aparecimento e da popularização da dança cigana cênica no Rio Grande do Sul, através da história narrada pelas professoras pioneiras ou maiores formadoras do estado. A história do povo cigano os identifica como possuidores de uma cultura ágrafa, passada de geração em geração, de forma oral, não registrando suas danças e cultura em livros ou manuais.

Não há documentada uma coletânea rigorosa sobre movimentos nas autênticas danças (e músicas) ciganas, mas há estilos regionais distintos e especificidades encontradas em cada grupo cigano, mundo afora (RAMANUSH, 2014, p. 9).

Dessa mesma maneira, a dança cigana vem se disseminando pelo Brasil e pelo estado do Rio Grande do Sul. Contudo, a história desta dança de forma cênica e das suas professoras no Rio Grande do Sul ainda não foi oficialmente contada.

O objetivo geral deste estudo é reconstruir e visibilizar a história da dança cigana cênica no Rio Grande do Sul, localizando quais são as professoras pioneiras ou maiores formadoras deste estilo de dança, a partir dos acervos pessoais de algumas delas, identificadas como pioneiras em suas regiões, os considerados como fonte documental; e da narrativa de sujeitos envolvidos, considerados como fontes orais.

Deste objetivo central surgem os seguintes objetivos específicos da pesquisa: a) identificar, analisar e registrar como surgiu e se difundiu a dança cigana no estado do Rio Grande do Sul através de uma abordagem histórico-cultural; b) fazer um mapeamento das professoras de dança cigana em atuação no estado do Rio Grande do Sul e as suas primeiras professoras, gerando um mapa genealógico¹; c) registrar as fontes do conhecimento da técnica da dança ou do modo de dançar das professoras selecionadas na investigação (seus professores, cursos, ídolos...); d) pesquisar suas percepções sobre a cultura cigana em relação à dança.

A pesquisa se limita a mapear o estado do Rio Grande do Sul em referência às professoras de dança cigana. Já em relação à busca destas professoras, a pesquisa se restringe em investigar mais a fundo as pioneiras e/ou as maiores formadoras. O Rio Grande do Sul é dividido em sete mesorregiões (Centro Ocidental, Centro Oriental,

¹ Para o termo genealógico entendem-se os significados: de ascendência, origem, procedência.

Metropolitana, Nordeste, Noroeste, Sudeste e Sudoeste) e inicialmente, esta pesquisa tentará localizar uma representante em cada mesorregião.

Justifica-se a relevância desta pesquisa por ser um tema inédito, com carência de pesquisas e produções de trabalhos na área, e pelo meu envolvimento pessoal com este estilo de dança desde 2005. A dança cigana é uma dança complexa, tendo em vista a sua variedade de estilos, sendo assim, é um desejo antigo a pesquisa sobre as diversas danças ciganas e suas respectivas culturas. Contudo, é preciso entender como essa modalidade se dissemina pelo estado, quem são as figuras envolvidas nessa atividade. Com este estudo será possível fomentar o conhecimento dentro do curso de dança da UFRGS e com ele um panorama e um mapeamento das professoras pioneiras de dança cigana em atuação ou não, e compreender as fontes do conhecimento da técnica da dança, além de registrar e trazer luz às memórias de pessoas que constituem a história da dança cigana no Rio Grande do Sul.

Este trabalho está dividido da seguinte maneira: primeiramente, esta introdução ambienta o leitor sobre o tema e as justificativas de escolha do mesmo; No capítulo 1, trago minha história pessoal no mundo da dança e meu envolvimento com a dança cigana. No capítulo 2, temos o referencial teórico, no qual abordarei o contexto da história do povo cigano, da dança cigana num âmbito geral. No capítulo 3, apresento a metodologia deste estudo, onde utilizaremos a história cultural e a história oral, abordando as entrevistas realizadas na construção deste trabalho de conclusão de curso. Em seguida, no capítulo 4, apresento, interpreto e analiso os dados obtidos através da abordagem metodológica, contextualizando a história da dança cigana no Brasil e no Rio Grande do Sul. Por fim, trago as considerações finais seguidas das referências e anexos.

1 A CIGANA LEU O MEU DESTINO E EU DANCEI...

*“É sua estrada, e somente sua.
Outros podem andar ao seu lado,
mas ninguém pode andar por você.”*
(Rumi)

Resolvi iniciar este trabalho trazendo a referência cigana da “buena dicha”, ou quiromancia, mais conhecida entre o público leigo como a leitura das mãos, arte divinatória muito praticada por esse povo. Através da leitura das linhas da mão vem à tona passado, presente e futuro; nas linhas das mãos podemos saber dos acontecimentos passados e do desenho dos passos que o futuro nos reserva. Sendo assim, trazendo nesta leitura de linhas que se cruzam, vem minha história na dança, meus primeiros passos nas técnicas corporais e, posteriormente, como a dança cigana chegou até mim e se tornou meu objeto de estudo e trabalho.

Sempre estive de alguma maneira conectada à dança, quando pequena minha mãe dizia que eu era como uma borboleta, porque vivia “saracoteando” e a fazendo passar vergonha no supermercado e locais públicos. Enfim, talvez um dom já estivesse dentro do meu ser, porém, não era um sonho infantil ter uma carreira na área da dança, como professora, ou com um diploma universitário de licenciada em dança. Minha história de vida em família, até os meus quinze anos, sempre esteve ligada de alguma maneira à vida nômade cigana, apesar de não ser de origem. Meu pai era gerente do Banrisul e vivíamos nos mudando, talvez por isso as experiências com a dança na infância e adolescência tenham sido tão diversas. Vivi boa parte da minha vida no interior do estado do Rio Grande do Sul, onde muitas vezes não existiam escolas de dança.

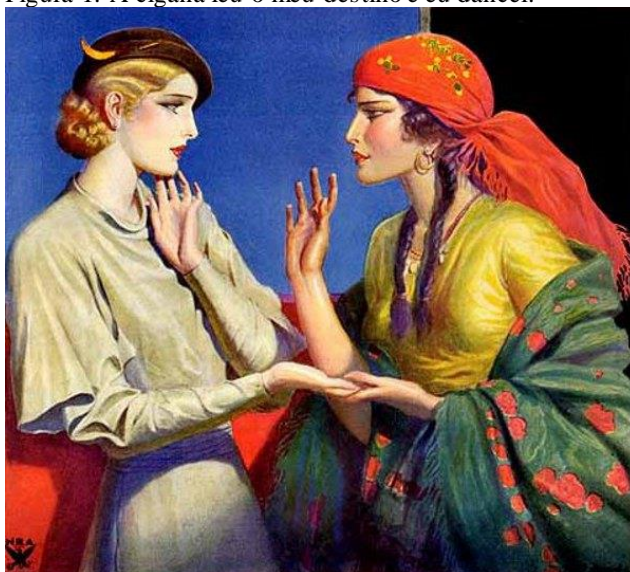
Das várias experiências anteriores à dança cigana entrar na minha vida, algumas delas lembro muito nitidamente, como quando nos mudamos para Silveira Martins e, em 1992, fiz aulas de balé e jazz com uma professora que apareceu no nosso pequeno município. Infelizmente não me lembro do nome dela, os resquícios de memória que me fazem lembrar esse tempo são as aulas numa grande sala do colégio, das polainas, sapatilhas e *collant* cor de rosa, e de dançar a tão famosa na época, música do filme *Flash Dance*. Nesta mesma cidade, em 1994 e 1995, tive a oportunidade de dançar danças folclóricas italianas num grupo de folclore chamado Citta Nova, que se formou na cidade com a professora Michelle Zanini. Tenho até hoje na memória meu figurino,

uma saia azul royal, blusa e avental brancos, sapatinho preto, lencinho na mão e flores na cabeça.

Em 1996, nos mudamos para Bom Princípio, nesta cidade não tive contato com a dança, e em 1998, fomos novamente transferidos para outra cidade, Novo Hamburgo, onde na escola que eu estudava tinha o grupo de danças que era organizado pela professora Stela Oliveira; o grupo se chamava Grupo de Dança do Colégio 25 de Julho, e dançávamos coreografias de dança de rua, que na época estava começando a despontar como uma modalidade nova de dança na cidade. Nos anos 2000, quando tinha uma febre de dança do ventre acontecendo, fui com minha mãe fazer aulas na escola Mahaila, com a professora Rita Medina. As memórias que tenho desse tempo são do cheiro do incenso, dos oitos no corpo, das batidas de quadril, da música egípcia e de um véu vermelho.

Porém, muitas vezes o destino nos mostra vários caminhos, e resolvi me afastar da dança por um tempo e me dedicar à formação técnica de tradutora/intérprete, depois de formada comecei a fazer faculdade de turismo, em seguida troquei para administração. Nesse período, entre 2001 e 2005, não participei de nenhum grupo de dança ou aulas regulares. Porém, em 2005, uma amiga, Elizandra Schaefer, me convidou para ir com ela conhecer uma aula de dança cigana, pois havia chegado a Novo Hamburgo uma nova professora chamada Sayonara Linhares. Fui, e neste momento meu destino estava sendo traçado...

Figura 1: A cigana leu o meu destino e eu dancei.



Fonte: imagem de Wladyslaw Theodor Benda. Disponível em: <https://americangallery.wordpress.com/category/benda-w-t/>.

Foi então que em 2005, com vinte e dois anos, comecei minha jornada no universo da dança cigana. Foi amor à primeira aula, e desde lá, muitos estudos, dedicação, resgates e sonhos, fui aluna da Sayonara até o ano de 2009. Neste período tive a oportunidade de ser aluna, aprender coreografias e técnicas, participar de eventos e festivais de danças e também de começar, sem pretensão nenhuma, a ser professora, porque até este momento a dança era somente um hobby na minha vida.

Figura 2: Primeira apresentação.
Caxias do Sul/RS. Novembro de 2006.



Fonte: acervo pessoal da autora.

O destino me apresentava um caminho que eu ainda não sabia que ia trilhar, quando a professora Sayonara não podia dar as aulas, a proprietária da escola Espaço de Cultura e Dança Cigana, Lúcia Acosta, me convidada para substituí-la. Segui como substituta durante um tempo, até que um dia surgiu um convite para assumir uma turma oficialmente e eu aceitei. Começou aí minha carreira de professora de dança cigana, em fevereiro de 2008. Neste momento, decidi retomar no corpo e estudar outras danças, entendi que sendo professora, precisava ter outras visões. Então, recomecei a fazer aulas de dança do ventre com a professora Ana Bedatti, me matriculei nas aulas de balé da professora Sabrina Spier e seguia sendo aluna de dança cigana na escola onde eu trabalhava. Mas a dança não era meu trabalho oficial, nesta época eu trabalhava no setor fiscal contábil de uma empresa de componentes de calçados.

Figura 3: Mercado Gitano - São Paulo/SP – Outubro de 2013.



Fonte: acervo pessoal da autora.

Mas como diz aquela famosa canção, “a cigana leu o meu destino e eu sonhei”, eu tinha descoberto um caminho para seguir, e então decidi que ia procurar outros locais para dar aula. Continuei no Espaço Cigano e comecei minha peregrinação por outras cidades, levando a dança cigana para outros lugares, dei aulas em São Leopoldo, Esteio, Ivoti, Porto Alegre e Igrejinha. Em 2009, o Espaço de Cultura e Dança Cigana onde eu fazia e ministrava aulas encerrou as atividades, as sócias desfizeram sociedade e cada uma foi seguir seu caminho, e eu decidi, neste momento, abrir meu próprio estúdio de danças. Já estava escrito nas estrelas, eu achei um local muito rápido, uma sala ótima para trabalhar, e comecei a montar o Estúdio de Danças Juliana Lorenzoni, em Novo Hamburgo. No dia 20 de setembro de 2009, inauguramos oficialmente a escola.

Figura 4: Primeira sala do Estúdio de Danças Juliana Lorenzoni em 2009.



Fonte: acervo pessoal da autora.

Quando abri a escola, sabia que era isso que queria fazer da minha vida, e não mais trabalhar num escritório, fechada entre quatro paredes e um computador. Em 2010, resolvi fazer vestibular para faculdade de dança e passei na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) em Montenegro. Neste momento um mundo novo se abriu diante dos meus olhos, novas experiências, muitas descobertas e oportunidades. Minha formação superior em dança estava em andamento, e resolvi mudar de universidade, em 2012 fiz vestibular para o curso de licenciatura em dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e passei, mudei de universidade, e mais uma vez um mundo maior ainda se abriu na minha frente, novas oportunidades, novos mestres. Devido à demanda de trabalho e por eu ter passado na faculdade, resolvi me dedicar somente ao Estúdio, saí do emprego que tinha no setor contábil e me tornei oficialmente professora de dança e proprietária de escola de dança. O Estúdio cresceu muito e o meu trabalho foi se tornando conhecido na cidade, no estado do Rio Grande do Sul e no Brasil como um todo.

Figura 5: Festival Romá – Santiago/Chile – Outubro de 2018.



Fonte: acervo pessoal da autora.

Sempre busquei aprender e me aperfeiçoar, e nesta busca constante tive a oportunidade de fazer cursos com grandes nomes da dança do ventre e cigana do Brasil e do exterior. Em 2016, surgiu a oportunidade de viajar para fora do país pela primeira vez, fui para Espanha e França. O objetivo da viagem era de turismo, mas ao mesmo tempo de estudo sobre os povos ciganos e árabes daquelas regiões. Começamos nossa viagem em Barcelona, na Espanha, e de lá seguimos para a França, em Saintes Marie de La Mer, cidade onde anualmente, em maio, acontece uma romaria para Santa Sara², e para lá vão ciganos de várias etnias e partes do mundo. De lá, seguimos para Granada e Sevilha, onde pudemos conhecer a história da ocupação árabe na península Ibérica e a história dos ciganos e do flamenco, que surgiu lá, muitos anos de memórias e cultura vivas.

² Santa considerada para alguns clãs como padroeira do povo cigano. A festa/romaria da Santa Sara Kali acontece sempre no dia 24 de maio, onde caravanas vindas de várias partes do mundo vão rezar e homenagear sua padroeira na cidade de Saintes Marie de La Mer.

Figura 6: Em Saintes Marie de La Mer, na França, dançando com os ciganos na rua, no dia da peregrinação de Santa Sara. Maio/2016.



Fonte: foto Renata Machado.

Figura 7: Em visita a Granada, no bairro cigano de Sacromonte, estudando a história do povo cigano na Espanha. Maio/2016.



Fonte: foto Renata Machado.

Foram experiências especiais e que pude ver e viver de perto o que a tanto tempo estudo. Muitas delas são os meus estudos sobre a cultura e dança cigana, e neste momento pude ser literalmente sujeito dessa experiência, para além das histórias narradas pelos meus mestres ou fontes de pesquisa bibliográficas.

É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar, nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação (BONDÍA, 2002, p. 26).

Figura 8: Visita a um bairro cigano em Istambul na Turquia com as professoras Simona Jović e Sevi Bayraktar. Maio/2017.



Fonte: acervo pessoal da autora.

Estive também na cidade de Edirne, onde tive contato direto com os ciganos na sua celebração do Ederlezi³, festival da primavera, onde tive aulas de dança cigana e folclore turco com professoras locais, e de volta a Istambul, tive aula com os professores Reyhan Tuzsuz e Ozgem.

³Comemorado sempre no dia 06 de maio, de acordo com o calendário ortodoxo, é o dia de São Jorge (St. George), também conhecido como "Djorge Dan". É um dos feriados mais importantes dos povos ortodoxos. Em turco, chama-se Hidirellez, nome dado ao feriado que anuncia o início da primavera.

Figura 9: com ciganas no festival cigano Kakava Şenlikleri (Hidirellez) na cidade de Edirne na Turquia. Maio/2018.



Fonte: acervo pessoal da autora.

No meu percurso pessoal e acadêmico, consigo perceber de onde vim, quais as minhas escolhas e o que almejo alcançar ao estabelecer o tema cigano como norte da minha pesquisa. Tal escolha foi influenciada por todas essas minhas vivências e experiências no mundo da dança cigana, e penso que investigar a cultura cigana é contribuir na difusão da memória de um povo rico em história, mistério e arte. Tem um provérbio cigano que diz: “não é possível ir reto quando a estrada faz curvas”, e nas curvas da minha vida, o destino mostrou minha missão, trilhar um caminho dançante, onde a dança é a minha vida e sempre será. É preciso estar em movimento para continuar vivendo, é preciso dançar para sempre continuar.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Os ciganos – uma breve história

*“A tua raça de aventura quis ter o céu, a terra, o mar /
Na minha há uma delícia obscura em não querer, em
não ganhar... / A tua raça quer partir, guerrear, sofrer,
vencer, voltar / A minha não quer ir nem vir / A minha
raça quer passar!”.*

(Cecília Meireles)

Ao entrar no universo da cultura cigana nos deparamos com um grande mosaico que se abre à nossa frente, tantos são os países e etnias ciganas. Um povo que chamamos de Cigano e que se denominam como Roma⁴. Povo este com muitas coisas em comum, e ao mesmo tempo, tantas diferenças, os ciganos estão em muitos lugares no mundo: Índia, Afeganistão, Iraque, Rússia, Romênia, Hungria, Turquia, Grécia, Egito, Portugal, Espanha, França, Balcãs e Brasil. Para entendermos esse grande mosaico étnico, precisamos entender a história do povo cigano, povo que andarihou pelo mundo e que em alguns casos ainda estão nas estradas.

Um povo nômade, cercado de mistérios, tradições e culturas próprias, que geram curiosidades para todos, e infelizmente também muita discriminação. Muitas são as teorias e lendas da origem deste povo, alguns pesquisadores remontam sua origem dois ou três milênios antes de Cristo, e acreditam que seu surgimento foi na Índia. Outros dizem que foi no Egito (FILHO, 2005). Castro, em sua pesquisa sobre famílias ciganas no Rio Grande do sul, constata que:

O problema da origem dos ciganos é, para os ciganólogos, o mesmo que o da origem do homem para os antropólogos. Sabe-se apenas que os ciganos aparecem na história logo após o ano 1000; em 1500 já estão presentes em toda a Europa e, em 1600, pode-se dizer que estão pelo mundo inteiro. Por serem ágrafos, suas origens, na maioria das vezes, estão pautadas em lendas, mitos e poesias, enfim, na oralidade da própria etnia ou através da visão e das interpretações que deles são feitas (CASTRO, 2011, p. 30).

Sendo sua origem uma incógnita para muitos estudiosos, pesquisas continuam sendo feitas para definir de onde vem este povo chamado de Roma. Segundo estudos

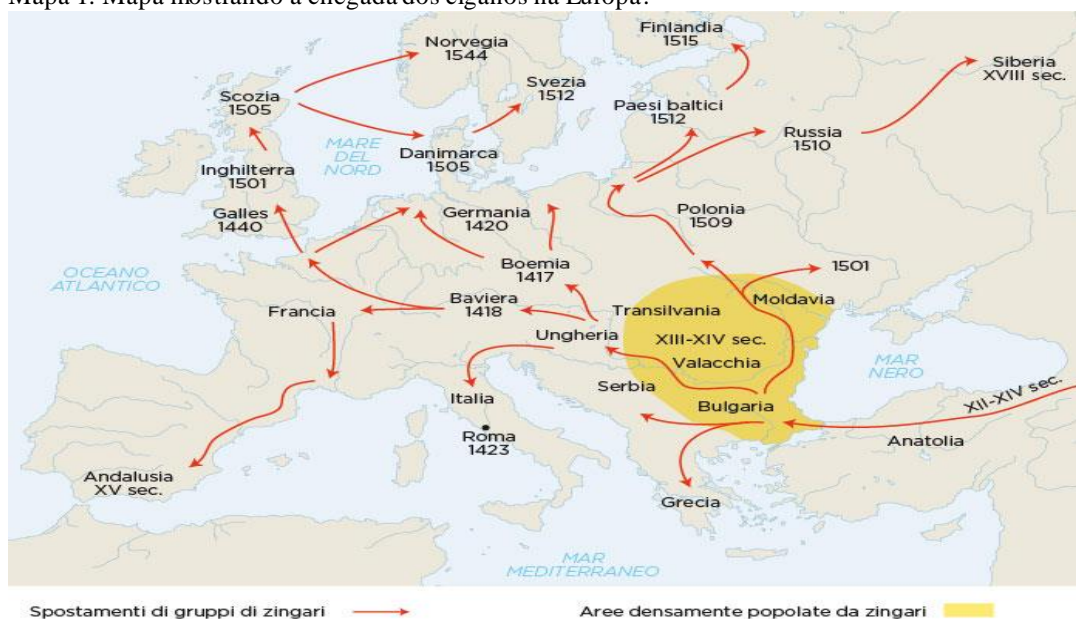
⁴ Roma é a palavra que abarca pelo menos três grandes grupos da etnia cigana, que são: os Rom, os Calon e os Sinti. Vários pesquisadores usam também os termos Romá, Roms, Rrom ou Rhom para designar o povo cigano. No idioma cigano, o romanês significa também ser humano, ou pessoa (no singular), mas pode significar também marido.

recentes da língua oficial dos ciganos, o Romanês (Romaní), chegou-se à conclusão de que muitas palavras eram de origem híndi, uma língua derivada do sânscrito, sendo assim, atribuí-se a origem deste povo como sendo da Índia, de onde teriam saído no século XI D.C. , quando o sultão persa Mahmoud Ghazni invadiu e dominou o norte do país.

Campos (1999, p.16) diz que a origem e a dispersão dos ciganos foram explicadas, na maioria das vezes, pelos próprios Roms, através de lendas que os colocavam em uma situação tal, a fim de serem aceitos pela sociedade “*gadje*” (não cigana). Estudos acadêmicos mais recentes tentam costurar esse quebra cabeça que é a história do surgimento e origem do povo cigano.

Existem, no entanto, explicações científicas para a origem dos ciganos, pois, a par de estudos comparativos sobre o modo de vida, a capacidade espiritual, trajes, ofícios, caracteres físicos dos ciganos e de tribos nômades que há no Noroeste da Índia, atual Paquistão - os laubadies - o que mais incentivou os pesquisadores a determinar esse local como a terra de origem dos ciganos foram estudos etnolinguísticos (século XVIII) que comprovaram que o romanês é aparentado com o sânscrito (língua da Índia antiga). Sobre a pré-história dos ciganos, isto é, a história deles na Índia Antiga, quase nada se sabe. Presume-se que começaram a nomadizar, ainda em solo hindu, porque não se adaptaram à nova ordem social imposta com a invasão dos árias, dentro da qual os ciganos eram considerados párias. Um dos nomes por que são conhecidos os ciganos até hoje é BOÊMIOS, palavra esta originária do sânscrito BOAHA MI (afaste-se de mim), ou seja, os ciganos eram considerados malditos e feiticeiros, principalmente por trabalharem com o ferro e o fogo e eram, por isto, obrigados a morar afastados dos demais. Ante essa imposição humilhante e como forma de preservar suas tradições, restou-lhes a opção de caminhar. E assim ficaram caminhando durante um milênio, na Índia, até chegarem à Europa, presumivelmente entre os séculos XIII e XIV (PEREIRA, 1992, p. 35).

Mapa 1: Mapa mostrando a chegada dos ciganos na Europa.



Fonte: <http://dizionario.zanichelli.it/storiadigitale/p/mappastorica/97/carta-raffigurante-l-arrivo-degli-zingari-in-europa>.

Uma das consequências dessa grande diáspora foi a formação de grupos ciganos, ao longo dos séculos. A partir de sua localização geográfica, acabaram se dividindo em três grandes grupos: Rom ou Romá, Sinti e Calon ou Kalé, onde cada um desses grupos possui subgrupos que têm manifestações culturais próprias, como dialetos, costumes, músicas e danças, que caracterizam também seus lugares de origem, sendo assim, é importante ter em mente que a cultura cigana não é homogênea e abarca um grande mosaico étnico.

Os Rom, ou Roma, que falam a língua romani, são divididos em vários subgrupos, com denominações próprias, como os Kalderash, Matchuaia, Lovara, Curara e outros. São predominantes nos países balcânicos, mas a partir do Século 19 (sic) migraram também para outros países europeus e para as Américas. Os Sinti, que falam a língua sintó, são mais encontrados na Alemanha, Itália e França, onde também são chamados Manouch. Os Calon ou Kalé, que falam a língua caló, os “ciganos ibéricos”, que vivem principalmente em Portugal e na Espanha, onde são mais conhecidos como Gitanos, mas que no decorrer dos tempos se espalharam também por outros países da Europa e foram deportados ou migraram inclusive para a América do Sul (MOONEN, 2011, p. 13).

Mapa 2: Mapa da diáspora dos ciganos.



Fonte: <http://jpress.jornalismojunior.com.br/2017/07/brasil-cigano-ontem-e-hoje/>.

Para vários historiadores, os ciganos estão no Brasil desde a época da colonização, porém são raramente citados nos documentos oficiais como uma etnia colonizadora do país (MATTA, 2015). Sabe-se que pouco tempo depois da descoberta

do novo mundo, os ciganos já estavam por aqui, vindos de Portugal, povoando as terras brasileiras. Muitos vinham da Europa para o novo continente como degradados, obrigados a cumprir pena por algum delito. O primeiro registro histórico da chegada dos ciganos foi um ato governamental de Dom Sebastião contra o cigano João de Torres e sua família, que desembarcaram por aqui em 1574. Neste período na Europa, Estado e Igreja se uniam para livrar suas terras de estrangeiros com costumes e tradições diferentes, e ao mesmo tempo queriam ter pessoas para povoar as colônias conquistadas.

O costume de mandar ciganos para a América, especificamente para o Brasil, foi instaurado no século XVII. Mas se a intenção inicial era a de “purificar” ou “castigar” estes ciganos com a travessia marítima, ou seja, se a ideia era que os ciganos deixassem seus trajes, sua língua, seus costumes afundados no Oceano Atlântico, a realidade passou longe disso. Os ciganos chegam ao Brasil trazendo consigo suas tradições e, conseqüentemente, sua contribuição (FONSECA, 2002, p. 9).

Pereira (1992, p. 36) afirma que em outra situação, talvez mais cômoda e de menor discriminação, “(...) chegam ao Brasil, vindos de Portugal, muitos outros ciganos. Isto ocorreu em 1808, com a Corte de D. João VI. Eles eram os festeiros da corte, os ferreiros e também os meirinhos, profissão hoje conhecida por oficiais de justiça”. Os ciganos se espalharam por vários estados brasileiros, onde em alguns casos como norte, nordeste e centro oeste existem estudos mais aprofundados sobre essa população.

Mapa 3: Migração dos Ciganos dentro do território brasileiro ao longo do tempo.



Fonte: <http://jpress.jornalismojunior.com.br/2017/07/brasil-cigano-ontem-e-hoje/>.

Uma das causas mais modernas da diáspora cigana da Europa para o Brasil aconteceu durante a época da segunda guerra mundial, em que os ciganos foram perseguidos pelos nazistas em todo o território europeu, no holocausto cigano, também conhecido como Porrajmos, e acredita-se que entre duzentas e cinquenta a quinhentas mil vidas de ciganos foram tiradas. A partir de 2015, por uma resolução da ONU, foi escolhido o dia 02 de agosto como o Dia Internacional em Memória das Vítimas Ciganas do Holocausto em razão do grande massacre ocorrido na noite de 01 de agosto de 1944, em Auschwitz-Birkenau, na qual quatro mil homens e mulheres ciganos foram mortos em câmaras de gás. Este terrível acontecimento ficou conhecido como a “noite dos ciganos”. O ciganólogo brasileiro Franz Moonen relata que:

A única diferença é que o holocausto judeu, e com justa razão, até hoje sempre costuma ser lembrado e não faltam memoriais para lembrar isto, inclusive em Auschwitz. O holocausto cigano, no entanto, costuma ser varrido debaixo do tapete, costuma ser simplesmente ignorado ou esquecido, como algo de menor importância ou, pior ainda, como algo que nunca aconteceu, e hoje existem apenas uns poucos monumentos que lembram o holocausto cigano. Ainda hoje o holocausto cigano é pouco conhecido do grande público. Também em documentários e em comemorações das vítimas do holocausto nazista, ou em museus e monumentos construídos em sua homenagem, muitas vezes são lembrados apenas os judeus e quase nunca os ciganos. Atualmente, no entanto, em livros e artigos que tratam do holocausto – boa parte dos quais escritos por alemães – está se tomando politicamente correto falar não apenas dos judeus, mas também dos ciganos (MOONEN, 2011, p. 71-72).

Figura 10: Ciganos da etnia Calon.



Fonte: Foto de Luciana Sampaio. Disponível em:
https://www.researchgate.net/figure/Figura-3-Familia-de-ciganos-Calon-Itapeperica-da-Serra-Foto-Luciana-Sampaio-2008_fig3_281634157

Sabe-se que hoje em dia podem ser mais de um milhão de pessoas da etnia cigana espalhadas pelo território nacional, contudo os estudos e a história dos ciganos continuam à margem da história oficial contada nos livros. Oficialmente, cerca de 800 mil pessoas se declaram ciganos, segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2010.

Apesar do número expressivo de ciganos no país, as políticas públicas só começaram a ser pensadas e executadas a partir de 2002, quando o povo cigano passa a ser classificado como minoria étnica, conforme a Constituição Federal de 1988. A ação governamental mais importante, a nível nacional, foi feita em 2006, com a instituição do Dia Nacional do Cigano, comemorado em 24 de maio, em homenagem à Santa Sara Kali, padroeira cigana. Com essa ação o governo reconheceu a importância da contribuição da etnia cigana no processo de formação da história e da identidade cultural brasileira. Porém, o Brasil é o único país onde a escolha dessa data vai na contra mão dos movimentos que acontecem a nível mundial, que instituíram o dia internacional do povo cigano como sendo no dia 08 de abril.

Porém, essa data apenas representa um marco de reconhecimento nacional sobre a existência desses grupos étnicos, o que não quer dizer que ela representa garantias de políticas e o cumprimento dos direitos humanos perante esses grupos que sofreram desde a colonização brasileira e ainda sofrem com preconceitos, estigmas e discriminações. Desse modo, são muitos os órgãos e associações que estão travando lutas pelo reconhecimento legal nas demandas associadas às ações políticas na promoção e no desenvolvimento sustentável dessas sociedades ditas tradicionais (CORDINI & SOUZA, 2014, p. 209).

Figura 11: Ciganos da etnia Rom/Kalderach.



Fonte: Foto de Alexandre Sant. Disponível em:
https://istoe.com.br/5055_OS+CIGANOS+MODERNOS/

A nível regional, é árdua a tarefa de localizar registros oficiais sobre a chegada dos ciganos ao Rio Grande do Sul e conseguir identificar quais teriam sido os clãs e etnias que se fixaram pioneiramente no estado. Segundo Castro (2011):

No Rio Grande do Sul, a importância das etnias ciganas é desconhecida. Há pouca referência a elas, para não dizer que o conhecimento de seus costumes, tradição e cultura, por parte da sociedade gaúcha, brilha por sua ausência. Quando o gaúcho narra sobre seus feitos históricos e origens, refere-se, dentre outras façanhas, às guerras de delimitação de fronteiras, bem como a seus heróis farroupilhas; a personagens que, na maioria das vezes, descendem de alemães, italianos, portugueses ou espanhóis. Quando muito, lembrados lanceiros negros cuja liberdade estava vinculada à vitória nas batalhas da Revolução. Nenhuma menção é feita aos ciganos (CASTRO, 2011, p. 13).

Sendo assim, a história dos ciganos no Rio Grande do Sul continua coberta por um véu, um fino véu de esquecimento e de descaso que os livros de história não registram, e a história desse povo continua sendo contada nos acampamentos de forma ágrafa e oral. Seguindo então esse viés da história oral nas entrevistas realizadas para este trabalho, uma das perguntas para as entrevistadas era se elas sabiam da história dos ciganos no estado, e unanimemente responderam que ainda era um tema a ser pesquisado, mas que não tinham informações oficiais sobre o assunto.

Contudo, extraoficialmente, se especulam duas hipóteses sobre a história e chegada dos ciganos ao Rio Grande do Sul. Uma é que seria o estado um território de passagem para as caravanas ciganas. Sendo os ciganos comerciantes natos, atravessavam o estado em direção à Argentina e Uruguai levando e trazendo suas mercadorias. A outra hipótese é que, por ser um povo muito discriminado pela sociedade, se esconderam no anonimato não se identificando como ciganos, mas sim como descendentes de espanhóis, portugueses, romenos, russos... Desta forma, a história da chegada dos ciganos no estado continua esperando para ser investigada e desmistificada.

2.2 Danças ciganas – um mosaico cultural

*"Essa não é uma dança qualquer,
seus movimentos são reverências,
seus ritmos representam um povo,
sua arte vai muito além da bailarina".*

(Autor desconhecido)

A cultura cigana é ágrafa, transmitida oralmente, e por isso não existem registros oficiais sobre seus costumes e formas de arte, como música e dança. A forma cigana de transmitir e ensinar a música e a dança é pela convivência na sociedade e nos clãs familiares, onde crianças estão envolvidas nestes universos desde pequenos, não sendo necessário frequentar escola de dança para aprender. “(...) a dança é aprendida desde tenra infância, não existe idade limite para se dançar” (NASCIMENTO, 2013, p. 183), porém vale ressaltar que nem todas as pessoas de sangue cigano e que vivem em suas comunidades sabem todas as danças ciganas do mundo, a maioria sabe a dança da sua etnia.

Para os ciganos a dança é uma força de expressão da vida que demonstra a forma de viver com liberdade, o trabalho autônomo representa também sua liberdade, haja vista que são povos que não obedecem às leis do Estado e possuem seus próprios códigos de vida em suas comunidades (CARLOS & ASTIGARRAGA, 2017, p.8).

Sendo assim, para esse povo, a dança é a expressão da força da vida, onde através dela, conseguem demonstrar a sua maneira de viver com liberdade, preservando seus códigos morais, crenças, costumes e regras familiares, marcas tradicionais dos povos ciganos. As danças são utilizadas em níveis distintos dentro da organização cigana como rituais, em casamentos e celebrações, bem como para expressar seus sentimentos mais profundos como alegrias ou tristezas.

Nos tempos atuais existem pesquisadores “*gadjés*”⁵, entre eles, principalmente professoras de dança, que estão começando a fazer esses registros e documentando suas pesquisas das técnicas dessas danças, para que elas não se percam no tempo. Com esse movimento, a dança cigana tem sido um fenômeno mundial, sabendo-se que os ciganos são um povo nômade, e que durante muito tempo peregrinou pelos vários continentes, e que ao longo desse trajeto foram se mesclando com as mais diversas populações que entraram em contato, tendo assim influenciada sua música e sua cultura. Isso fez com que eles construíssem várias formas de dançar, transformando a dança cigana num

⁵ Palavra no idioma romanês que designa a pessoa que não é de origem cigana.

grande guarda-chuva étnico cultural, pois absorveram essências dos lugares pelos quais passaram e se fixaram.

Costuma-se dizer que não se pode falar de uma música cigana original, pois o nomadismo fez com que os ciganos recebessem influências de vários povos, mas também influenciaram marcantemente, ficando por isso difícil delimitar o que é ou não genuinamente característica do povo cigano. A dança russa, o violino romeno e as melodias húngaras indubitavelmente se enriqueceram com o ritmo cigano (PEREIRA, 1987, p. 79).

Figura 12: Mosaico étnico cultural cigano.



Fonte: Montagem da autora. ⁶

Cada país tem um jeito próprio de dançar a dança dos ciganos; tem vestimentas e música específicas, muitas vezes muito similares às músicas, danças e vestimentas tradicionais do país, porém com um toque cigano. Segundo Hilkner (2008) em seu trabalho ‘Ciganos: peregrinos do tempo’, ela afirma que:

⁶ Disponível em: Índia: <http://www.rajasthanvisit.com/Sapera-Dance.htm>; Rússia: <http://www.barynya.com/images/riu/26.jpg>; Egito: <http://www.babayagamusic.com/Encyclopedic-Dictionary-Ethnic-Arts/ghawazee.htm>; Romênia: <https://www.alamy.com/stock-photo/europe-romania-transylvania-gypsy-wedding.html>; Iraque: <https://mediastore.magnumphotos.com/CoreXDoc/MAG/Media/Home5/0/0/6/2/NYC1910.jpg>; Balcãs: <https://indigo.uic.edu/handle/10027/8097>; Turquia: acervo pessoal da autora; Brasil: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/07/14/interna_cidadesdf,376922/mesmo-com-tendencia-nomade-150-pessoas-se-fixaram-perto-de-planaltina.shtml e Espanha: <https://granadainfo.com/tapichuela/sacromonte.htm>

(...) a dança cigana atravessou séculos, entre a clandestinidade e as perseguições e foi duramente combatida pela igreja católica, dizíamos que alegraríamos os gadjés, só assim permitiram que disfarçássemos a realidade da dança (HILKNER, 2008, p. 183).

Hoje, as danças ciganas mais conhecidas e estudadas são as de países como: Índia (Kalbeliya), Egito (Ghawazee), Turquia (Roman Havasi e Ciftetelli), Rússia (Russka Roma), Romênia (Çingerdi e Manea), Hungria (Cigány Tánc), Grécia (Tsiftetelli), países dos Bálcãs (Čoček e Kolo), Portugal, Espanha, França (Rumba), Iraque (Kawliya), Brasil (Romanês e Rumba Brasileira). Mesmo assim, com todas essas diferenças, ainda são consideradas danças ciganas, pois são representações corpóreas, rítmicas e estéticas dos costumes e tradições de uma etnia.

Nas sociedades ágrafas, como a cigana, só resta o corpo, funcionando como um livro ou um álbum, a pele como um pergaminho onde se inscreve uma história, uma recordação, um grito, uma esperança. As marcas corporais ciganas funcionam como uma veste. Em seus corpos, incontestavelmente, estão registradas marcas visuais que, por vezes, usando a fantasia e o simbolismo, buscam espelhar a sua história e a sua ancestralidade. Há muitos séculos, ciganos partiram da Índia, mas ainda mantém em seus trajes a perpetuação dessa memória. O corpo cigano é uma representação forte que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e ideias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo. Em outras palavras, por maior que pareça ser criativa uma nova forma de representação, ela virá sempre impregnada daquela memória cultural e vivencial, que acaba impregnando nossas atitudes. Independentemente da época e do local, o corpo cigano se inscreve obrigatoriamente em seu sistema cultural, alicerçado nas experiências assimiladas pelo clã, de acordo com os códigos que esse grupo reconhece e que é capaz de colocar no interior da fronteira móvel que delimita o imaginário do real (HILKNER, 2008, p. 213).

É importante ressaltar que a dança, em conjunto com a música, são manifestações culturais que encarnam a expressão da alma cigana. Numa trajetória marcada pelos preconceitos, rejeições e perseguições, os ciganos aprenderam a trazer para o corpo a manifestação dos seus sentimentos mais profundos onde, na dança, são expressados numa estética intensa de movimentos, gestos e olhares que encantam e fascinam o público.

Sigamos então pesquisando, trazendo para a luz os conhecimentos, técnicas e sentimentos dessa cultura ágrafa e registrada no corpo desse povo, sigamos registrando as mais diversas formas de dançar a dança dos ciganos e trazendo-a para o espaço cênico como forma de arte e ao mesmo tempo de resistência de um povo tão

discriminado e esquecido. Sigamos descobrindo o que são as danças ciganas, visto que a cultura cigana ainda está viva, em transformação e precisando ser respeitada. Ciganos... Sigamos...

3 METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos escolhidos para esta pesquisa consistem na consulta e coleta de fontes impressas através da análise de conteúdo (BARDIN, 1977; TRIVIÑOS, 1992) e na análise de fontes orais (ALBERTI, 1989). Através de uma pesquisa fundamentada na história oral e na história cultural, se investigou como a dança cigana cênica surgiu no estado e o que a fez ter uma difusão e ampliação de público nos últimos anos.

A história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar deste objeto de estudo. Como consequência, o método de história oral produz fontes de consulta (entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, etc., à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam (ALBERTI, 1989, p. 1-2). Portanto, devido à precariedade de documentação escrita e principalmente oficial, e pela história da cultura cigana estar fundamentada em tradições orais, a história oral foi o método mais adequado ao objeto de análise.

A história oral se relaciona à abordagem de estudo descritivo e qualitativo. A pesquisa qualitativa, segundo Negrine (2004), acredita que as generalizações não são possíveis, pois se refere a um contexto particular. Ela se centra na descrição, análise e interpretação das informações colhidas durante o processo investigatório. Além disso, toda pesquisa parte do que já existe de bibliografia e documentos sobre o assunto. Neste sentido, a pesquisa é bibliográfica e documental sobre a cultura cigana e de coleta de dados.

A história representando um momento de registro do passado tem alcançado um novo olhar no contexto atual. Pesavento (2002) mostra a importância das fontes diversas que podem contar a história dizendo que, se não podemos estar no passado para viver os fatos que já aconteceram, temos que nos envolver de diversas formas para reconstruir a história partindo de um princípio fundamental onde todos os fenômenos envolvidos são compreendidos como culturais.

Desta maneira, a história cultural se afirma buscando a aproximação da verdade, reconstruindo os fatos passados, à luz do presente. A história é uma narrativa sobre o

passado, resultante de um entrelaçamento de objetividade e subjetividade. O conhecimento histórico é uma construção que envolve a subjetividade de quem escreve e a mediação entre o passado (objeto de investigação) e o presente (tempo no qual se escreve), porém, sem o juízo de valor do contexto contemporâneo do historiador (CUNHA, 2009).

Assim, através da história cultural temos a possibilidade de desvendar a realidade por meio das suas representações e construir o real de outros tempos acessando os registros e sinais do passado (fontes/documentos). Nesta pesquisa partimos do entendimento de que toda atividade humana produz história, posto que, tudo tem um passado que pode, em princípio, ser reconstruído e relacionado ao restante do passado. Para circular pela história cultural que este passado nos revela, nessas últimas décadas, no estado do Rio Grande do Sul, vamos referendar nossas reflexões com os autores Roger Chartier e Peter Burke.

Segundo Chartier (1990) o objetivo da nova história cultural é identificar o modo como em diferentes lugares (espaço) e momentos (tempo) uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler; desta forma, observar a cultura enquanto prática e estudá-la através de categorias como representação e apropriação. Estas categorias dão norte à visão, pois que, as práticas possibilitam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição.

Sendo assim, o registro da memória se torna um meio de conservar informações configurando-se num conjunto de conexões pelas quais podemos atualizar impressões ou informações passadas, ou que são representadas como passadas. Deste modo, esta pesquisa se propõe a construir uma versão da história através de fragmentos da memória social, tornando-se assim um ponto de referência para memória coletiva. Começa assim o desbravamento de uma parte da história da dança cigana no Rio Grande do Sul; montar e mapear esse grande quebra cabeças é a missão a ser realizada.

A população da pesquisa é composta de professoras de dança cigana (de origem cigana ou não) do estado do Rio Grande do Sul. A intenção desta pesquisa era inicialmente atingir as sete mesorregiões do estado. Para selecionar as professoras que foram entrevistadas, foi realizado um mapeamento através de redes sociais e e-mails, onde foram enviados formulários com perguntas referentes às cidades de atuação das profissionais, o ano em que começaram a fazer e dar aula, e o nome de suas primeiras professoras. Ao total foram enviados cem formulários, dos quais retornaram oitenta e

oito, conforme consta na tabela⁷ Mapa Genealógico da Dança Cigana Cênica no Rio Grande do Sul:

Tabela 1- Mapa Genealógico da Dança Cigana Cênica no Rio Grande do Sul.

Nome	Primeira Professora	Ano que começou a dançar dança cigana?	Cidade onde começou a dançar dança cigana?	Ano que começou a dar aula de dança cigana?	Cidade (s) que atua ou atuou como professora de dança cigana
Adri Silva	Luceli Pasinato	2011	Caxias do Sul	2014	Caxias do Sul
Amanda Neves de Andrade	Juan Arangurem	1999	Porto Alegre	2004	Porto Alegre
Ana Claudia Rodrigues	Cintia	2008	Porto Alegre	2018	Porto Alegre
Ana Satiq	Juliana Lorenzoni	2013	Novo Hamburgo	2017	Portão
Ana Sayuri	Neuza Gomes	2014	Canoas	2015	Canoas
Andréa Indiana	Lalla Gull	1999	Porto Alegre	2008	Porto Alegre
Andréia Vieira Lima	Juliana Lorenzoni	2014	Novo Hamburgo	2018	São Leopoldo, Sapiranga
Andressa Weydmann	Nani Lima	2006	Caxias do Sul	2016	Caxias do Sul
Ângela Turnes	Silvia Ramos	2007	Canela	2017	São Francisco de Paula
Bel Harika Gitana	Avó	1966	Porto Alegre	2007	Porto Alegre

Fonte: autoria própria.

⁷Essa tabela foi inicialmente feita com dez perguntas, e poderá servir no futuro para fomentar novos estudos acerca da história da dança cigana no Rio Grande do Sul. Neste estudo estamos utilizando somente as perguntas referentes à pessoa que respondeu e quem deu aula para ela.

Tabela 2- Mapa Genealógico da Dança Cigana Cênica no Rio Grande do Sul (continuação).

Bibiana Quiroga	Juliana Lorenzoni	2009	Novo Hamburgo	2010	São Leopoldo, Florianópolis
Brysa Mahaila	Odete Martinelli	1992	Porto Alegre	1998	Porto Alegre, Caxias do Sul, Pelotas, Rio Grande
Carla Genovese	Greice Kvietinski	2015	Bagé	2017	Bagé
Carol Klipel	Sayonara Linhares	2006	Novo Hamburgo	2009	Novo Hamburgo
Cátia Reyes Botelho	Greice Kvietinski	2003	Arroio Grande	2007	Pelotas, Arroio Grande
Charis Mahayla	Autodidata	2005	Viamão	2016	Viamão
Cláudia Bitencourt	Ana Paula Sampaio e Mariela Maia	1996	Campinas	2005	Rio Grande
Claudia De Marco	Sayonara Linhares	2003	Caxias do Sul	2013	Bento Gonçalves
Claudinha Goulart	Autodidata	2006	Viamão	2018	Viamão
Cleusa Falkenbach	Odete Martinelli	2000	Porto Alegre	2017	Porto Alegre
Crismara Santana	Ivone Bilhalva	2009	Porto Alegre	2015	Porto Alegre
Daiane Ramos	Sayonara Linhares	2012	Gravataí	2014	Osório

Fonte: autoria própria.

Tabela 3- Mapa Genealógico da Dança Cigana Cênica no Rio Grande do Sul (continuação).

Débora Fleig Paludo	Silvia Ramos	2012	Canela	2017	Canela
Debora Lis Lilah	Juliana Lorenzoni	2009	Porto Alegre	2013	Porto Alegre, Viamão, Alvorada
Deise Bordignon	Nani Lima	2011	Caxias do Sul	2012	Caxias do Sul
Denelci Peres Garcia	Sayonara Linhares	2002	Porto Alegre	2009	Porto Alegre
Eliane Fernandes	Deise Bordignon	2014	Caxias do Sul	2017	Caxias do Sul
Eliani Silva	Juliana Lorenzoni	2015	Osório	2017	Osório
Emmeline Azah	Madeleine	2000	Porto Alegre	2005	Porto Alegre
Etienne Zahira	Igah Hamaad	2008	Porto Alegre	2010	Porto Alegre, Canoas, Alvorada
Fernanda Mansur	Autodidata	2006	Porto Alegre	2014	Porto Alegre
Fran Suraya	Etienne zahira	2009	Porto Alegre	2011	Canoas, Alvorada, Cachoeirinha
Gabriela Becker	Silvia Ramos	2009	Canela	2017	Canela
Gina Vitola	Sayonara Linhares	2008	Porto Alegre	2010	Porto Alegre
Gisele Notti	Gina Vitola	2013	Porto Alegre	2015	Porto Alegre

Fonte: autoria própria.

Tabela 4- Mapa Genealógico da Dança Cigana Cênica no Rio Grande do Sul (continuação).

Greice Kvietinski	Autodidata	1996	Arroio Grande	2002	Arroio Grande, Bagé
Igah Hamaad	Rainha Sofher do clã Ciro Kalon	1995	Montevideo	2007	Porto Alegre, Canoas, Viamão, Triunfo, Dom Pedrito, Capão da Canoa, Imbé, Guaíba, Eldorado do Sul
Janahina Borges	Igah Hamaad	2009	Pelotas	2012	Pelotas
Jenifer Endres	Sayonara Linhares	2007	Novo Hamburgo	2014	Novo Hamburgo
Jéssica Prestes	Gina Vitola	2013	Porto Alegre	2017	Porto Alegre
Juan Arangurem	Diva Rodrigues	1990	Porto Alegre	2000	Porto Alegre
Juliana Johann	Thais Francisco.	2011	Viamão	2016	Viamão
Juliana Lorenzoni	Sayonara Linhares	2005	Novo Hamburgo	2008	Porto Alegre, Esteio, São Leopoldo, Novo Hamburgo, Montenegro, Ivoti, Igrejinha

Fonte: autoria própria.

Tabela 5- Mapa Genealógico da Dança Cigana Cênica no Rio Grande do Sul (continuação).

Jurema Vieira Gonçalves	Gina Vitola	2012	Porto Alegre	2018	Porto Alegre
Kristian Galvão	Catiane Cunha	1996	Canoas	Não informado	Canoas
Lalla Ghull	Avó	1970	Porto Alegre	1996	Porto Alegre
Léa Santos	Nani Lima	2008	Caxias do Sul	2012	Caxias do Sul
Liliane de Mendonça da Cruz	Rayssa Gawasy	2007	Porto Alegre	2015	Porto Alegre
Liza Schaefer	Sayonara Linhares	2005	Novo Hamburgo	2008	Ivoti
Luceli Pasinato	Nani Lima	2007	Caxias do Sul	2010	Caxias do Sul
Lucy Linck	Carol Klipel	2010	Novo Hamburgo	2016	Novo Hamburgo
Magda Vieira	Gina Vitola	2011	Porto Alegre	2017	Porto Alegre
Manoela Bazacas	Gina Vitola	2008	Porto Alegre	2010	Porto Alegre, São Leopoldo
Márcia Loureiro	Autodidata	2010	Pelotas	2010	Pelotas
Maria Helena Klein	Thaís Bernardes	1960	Novo Hamburgo	2007	Novo Hamburgo
Mariane Lazzaretti	Sayonara Linhares	2008	Novo Hamburgo	2012	São Leopoldo, Novo Hamburgo, Rolante

Fonte: autoria própria.

Tabela 6- Mapa Genealógico da Dança Cigana Cênica no Rio Grande do Sul (continuação).

Marina Sobrosa	Virginia Diano	2010	Florianópolis	2017	Montenegro
Marinei Rosa	Charys Mahaila	2007	Viamão	2012	Bagé, Viamão
Melissa Assumpção Vieira	Autodidata	1996	Canoas	2000	Canoas, Porto Alegre
Melissa Rossi Ruppenthal	Silvia Ramos	2013	Canela	2014	Canela
Michele Trentin	Autodidata	1996	Caxias do Sul	2004	Caxias do Sul
Mila Mariz	Gina Vitola	2013	Porto Alegre	2018	Gramado
Mitchely Pires	Luceli Pasinato	2010	Caxias do Sul	2017	Caxias do Sul
Nani Lima	Sayonara Linhares	2007	Caxias do Sul	2009	Caxias do Sul
Neuzinha Quinteiro	Lalla Gull	1998	Porto Alegre	2003	Porto Alegre
Odethe Martinelli	Maria Lou Couto	1995	Porto Alegre	1995	Porto Alegre
Patrícia Mihr	Juan Arangurem	2009	Porto Alegre	2012	Porto Alegre
Rayssa Gawazy	Egnes Gawazy	1999	Porto Alegre	2006	Porto Alegre
Regina Santos	Gina Vitola	2004	Porto Alegre	2005	Porto Alegre, Alvorada
Renato de Boita	Kristian Galvão	2011	Canoas	2018	Canoas

Fonte: autoria própria.

Tabela 7- Mapa Genealógico da Dança Cigana Cênica no Rio Grande do Sul (continuação).

Rita Laranjeira	Egnes Gawazy	1999	Porto Alegre	2008	Porto Alegre
Roberta Pereira	Neuza Quintero	2010	Porto Alegre	2015	Porto Alegre
Rosana de Castilhos	Annya Kalitsh	2001	Rio de Janeiro	2011	Caxias do Sul
Rosiclea Curtinaz	Melissa Assumpção Viera	2001	Canoas	2008	Canoas
Saliha Nahid	Kristian Galvão	2005	Porto Alegre	2010	Porto Alegre
Sayonara Linhares	Virginia Diano	2000	Florianópolis	2003	Porto Alegre, Novo Hamburgo
Shanasis Al Shams	Silvia Prux Ayala	2002	Porto Alegre	2010	Porto Alegre, Novo Hamburgo, Santa Maria
Sidinéia Milano Garcia	Igah Hamaad	2009	Rio Grande	2011	Pelotas, Rio Grande
Silvia Ramos	Nani Lima	2009	Caxias do Sul	2009	Canela
Thais Francisco	Leonikda D'avilla e Santa'Anna Santana	Desde que nasceu	Viamão	Não informado	Porto Alegre, Esteio, Viamão
Ulilan Maciel	Nani Lima	2010	Caxias do Sul	2012	Caxias do Sul

Fonte: autoria própria.

Tabela 8- Mapa Genealógico da Dança Cigana Cênica no Rio Grande do Sul (continuação).

Vânia Fadrique de Araujo	Márcia Loureiro	1989	Pelotas	2001	Pelotas
Vera Cariello	Gina Vitola	2013	Porto Alegre	2015	Porto Alegre, Cachoeirinha
Vic Fonseca	Jeane Fialho	2013	Gravataí	2016	Gravataí
Victoria Bellinaso	Etienne zahira	2012	Porto Alegre	2017	Capão da Canoa
Vilda Savaris	Autodidata	2001	Caxias do Sul	2002	Caxias do Sul
Walkiria Regert	Greice Kvietinski	2015	Bagé	2016	Bagé

Fonte: autoria própria.

Sendo assim, a partir das respostas coletadas, foram identificadas dez professoras pioneiras ou maiores formadoras. A partir destas dez, identificamos quais eram as regiões de atuação de cada profissional. Destas dez pioneiras, cinco responderam afirmativamente para participar da entrevista, das cinco, três são da região metropolitana, sendo elas: Sayonara Linhares, Melissa Assumpção Vieira e Gina Vitola, uma da região nordeste: Michele Trentin, e uma da região sudoeste e sudeste: Greice Kvietinski Machado. Com isso, nos possibilitando alcançar a maioria das mesorregiões estimadas no começo deste trabalho.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas abertas com as professoras identificadas como pioneiras de dança cigana do Rio Grande do Sul, que incluíram as fases de transcrição, copidesque, pesquisa, conferência de fidelidade e devolvidas para as entrevistadas para autorização de divulgação. “As perguntas abertas abrem caminhos para que o entrevistador possa, no decorrer da entrevista, obter informações mais exatas sobre o que deseja saber” (NEGRINE, 2004, p. 76).

A palavra entrevista, segundo Negrine (2014, p.73) compreende “o significado de encontro combinado, marcado entre pessoas para ocorrer em lugar previamente determinado”. O mesmo autor ainda complementa que a entrevista “diz respeito ainda à prestação de informações ou de opiniões sobre determinada temática, feita de forma oral, pelo entrevistado”.

Quando fazemos uso da entrevista “semiestruturada”, por um lado, visamos garantir certo rol de informações importantes para o estudo e, por outro, para dar maior flexibilidade à entrevista, proporcionando mais liberdade para o entrevistado aportar aspectos que, segundo sua ótica, seja relevante em se tratando de determinada temática (NEGRINE, 2004, p.75).

3.1 Coleta de dados

A coleta de dados seguiu os moldes estabelecidos no Projeto de pesquisa Arandù História e Memória da Dança e atende aos seguintes itens:

- Seleção de documentos e referências bibliográficas. Leitura e fichamento de aspectos relevantes para a pesquisa.
- Criação, organização, revisão e afinamento da pauta da entrevista.
- Elaboração dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).
- Mapeamento de pessoas a serem contatadas e agendamento das entrevistas.
- Transcrição das entrevistas, copidesque, pesquisa e conferência de fidelidade.
- Cruzamento dos referenciais teóricos com os dados produzidos nas entrevistas.
- Redação final do trabalho.

Critérios de inclusão e exclusão:

- Ter iniciado ou continuar sua trajetória com dança cigana no Rio Grande do Sul;
- Trabalhar difundindo a dança cigana no Rio Grande do Sul.

3.2 Análise dos dados

As respostas encontradas na coleta de dados foram cruzadas entre si e analisadas com o material bibliográfico existente para escrever esta versão da história da dança cigana no Rio Grande do Sul.

4 MEMÓRIAS DA DANÇA CIGANA CÊNICA

*"Os cientistas dizem que
somos feitos de átomos,
mas um passarinho me contou
que somos feitos de histórias"*

(Eduardo Galeano)

Como tudo na história do povo cigano, a dança também não tem o privilégio de ter sua história registrada em livros, vídeos ou museus. Estamos diante de um grande quebra cabeça que precisa ser montado e encaixado, para aos poucos trazer a imagem mais clara que está se montando à nossa frente. Algumas perguntas recorrentes para quem pesquisa o povo cigano são: de onde veio esse povo? Qual sua origem? E para quem pesquisa as danças desse povo, as perguntas que se configuram são: como começou essa dança? Quantas danças ciganas existem no mundo? Quais suas primeiras professoras? Seriam elas ciganas ou não ciganas? Como chegamos até aqui?

Tendo em mãos algumas das peças desse gigante quebra cabeça, venho a partir de agora apresentar os resultados encontrados na minha pesquisa, que me ajudam a trazer luz e dar visibilidade para a história da dança cigana, com foco principal no Brasil e em especial no Rio Grande do Sul. Os resultados estão assim divididos e apresentados:

- Dança cigana no Brasil: com base nas minhas vivências enquanto professora e bailarina de dança cigana e com a conexão das redes de relacionamentos com as outras professoras do país.

- Dança cigana no Rio Grande do Sul: com base nas falas das entrevistadas localizadas como pioneiras da dança no estado ou como professoras com grande visibilidade e maiores formadoras desta modalidade, incluindo minha vivência pessoal no estado.

4.1 Dança cigana no Brasil

*"A Terra é meu lar,
o Céu é meu teto e a
Liberdade é minha religião."
(Provérbio Cigano)*

No Brasil, nos dias atuais, onde a dança cigana tem um número significativo de praticantes fora das comunidades ciganas, escolas e academias de dança oferecem essa prática às pessoas não ciganas. O estudo e estruturação dessa modalidade é um caminho que está sendo trilhado, pesquisado e registrado, mas é preciso, em nosso país, ainda entender mais sobre as técnicas e diferenças da dança de cada etnia cigana do mundo.

Fazendo um panorama do país, vemos espalhado pelos quatro cantos uma forma muito brasileira de se dançar a dança cigana, onde a saia longa, colorida e muito rodada é um dos elementos principais, misturada com movimentos circulares dos pulsos e mãos, com a sensualidade no quadril e ombros, e na mente de quase todas as bailarinas uma premissa, a paixão e a liberdade.

Contudo, no país de modo geral, existe uma confusão entre a dança cigana tradicional executada pelos povos ciganos dos mais diversos países e a dança cigana mesclada com a religiosidade, espiritualidade ou ainda com a terapia. Isso se dá porque muitas pessoas ainda consideram essa dança uma forma de mística, onde é comum escutar expressões como: “a magia da dança cigana”, “a dança cigana é livre”, “dançando como uma cigana de alma”, entre outras tantas expressões muito usadas no meio artístico, desconsiderando os fatores antropológicos, históricos e estéticos que delinearam os movimentos, ritmos, vestimentas e expressões de cada modalidade de dança cigana, mostrando assim a falta de aprofundamento por parte de quem ministra essas aulas.

Vê-se pela fala de diversos autores de livros sobre a cultura e povo cigano, a dança de maneira romantizada e simplificada. Existe um consenso entre os autores, no conceito do que é a dança cigana, na maioria das publicações encontradas. Me refiro aqui a livros publicados, cuja dança seria a livre expressão de um povo, seja em festividades ou no dia-a-dia. Porém em quase todos os discursos, a liberdade de ser um indivíduo pertencente à etnia cigana, que mantém viva a cultura e a tradição, é diferente da liberdade que não ciganos sentem ao dançar essa dança.

Uma pergunta que sempre me faço com relação ao sentir e a técnica é, se um cigano que desde tenra idade escuta ritmos e executa passos de maneira natural, pelo fato de isso fazer parte de sua vida diária, de copiar dos mais velhos seguindo a tradição da oralidade, sendo assim aprendendo e absorvendo a técnica da sua dança, a sensação de liberdade é uma premissa que não será discutida ou pensada, pois a técnica daquele estilo já é inerente a este ser, ele se sentirá livre para dançar e improvisar.

Porém, para um *gadjé*, que precisa ir para a escola de dança aprender esse ritmo, aprender os passos, processar a técnica, não será depois disso tudo incorporado em seu repertório de movimento, também inerente ao ser, sentir a liberdade de se expressar através da dança? Então a dança cigana é somente sentir, é livre ou precisa de técnica? Acredito que muitas das confusões que acontecem hoje em dia, no Brasil, acerca dessa modalidade, é por falta de um aprofundamento no estudo de cada etnia cigana, sua história, sua música, estilo de dança e técnicas. Sendo assim, quando o tema é desconhecido, fica muito fácil confundir as coisas e mesclar o popular ou tradicional com a fantasia e o místico.

Voltando para a questão do misticismo que envolve a dança cigana no Brasil, Dário (2011) deixa explícito em seu livro ‘Ciganos’ esse pensamento acerca dessa modalidade:

A dança trabalha os pontos energéticos de nosso corpo e faz a captação de energias do cosmos para uma limpeza espiritual, e pelos chacras as energias negativas vão sendo retiradas. Qualquer pessoa pode aprender a dança cigana, pois não é necessário ter sangue cigano, e sim, ter alma cigana (DÁRIO, 2011, p. 27).

Lyz (2000), que escreveu um dos únicos livros que foi publicado exclusivamente sobre dança cigana, continua na mesma linha de pensamento do autor citado acima, ressaltando que para além da manifestação artística e cultural de um povo, a dança é uma forma de terapia, onde é possível acessar sua “magia interior”, sua “cigana interior” ou ainda “sua alma cigana”:

A força da dança cigana compara-se a um grande ritual de magia. A alegria de seus movimentos, acompanhando os sons dos violões e violinos, tocam o s sentimentos mais profundos de todos os nossos chacras [...] Além do que se imagina, a arte da dança cigana é um campo fértil para a revelação dos bloqueios, do caráter e dos sentimentos das pessoas. Portanto, é uma dança do corpo e da alma, onde certos sentimentos que porventura possam surgir no decorrer do processo de cada um precisam ser disciplinados e dominados (LYZ, 2000, p.43 e 45).

Sendo assim, para entender todo esse misticismo ao redor da dança cigana precisamos perceber outros movimentos que aconteceram, para além da religiosidade. A dança cigana no Brasil começou a ser amplamente difundida recentemente, a partir da chegada do grupo francês Gipsy Kings com suas rumbas flamencas, na década de 80, em cuja época havia pessoas admiradoras e seguidoras da moda e música cigana, porém sem nenhum conhecimento da dança cigana.

Dá-se início neste período o surgimento de alguns grupos que começaram a dançar uma dança mais “simples”, “livre” e “de alma”, formatada a partir das características e referencial de movimento da dança flamenca, incrementada pelo colorido e imaginário popular acerca da cultura cigana. Essa nova modalidade começou a captar alunas que não se sentiam aptas a dançar flamenco e ao mesmo tempo viu-se formatar eventos ciganos e grupos que se apresentavam nestas festas de temática cigana.

Neste período e contexto, a dança cigana e o flamenco eram encarados de maneiras diferentes em sala de aula. Segundo Fonseca (2002), a imagem que a dança cigana tinha nessa época era de uma dança alegre e livre, ficando assim explícita a representação que as pessoas têm sobre a diferença entre o flamenco e a dança cigana, ainda nos dias atuais:

A dança cigana não necessitaria de ensaios exaustivos, de controle das emoções. Bastaria deixar fluir “a cigana que estaria escondida dentro de cada um”. Já na dança flamenca, seria preciso ser “bailarino”, o que seria o mesmo que dizer “profissional” da dança. Alguém que estuda, que ensaia, que busca aprimorar a técnica individualmente para poder aplicá-la quando a sincronia do grupo estiver sendo exigida. Ao mesmo tempo, hierarquiza-se a dança, vendo no flamenco uma superioridade que poderia estar associada à sua condição de dança folclórica de um país, legitimada como representante cultural; enquanto a dança cigana pretende ser a representante de um povo sem nacionalidade definida, que toma de empréstimo ritmos e tradições de vários países. Pelo discurso dos alunos e bailarinos destas duas modalidades, esta oposição representa a divisão entre o pensar e o sentir, a razão e a emoção. Para ser um bailarino de dança flamenca seria preciso esforço físico, dor, pensar em cada movimento, ensaiar exaustivamente, enquanto que para ser uma bailarina de dança cigana, bastaria deixar a emoção fluir. Algumas marcações são estudadas, mas deveria “sentir a música e viajar” (FONSECA, 2002, p. 75-76).

Sendo assim, desde esta época a dança cigana no Brasil é encarada como uma dança fácil, alegre e sem necessidade de estudos técnicos, reforçando, deste modo, que basta se vestir de cigana e sacudir a saia para saber dançar. Começou nesta época a ser formatada uma maneira muito brasileira de se dançar as rumbas flamencas, que com o seguir dos anos, iria se tornar uma técnica dominada e ensinada por todas as professoras

de dança cigana, uma mescla de passos de flamenco simplificados com o manuseio habilidoso de saia e elementos como leques, xales e pandeiros.

Seguindo esta onda, tivemos outro grande momento no país que fez a dança cigana ter mais seguidores e adeptos da modalidade, isso se deu com a estreia da novela ‘Explode Coração’, produzida e exibida pela Rede Globo de televisão, que foi ao ar de 06 de novembro de 1995 a 03 de maio de 1996, onde o povo brasileiro conviveu diariamente, em horário nobre, com as histórias de duas famílias ciganas, Sbano e Nicolich.

Figura 13: Personagens ciganas femininas da novela Explode Coração – 1995.



Eliane Giardini, Stela Freitas, Leandra Leal, Tereza Seiblitiz e Laura Cardoso em Explode Coração, 1995. TV Globo

Fonte: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/explode-coracao.htm>.

A novela ambientava os “tradicional costumes” do povo cigano, seus rituais, ofícios, festas e crenças em contraponto com o mundo moderno e tecnológico. Escrita por Glória Perez, a novela Explode Coração apresentava como enredo principal o triângulo amoroso da cigana Dara, seu prometido, o cigano Igor e o empresário não cigano Júlio Falcão. A partir desse momento, eis que os ritmos ciganos viraram novamente moda na época. Voltam com toda a força para o Brasil as músicas do grupo Gipsy Kings, e dá-se notoriedade para a banda brasileira de origem cigana Mio Vacite e o Encanto Cigano, que gravaram o disco Coração Cigano, para a novela, com músicas

autorais cantadas em romanês e releituras de músicas ciganas clássicas. A partir desses sucessos, marcou-se profundamente no imaginário do brasileiro o que são as referências de músicas e danças ciganas.

Violinos, lenços e baralhos entraram nos lares através da tela de televisão, por intermédio de uma novela transmitida pela emissora mais poderosa do país. Uma espécie de “moda” cigana tomou conta das ruas. Saias que anteriormente eram usadas por hippies, passaram a ser denominadas ciganas, bem como argolas e pulseiras, com moedas e pedras, e lenços coloridos, passaram a fazer parte do vestuário feminino. “Nunca a imagem positiva do “cigano alegre” havia sido tão difundida pela mídia.” “A cultura cigana é fascinante (...) é um povo muito alegre e espontâneo”, repetia em entrevistas a autora Glória Perez. Na novela em questão, bastava aparecer um grupo de ciganos, que lá estavam eles cantando e dançando (FONSECA, 2002, p.13).

Figuras 14 e 15: Moda Cigana - Revista Manequim Janeiro/1996



Fonte: <https://produto.mercadolivre.com.br/>

MLB-964694651-rev ista-manequim-433-tere za-seiblit z-cigana-ca missetas-calças-_JM.

A novela *Explode Coração* abriu no Brasil um novo mercado para as profissionais da dança, conforme relatos de professoras de todo o país. Sendo nas grandes capitais, como São Paulo, Florianópolis e Rio de Janeiro, ou nas cidades interioranas do Brasil, provavelmente todas as mulheres queriam saber dançar como a Dara, personagem principal da novela.

Figura 16: personagem Dara,
da novela *Explode Coração* – 1996



Fonte: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/explode-coracao.htm>.

Sabe-se que existiam, no Rio de Janeiro, grupos de música cigana que tinham apresentações de dança anteriores à novela, esses grupos eram: o Grupo Encanto Cigano do seu Mio Vacite (que posteriormente trabalharam como músicos e elenco de apoio na novela), em que as ciganas da família desempenhavam o papel de dançarinas e os ciganos de músicos, e o grupo de dança chamado Carruagem de Fogo, da Natalia Sussekind, grupo de dançarinas com o enfoque de dança cigana para show. Porém, esses dois grupos eram fechados e não se tem registro se existiam aulas regulares de dança cigana para pessoas não integrantes do elenco.

A partir desse momento, após a moda da novela, durante um tempo a dança cigana foi se desenvolvendo no país de maneira tímida e desordenada, dançada de modo livre ou terapêutico, dançando a música pela música, e não pela técnica ou com o comprometimento de cada estilo e estética de dança cigana. Este momento provavelmente foi quando se difundiu o imaginário popular que a dança cigana é fácil, livre e sem técnica. Porém somente a partir dos anos 2000 começaram a surgir, de

maneira mais expressiva, professoras dessa modalidade interessadas em estudar, pesquisar e catalogar as diferentes danças ciganas, para além do fantasioso, mais próximo da dança real das etnias.

Vale ressaltar que, esse trabalho que está sendo feito, de pesquisa e registro das danças ciganas, num futuro irá servir de apoio tanto para ciganos quanto para não ciganos, pois segundo expõe a cigana Liz Vacite, em sua palestra sobre a dança cigana no Brasil, que está na plataforma do youtube⁸, hoje em dia, no Brasil, não existe mais dança cigana de acampamento, e em algumas comunidades ciganas brasileiras, a dança e a música não estão mais sendo passadas de geração em geração, estão se perdendo. Liz relata também que muitas ciganas de acampamento dizem que aprenderam a dançar com a novela Explode Coração, e que muitos ciganos, por exemplo, nos acampamentos do nordeste, estão dançando em suas festividades e dia a dia, danças regionais como o forró ou o sertanejo.

Fazendo uma relação com o movimento que acontece em torno da música cigana no Brasil, conseguimos facilmente entender o que a cigana Liz expõe em sua palestra. Pereira (2009) apresenta que os ciganos no país que se destacam na arte musical são os ciganos provenientes do grupo Rom, com suas músicas acompanhadas por violinos, pandeiros e acordeão. Segundo Pereira (2009), os ciganos nômades de origem Calon não conheceram o flamenco, e as músicas tocadas em suas festas na atualidade são músicas românticas e sertanejas tocadas com violão. Segundo ela, este fato seria facilmente explicado por eles viajarem por todas as cidades do interior do país.

Voltando para o tema da dança cigana e trazendo as palavras da própria cigana Liz, no Brasil, “a dança está se perdendo e é necessário fazer políticas públicas para isso também, eu vejo *gadjés* dançando mais bonito que ciganas, enquanto os ciganos estão dançando forró nos acampamentos”. Sendo assim, é de grande importância o trabalho que está sendo desenvolvido pelo grande número de professoras de danças ciganas espalhadas pelo Brasil, as quais estão catalogando as danças ciganas e fazendo registros para que essa dança não se perca totalmente no tempo e na memória dos mais velhos.

⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=F1B-iPIBZck>

4.2 Dança cigana no Rio Grande do Sul

*"Ainda que montes um cavalo virado para cauda,
ele continuará a cavalgar para frente".*

(Provérbio Cigano)

No Rio Grande do Sul, seja em Porto Alegre, região metropolitana, ou no interior do estado, não foi diferente do restante do país: as mulheres procuravam professoras e escolas de flamenco e dança do ventre em busca da dança cigana da novela. A cigana Dara era musa inspiradora e povoava o imaginário de homens e mulheres. A partir das entrevistas feitas com as professoras pioneiras do estado, pude identificar dois momentos muito importantes da dança cênica por aqui. O primeiro logo após a novela, quando a moda cigana estava em alta e houve uma grande procura pela dança cigana nas academias e escolas, abrindo um novo campo de trabalho no universo da dança, e o seguinte, a partir dos anos 2005, quando começa a se ter mais acessos a materiais de pesquisa e às reais danças ciganas do mundo.

Começando a fazer a costura sobre as memórias da dança cigana no Rio Grande do Sul, trago a fala das personagens que hoje têm um papel importante dentro da dança no estado e que se destacam por serem pioneiras, seja em suas pesquisas, tempo de estudo ou atuação. Dentre elas trago as memórias da Greice Rita Kvietinski Machado, que na época vivia na cidade de Arroio Grande, no sul do estado, e sua experiência como professora de dança cigana começa com seu encantamento com a novela e sua musa inspiradora, a personagem Dara; e logo na sequência, a procura das mulheres de sua cidade em dançar a dança da novela.

Foi então que veio a novela Explode Coração e a Dara se tornou minha musa inspiradora, e aí envolvendo o pouco que eu sabia, sobre a dança do ventre, busquei mais um pouco no que a novela oferecia. Com o tempo começou a sair mais material sobre cultura cigana em várias revistas, e em outras publicações, mas não era nem de perto a quantidade do que temos hoje, porém era o que tínhamos e com o que podíamos pesquisar. Então eu ensaiava sozinha e dali tentava passar para as minhas alunas. Sou professora de artes visuais e trabalhava em uma escola particular. Um dia a diretora da escola me pediu que eu ensinasse ela a dançar, então nessa brincadeira de ensinar ela a dançar a história virou realidade e aí de repente quando eu vi, eu tinha três alunas, de três passou para seis, de seis passou para doze, de doze passou para vinte e poucos. Aí quando eu ainda estava em Arroio Grande, depois de quatro anos, eu tinha oitenta e seis alunas, em uma cidade bem pequenininha, que não sabia nada sobre danças orientais ou ciganas (MACHADO, 2017, p. 4).

Greice acredita que com a novela, a dança começou a ser conhecida “pois antes disto não havia enfoque nesta modalidade. A mídia divulgou muito bem a magia que esta dança tem” (MACHADO, 2017, p. 11). Essa fala vem reforçar o fato de que antes desse momento midiático, trazido através da novela na década de 90, não se tinha informações relevantes sobre a dança cigana cênica no estado, vindo de acordo com esse pensamento, Gina, em sua entrevista diz que:

Se algum cigano dava aula de dança, ou se alguém tinha uma vertente, não era divulgada. Eu acho que a novela propiciou a divulgação, mas não sei se o surgimento da dança cigana em si. É que a gente não sabe o registro, eu creio que já deveria existir algum pessoal que trabalhava com a dança cigana, até porque devia ser escondido, até por uma questão de preconceito (VITOLA, 2017, p. 9).

Ainda sobre esse período da novela, Melissa Assumpção Vieira, que vivia em Canoas, na região metropolitana, relata a importância da mídia em torno da cultura cigana:

Na Explode Coração, aquilo foi uma coisa assim, que as pessoas só queriam, só queriam aquilo, sem nem entender direito o que era, eu acho que esse foi o mais importante fato. Na verdade foi quando as pessoas conheceram, porque até então ninguém falava nada sobre isso... Não era uma coisa popular, era uma coisa misteriosa, escondida (VIEIRA, 2018, p. 13).

Gina Vitola, personagem que faz parte da história da dança no estado, na época da novela tinha por volta de dezessete anos e morava em Viamão, região metropolitana, e relata seu encantamento e conexão com o tema cigano, tendo em vista que sua família tinha tido contato real com ciganos de acampamento no interior do estado. Nesta época Gina ainda não trabalhava com dança e nem praticava dança cigana, mas já despertava o interesse sobre o tema.

A dança cigana entrou na minha vida a partir da novela Explode Coração, foi um resgate na realidade, porque eu ouvia a minha mãe falar que o meu avô acolhia os ciganos quando passavam nas terras dele, então a minha avó comprava tachos, eles ficavam um tempo lá, tinha um certo intercâmbio e afinidade entre os ciganos e a família Vitola, a mãe comentava que via os acampamentos ciganos, até contava algumas histórias (...) Então quando eu acessei a energia cigana através da novela, a mãe começou a trazer um pouco dessas informações e eu tinha uns dezessete, dezoito anos, eu lembro que eu analisava bastante os movimentos de dança, apesar de saber que dentro da novela havia coisas que faziam parte do contexto cigano e muitas coisas eram apenas parte do enredo da novela, mas como eu não tinha muito conhecimento naquela época... Praticava a dança de uma forma espontânea, fazia as apresentações para a minha família, já buscava uma conexão com essa energia cigana (VITOLA, 2018, p. 2 -3).

Finalizando essa costura sobre a influência da novela nas atuais professoras de dança cigana, trago minha experiência pessoal, pois no período da novela, eu tinha doze anos e tenho lembranças de um encantamento pela cultura e dança cigana, mas minhas memórias param por aí, porque na época vivia em Bom Princípio, uma cidade pequena na região do Vale do Caí e não tinha qualquer tipo de acesso a professoras de dança. Recentemente pude assistir a reprise da novela no canal Viva, que aconteceu neste ano de 2018, e analisar a novela com o conhecimento que tenho sobre a dança e cultura cigana.

Com essa oportunidade de assistir diariamente o programa, pude constatar que existem muitas coisas equivocadas na novela e na maneira que os ciganos foram representados, porém consigo imaginar o movimento das mulheres brasileiras em torno da magia e misticismo da cultura cigana naquele período. O colorido da roupa, a alegria das festas, e principalmente um enfoque muito importante para a dança, pela facilidade que seria dançar este estilo.

Acredito ainda que, somado aos estereótipos das ciganas Carmen⁹ e Esmeralda¹⁰, a dança da novela criou um imaginário popular brasileiro em torno dos ciganos, ora ladrões de crianças, violentos e forasteiros, ora como um povo místico, alegre, festeiro e pacífico. Segundo Castro (2011, p. 181), “embora significativo número de brasileiros afirme conhecer as tradições ciganas, este conhecimento está baseado no senso comum e as imagens construídas são remanescentes dos estereótipos seculares transmitidos através de relatos orais”. Reforçando as questões dos estereótipos, de ainda nos dias atuais haverem reverberações do que foi a dança na época da novela, e de muitas pessoas se referirem à dança cigana como a dança da “cigana Dara”, Trentin acredita que:

Às vezes a mídia passa uma ideia que não é realmente o que é a dança. Aí o que a novela passa fica como “isso é a dança” e ok, pode ser isso, mas muito mais, ou talvez não exatamente como está ali, mas a televisão chega para uma massa inteira, até tu falar para todo mundo que não é bem assim depois,

⁹ Carmen é uma ópera em quatro atos do compositor francês Georges Bizet, com libreto de Henri Meilhac e Ludovic Halévy, baseado na novela homônima de Prosper Mérimée. Estreou em 1875, no Opéra-Comique de Paris. A personagem principal é Carmen, uma cigana que usa seus talentos de dança e canto para enfeitar e seduzir vários homens.

¹⁰ La Esmeralda é uma ópera em quatro atos composta por Louise Bertin. O libreto foi escrito por Victor Hugo, que o adaptou de seu romance Notre-Dame de Paris (O Corcunda de Notre Dame). A ópera estreou no Théâtre de l'Académie Royale de Musique, em Paris, em 14 de novembro de 1836. A personagem Esmeralda é uma jovem cigana, cortejada pelos homens pela sua dança, porém simultaneamente, é rejeitada pela sociedade como feiticeira.

aí que está o “infelizmente”, mas felizmente porque foi uma maneira de todo mundo se interessar pela dança, pela cultura (TRENTIN, 2018, p. 16).

Ainda na época da novela, as profissionais que abraçaram o mercado da dança cigana não se sentiam totalmente aptas a trabalhar com essa dança por falta de material didático, tanto como músicas, vídeos e textos para aprofundamento no estudo. Foi preciso começar um trabalho árduo de pesquisa e catalogação dessa dança. Melissa, sobre seu início como professora de dança cigana, relata sua experiência anterior com o tema no sentido místico e não diretamente artístico:

Em 1994, 1996 eu já dava aula de cultura cigana, eu tinha turminha de magia cigana, magia com ervas, baralho cigano (...) eu jogava carta e dava aula de baralho cigano e aí essas pessoas começaram a pedir curso de dança cigana, eu disse “gente, eu estudo outras coisas, o flamenco é a dança cigana dos espanhóis, os ciganos espanhóis, mas eu não sei o resto como que é”, e aí me pediram, me pediram e eu comecei a procurar, e aí procurando catei a União Romani Internacional, tinha um cara que era um sociólogo lá em Pernambuco, Franz Moonen, (...) fui estudando as danças separadas, como é que os ciganos que viviam na Turquia dançavam (...) A gente estudava por fita, comprava as fitas assim, por exemplo o balé folclórico de tal lugar, era ali que a gente tinha para estudar entende, (...) era assim que a gente conseguia... E aí estudando a cultura dos ciganos daquela região, tinha um jornal que já estava lançando na internet, que era o Patrín, que eles que divulgavam o que estava acontecendo com os ciganos no mundo, como é que eles estavam se comunicando, se estabelecendo (VIEIRA, 2018, p. 4- 5).

Esse relato da Melissa vem ao encontro de outros relatos, nos quais as professoras buscavam em filmes de flamenco, como os do Antonio Gades, ou também balés como Esmeralda, inspirado no romance Notre Dame de Paris, de Victor Hugo, e óperas como Carmen de Bizet, inspirações para movimentos e mais informações sobre figurinos, música, dança e cultura cigana. Segundo Michele Trentin, era muito complicado ter acesso a material especializado, se é que existisse, era necessário buscar em outros estados, como São Paulo, mais informações para as aulas de dança cigana:

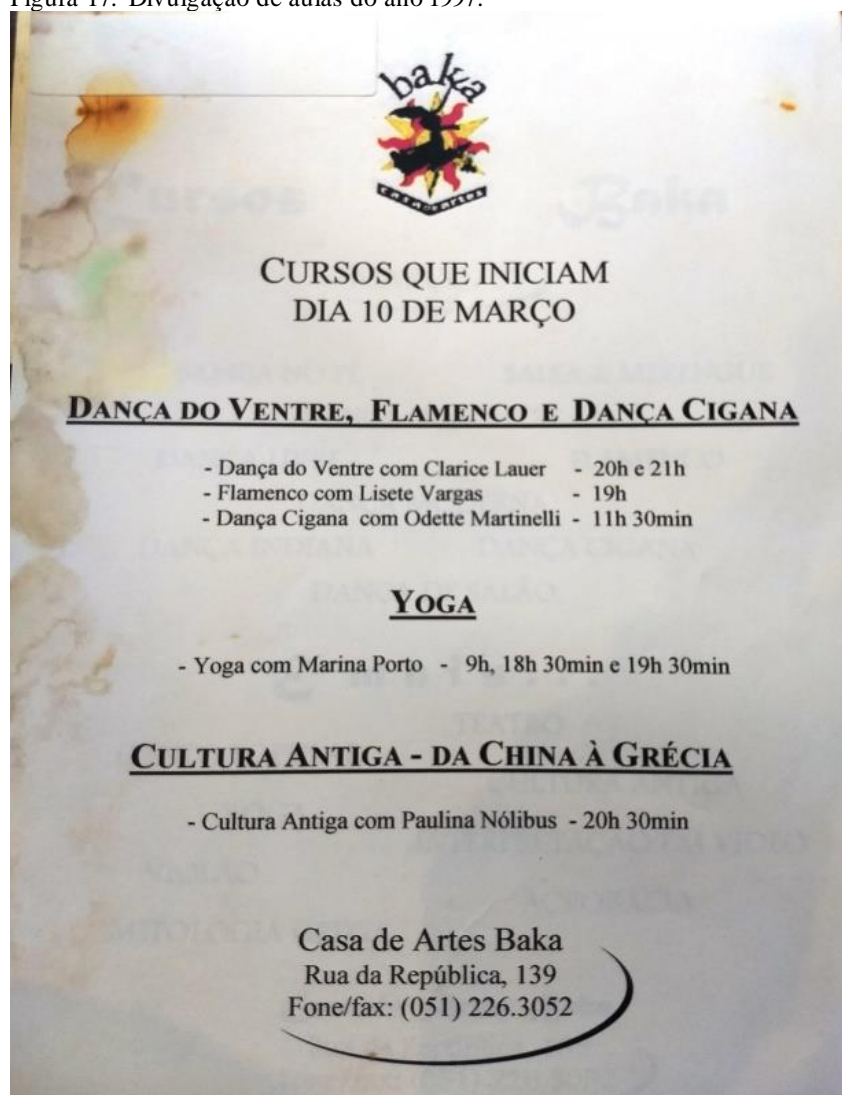
Não tinha VHS, era bem difícil mesmo. Em São Paulo (...) tinha a Samira Samia, aquela que organiza o Mercado Persa. Naquela época ela dava aula de dança cigana em São Paulo, até tenho os jornaizinhos, aquele Oriente Encanto e Magia, que elas faziam e tinha muita coisa de dança cigana, então ela (...) era uma referência, eu tinha fotos, mas não tinha VHS, não tinha nada, ela tinha um grupo, eu tenho esses jornaizinhos... (TRENTIN, 2018, p. 11).

Deste período de 1995/1996, do lançamento da novela até o período em torno de 2003, a dança cigana no estado manteve seu desenvolvimento discreto com relação ao público, a propagação nas mídias e nos festivais de dança. Vale lembrar que a dança cigana não morreu totalmente após a novela, seguiu tímida, muitas vezes fusionada com

outros estilos e sua expressividade no meio artístico era ainda muito pequena. Contudo, professoras como a Melissa Assumpção, Greice Machado e Odette Martinelli e outras, que haviam começado um trabalho de pesquisa sobre essas danças, seguiram seus trabalhos.

Numa pesquisa de campo feita na Casa Baka em Porto Alegre, pude localizar cartazes de divulgação de aulas, do período de 1997 a 2004, onde a dança cigana aparecia de modo flutuante nessas divulgações. A casa Baka abriu em 1993 e desde seu início existiam aulas de dança do ventre e flamenco, porém a dança cigana não estava o tempo todo presente, nos cartazes aparecem nomes das professoras como: Odette Martinelli, Silvia Prux Ayala e Melissa Assumpção Viera.

Figura 17: Divulgação de aulas do ano 1997.



ba/ka
CASA DE ARTES

**CURSOS QUE INICIAM
DIA 10 DE MARÇO**

DANÇA DO VENTRE, FLAMENCO E DANÇA CIGANA

- Dança do Ventre com Clarice Lauer - 20h e 21h
- Flamenco com Lisete Vargas - 19h
- Dança Cigana com Odette Martinelli - 11h 30min

YOGA

- Yoga com Marina Porto - 9h, 18h 30min e 19h 30min

CULTURA ANTIGA - DA CHINA À GRÉCIA

- Cultura Antiga com Paulina Nólibus - 20h 30min

Casa de Artes Baka
Rua da República, 139
Fone/fax: (051) 226.3052

Fonte: Acervo Casa Baka.

Figura 18: Divulgação de aulas do ano 1999.

1999 Casa de Artes Baka 5 anos

DANÇA DO VENTRE
BÁSICO
com HIND SAID SAID
Segundas das 14h às 16h
Quintas das 9h30 às 11h30
Sábados das 10h às 12h
Terças e Quintas das 18h30 às 19h30 ou 19h30 às 20h30

INTERMEDIÁRIO
com HIND SAID SAID
Segundas das 18h20 às 20h20
Sextas das 9h30 às 11h30
Sábados das 14h às 16h
com SILVIA PRUX
Segundas e Quartas das 20h30 às 21h30

AVANÇADO
com NORMA SAID SAID
Sextas das 18h30 às 20h30

SAMBA NO PÉ
com ANGELA BARLETTA (RJ)
Quartas das 18h30 às 20h30

DANÇA DE SALÃO
com SILVIA PRUX
Terças e Quintas das 18h30 às 19h30 ou 20h30 às 21h30
Segundas e Quartas das 21h30 às 22h30

TANGOS & BOLEROS
com JORGE MENDONÇA (RJ)
Terças e Quintas das 21h30 às 22h30

SALSA & MERENGUE
com MÔNICA JARA (Peru)
Segundas e Quartas das 21h30 às 22h30 - II
Terças e Quintas das 21h30 às 22h30 - I

FLAMENCO
com LEONOR MELO
Segundas e Quartas das 19h30 às 20h30 - I
Segundas e Quartas das 20h30 às 21h30 - II

DANÇA INDIANA
com ELIZA PIERIN
Sextas das 19h às 21h
Para crianças - Quartas e Sextas das 16h às 17h

SAPATEADO AMERICANO
com ROSANE FARINA
Terças e Quintas das 16h às 17h ou 20h às 21h

DANÇA CIGANA
com ODETE MARTINELLI
Terças e Quintas das 15h às 16h

YÓGA SWÁSTHYA
com KARIN HEUSER
Segundas e Quartas das 16h às 17h ou 18h30 às 19h30
Terças e Quintas das 10h30 às 11h30

FOTOGRAFIA
com ROGÉRIO RIBEIRO
Terças e Quintas das 19h30 às 20h30

MONTAGEM TEATRAL
com CYNTHIA CASTRO
Sextas das 18h30 às 20h30 - de 13 à 16
Sábados das 10h às 12h - de 8 à 12

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS
com CARLOS FERREIRA
Sábados das 16h às 18h ou Quartas das 19h às 21h

STORY-BOARD (CINEMA/TV/QUADRINHOS)
com CARLOS FERREIRA
Segundas das 19h às 21h

**AULAS PERSONALIZADAS
OU EM GRUPO**
- turmas manhã, tarde ou noite -

ARTES PLÁSTICAS
MÁSCARAS - MARIONETES
com ANDREA CASTRO

VIOLÃO POPULAR
com DAISY FOLLY

MITOLOGIA COMPARADA
com PAULINA NÓLIBOS

WORKSHOPS TRIMESTRAIS

**ALONGAMENTO
PARA DANÇA DO VENTRE**
com ANGELA TAVARES

DANÇA DO VENTRE
com SAMIRA SAMIA (SP)

NOSSA EQUIPE ESTÁ À DISPOSIÇÃO
DE SEGUNDA À SEXTA
DAS 9H ÀS 12H E DAS 14H ÀS 21H.

INFORMAÇÕES
226.3052 = República, 139

APOIO
TODÉSCHINI

Fonte: Acervo Casa Baka.

Provavelmente nesta história existem personagens que, de maneira individual nesta época, davam suas aulas, criaram seus grupos e tinham seus trabalhos de pesquisa, porém durante o levantamento de informações feitas para este trabalho, não foi possível encontrar essas pessoas e suas histórias na dança cigana cênica gaúcha. Logo, aqui está uma lacuna que precisa ser preenchida, visto que os relatos até o momento são insuficientes para fazer um panorama completo e as peças faltantes do quebra cabeças precisam ser encontradas.

No ano de 1997 começou a ter, de forma anual, um evento no Parque Moinhos de Vento (Parcão) em Porto Alegre, chamado Alma Cigana - Ritos, Cantos e Magia,

organizado pelo cigano de origem Calon, Sr. Anderson Bagesteiro (Pai Neco de Oxalá) e sua esposa Ana Lucia Bagesteiro (Mãe Ana de Oyá), sempre no mês de novembro. O evento tem como objetivo divulgar e consolidar a cultura cigana dos antepassados do Sr. Anderson, pois segundo ele, conforme entrevista cedida para a dissertação de mestrado de Débora Soares Castro¹¹, seus parentes teriam chegado a Porto Alegre nas décadas de 30, 40 e 50, e o local citado acima fora local de acampamento dessas famílias ciganas:

Meu avô Mathias Bagesteiro, junto com mais dois irmãos, saíram da Catalunha - Espanha, em 1910 - seguindo para o Uruguai de navio. Do Uruguai atravessaram em carroções para o Brasil até Saican – Rosário do Sul/ RS, em sua longa jornada, nas décadas de 30 e 40, acamparam nas baixadas dos Moinhos de Vento, hoje Parcão. Meu pai Mauricio Bagesteiro, nasceu em 21 de outubro de 1935, em Rosário do Sul, após seu nascimento acompanhou a viagem até o Parcão. Pela descendência ibérica, deduz-se que a família do Sr. Bagesteiro seja de origem Caló, pois não preservaram o idioma de origem, no entanto afirmam ser originários da Catalunha, Espanha. A forma de moradia do grupo é fixa. Não vivem em barracas, mas preservam a característica do acampamento durante a festa dos ciganos no Parque Moinhos de Vento. Através da dança cigana a família Bagesteiro mantém viva a cultura cigana, e, através do grupo de Dança – CIA de dança Alma Cigana – sob a coordenação de Ana Lúcia Bagesteiro, a tradição dos ciganos é passada aos demais membros da comunidade. Durante a festa do Parque Moinhos de Vento, tradicional no calendário de Porto Alegre durante o final do mês de novembro, o grupo comanda as apresentações festivas e apresenta a sua cultura para os leigos que pelo parque transitam (CASTRO, 2011, p.101-102).

Porém este evento não é um evento puramente focado em divulgar as danças ciganas tradicionais, mas sim um evento que envolve rituais religiosos mesclados com cultura cigana. Analisando vídeos¹² do grupo acima citado percebe-se que existem em suas danças, discursos, figurinos e movimentações uma forte influência de danças ciganas de terreiro¹³. Nota-se também que além do grupo Alma Cigana do Sr. Anderson, nas edições mais recentes do evento, grupos que pesquisam e trabalham com as danças ciganas tradicionais já estão se fazendo presentes para contribuir na divulgação da cultura cigana.

¹¹ CASTRO, Débora Soares. **O olhar de si e o olhar dos outros: um itinerário através das tradições e da identidade cigana**. 2011. 256 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

¹² <https://www.youtube.com/watch?v=djoB4tMu00Q> - Neste vídeo na plataforma do Youtube, fica clara a visão de Pai Neco de Oxalá e Mãe Ana de Oyá sobre o que é a dança cigana para eles e para sua Cia Alma Cigana.

¹³ Dança ritualística, onde o médium comunica corporalmente seu estado de transe e deixa transparecer *o outro* espiritual, que naquele momento apodera-se, mesmo que parcialmente, da sua mente. Ao longo do transe, as entidades manifestadas nos médiuns executam movimentações e gestos que caracterizam símbolos arquetípicos das entidades que habitam seu corpo. http://wikidanca.net/wiki/index.php/A_Dan%C3%A7a_na_Umbanda . Acessado em 03 nov. 2018.

Sobre esse período do entremeio após a novela até a década de 2000, sabe-se muito pouco onde e quais professoras seguiram dando aulas no estado. As informações coletadas são desencontradas, pois algumas professoras só atuaram naquele período e logo pararam, e outras continuaram de maneira tímida com suas turmas.

Figura 19: professora Odette Martinelli e alunas em apresentação no bar Americanto em Porto Alegre – 1996.



Fonte: Acervo pessoal Iracema Gracez.

Figura 20: Frequentadoras do bar Americanto, em Porto Alegre – 1997.



Fonte: Acervo pessoal Iracema Gracez.

Figura 21: noite cigana no bar Americanto, em Porto Alegre – 1998, na foto: Iracema Gracez, Elaine Oliveira e Antonio Olivar.



Fonte: Acervo pessoal Iracema Gracez.

Assim sendo, o movimento da dança cigana cênica teve pouca expressividade neste período após o “boom” da novela até os anos 2000, porém seguindo o exemplo do que ocorreu no Brasil, de modo geral, a dança cigana acontecia em eventos privados, festas com o enfoque religioso e em algumas festas temáticas ciganas e latinas em bares e espaços de cultura. A dança estava mais em locais alternativos do que em sala de aula com o formato que tem nos dias de hoje. A técnica era livre e “intuitiva”, e cada pessoa dançava seu próprio estilo. Um dos locais que aconteciam noites com temáticas latinas e ciganas era o bar Americanto, em Porto Alegre, onde seus proprietários Antonio Olivar (músico argentino) e sua esposa, na época Elaine Oliveira (La Faraona), em algumas noites tocavam e dançavam rumbas ciganas ao estilo do Gipsy Kings junto com suas convidadas que iam caracterizadas de ciganas para dançar, conforme relato de Iracema Gracez.

Fazendo um salto na linha de tempo, passamos para os anos 2000, onde escolas especializadas em dança cigana começam a surgir. Depois de alguns anos de pesquisa, Melissa Veira relata que lançou oficialmente sua primeira turma de dança cigana, abrindo uma escola no centro da cidade de Canoas:

Minha história na dança cigana começou em 1992, quando me encantei pela cultura cigana e mergulhei fundo nas histórias desse povo. Estudei muito e me tornei a representante da União Romani aqui, divulgando e desmistificando a história do povo cigano. Já havia estudado dança do ventre, danças latinas e estava ingressando no flamenco. Alguns anos depois, em 1998, as perguntas sobre dança cigana começaram e percebi que não havia quase nada que explicasse o que era a dança cigana. Estudei por mais dois anos a trajetória da dança cigana pelo mundo e as culturas que a formavam em 2000, iniciei a primeira turma. Eu tinha uma salinha comercial aqui no centro de Canoas, na Muck, e aí eu comecei a minha primeira turma ali, coloquei um espelho e disse “bom, vamos tentar” e foi ali que a gente começou. Eu lembro porque marcou para mim ser o ano 2000, e aí teve uma feira esotérica no DC Shopping, e ali que eu lancei a primeira turma, a gente tinha um stand grande lá e lançamos a turma lá (VIEIRA, 2018, p. 5).

Também nos anos 2000, tiveram despertada a curiosidade sobre a dança cigana um grupo de mulheres formado por quatro amigas¹⁴: Denelci, Rita, Rosa e Neuza. Eis que em 2003 surge o Grupo Shuvanis, grupo com foco em aprender sobre cultura e dança cigana, que ainda está ativo nos dias atuais. Essas amigas faziam aulas de dança do ventre com a professora Egnés Gawazy, em Porto Alegre, e depois da apresentação de uma coreografia com o tema cigano, feita pela mesma professora para a feira esotérica no DC Shopping, evento também citado por Melissa, passaram a procurar aulas de dança cigana, porém segundo as integrantes do grupo, nesta época não encontraram profissionais em Porto Alegre e influenciadas pela professora de dança do ventre, passaram a trilhar um caminho autodidata das danças ciganas.

Neuza, integrante do grupo, já havia frequentado aulas de dança cigana e ventre com uma professora chamada Lalla Gull em Porto Alegre, no período de 1998 a 2000 e somando os conhecimentos individuais de cada uma sobre a dança cigana com outras fontes de pesquisas, como artigos e revistas sobre a cultura cigana e DVDs de filmes com a temática cigana, criaram o grupo que tem seu enfoque na criação e apresentação de coreografias. Em sua caminhada, o grupo conheceu pessoas incentivadoras da cultura cigana, como Iracema Prates Garcez que tinha muito material sobre o tema, e as professoras Melissa Assumpção, Brysa Mahaila, Sayonara Linhares e Juliana

¹⁴ Estas foram as integrantes da primeira formação do grupo Shuvanis: Denelci Peres Garcia, Rita Veiga Laranjeira, Neuza Terezinha Ribeiro Quinteiro e Rosa Bravo.

Lorenzoni, com quem fizeram cursos. Shuvanís está com uma nova formação¹⁵ e suas integrantes Rita, Neuza e Denelci se tornaram professoras de dança cigana na cidade de Porto Alegre, por volta do ano de 2008.

Voltando nosso olhar para outra região do estado, em 2004 começa em Caxias do Sul, na serra, aulas de dança cigana com a professora Sayonara Linhares, recém chegada de Florianópolis. Sayonara foi pioneira da modalidade na região, dando aulas de dança cigana na escola Rakaça de Michele Trentin, atuou na cidade durante um ano e de lá, foi para a cidade de Novo Hamburgo, na região do Vale dos Sinos, onde se estabeleceu e implementou a dança cigana na região. Trabalhou como professora na cidade durante oito anos e foi responsável pelo início da formação de várias profissionais que hoje estão em atuação no mercado da dança cigana no estado.

Quando eu vim para o Rio Grande do Sul, principalmente em Caxias não tinha professores (...). Foi em Caxias, na Rakaça, que eu comecei a dar aula de dança cigana em 2004 (...) comecei ali e comecei a fazer pesquisas por conta própria, pesquisar danças, pesquisar músicas e textos, (...) mas eu aprendi mesmo a fazer pesquisa foi com a Lúcia Acosta, com ela sim eu aprendi a pesquisar, porque a Lúcia, que se dedicou muito à pesquisa, então muitos dos materiais que a gente tem hoje a gente deve muito isso à Lúcia (...) eu comecei em Caxias dei aula um ano, um ano e pouco (...) tive bastante alunas em Caxias, entre elas a Nani Lima que foi, digamos assim, a que vingou como professora depois em Caxias (...). Depois de um ano e dois meses em Caxias eu descí para Novo Hamburgo, em 2005, e comecei a dar aula em casa de dança cigana, nisso a Lúcia apareceu na minha vida e daí a gente começou esse intercâmbio em conjunto, em pesquisa, e daí foi quando a gente começou a pesquisar vestimenta, música, danças e dali foi formatando a dança cigana, e a gente começou a formatar um trabalho em cima disso (ROSA, 2017, p. 6).

Com a chegada da Sayonara a Novo Hamburgo, começou também um intercâmbio com as professoras que já estavam em atuação na serra, em Porto Alegre e na região metropolitana. Surgindo assim o segundo momento onde a dança cigana cênica começa a ser referenciada e ganha maior visibilidade. Neste momento a dança passa a ter mais participantes e professoras fora da onda midiática e da moda, como foi no período da novela.

O grupo de alunas, que hoje são professoras, que a Sayonara construiu, consolidou esse trabalho na região, tornando a cidade de Novo Hamburgo uma das grandes referências e polo da dança cigana no estado. Foram suas primeiras alunas: Juliana Lorenzoni, Caroline Klipel e Elisandra Schaefer. Com esse grupo, além das aulas regulares e pesquisas teóricas, dançavam coreografias para divulgar a dança e

¹⁵ Segunda formação do Grupo Shuvanís: Denelci Peres Garcia, Rita Veiga Laranjeira, Neuza Quinteiro e Carmem Rosca. Formação atual: Denelci Garcia, Rita Laranjeira, Neuza Quinteiro e Maria Luiza Pereira.

cultura cigana. Em 2006, o grupo, que na época chamava-se Romie, participou de um festival de dança chamado Dançando, que acontece todos os anos em Novo Hamburgo, trazendo pela primeira vez na cidade, para um festival com outras modalidades como balé, moderno e contemporâneo, a dança cigana. O grupo seguiu seu trabalho até 2009, em festivais de dança, eventos oficiais da prefeitura e festas particulares.

Figura 22: Grupo Romie: Juliana Lorenzoni, Caroline Klipel, Elizandra Schaefer e Sayonara Linhares.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 23: Mostra de dança em São Leopoldo/RS em 2007.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Em 2008, Melissa Vieira estreou no Teatro do Museu do Trabalho, com suas alunas e professoras convidadas, o espetáculo Diáspora - A Trajetória de um Povo, que marcou a história da dança cigana no Rio Grande do sul. Foi o primeiro espetáculo que apresentava em um único evento a diversidade dos estilos das danças das etnias ciganas.

Figura 24: Cenas do espetáculo Diáspora - A Trajetória de um Povo – 2008.



Fonte: Acervo pessoal Melissa Vieira.

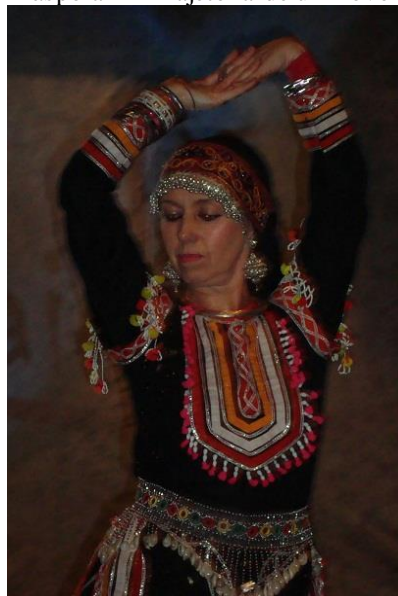
O espetáculo trouxe a trajetória do povo cigano, desde sua saída da Índia até a chegada ao Brasil, mesclando danças com história narrada sobre os trajetos ciganos. As profissionais que estavam presentes no espetáculo foram: Maria Ximena Ruiz-Tagle Supryia (professora de dança indiana clássica dançando Kalbelyia, representando a Índia), Grupo Filhas de Rá (dançando Ghawazee, representando o Egito), Sayonara Linhares (dançando Verbunkos, representando a Hungria), Grupo Shuvanís (dançando dança cigana da Romênia), Melissa Assumpção Vieira e alunas (representando a Espanha e América Latina). O espetáculo foi rerepresentado no Teatro Bruno Kiefer em 2010 e no Palco das Artes no Shopping Praia de Belas em 2012.

Figura 25: Cenas do espetáculo Diáspora - A Trajetória de um Povo – 2008.



Fonte: Acervo pessoal Melissa Vieira.

Figura 26: Cenas do espetáculo Diáspora - A Trajetória de um Povo – 2008.



Fonte: Acervo pessoal Melissa Vieira.

Desta forma, a partir de 2008 foi notória a expansão da dança cigana pelo estado, havia novas escolas, grupos e professoras, porém a dança não se espalhou uniformemente para todas as mesorregiões, nas regiões noroeste e centro-oriental ainda não se tem notícias sobre professoras de dança cigana nos dias atuais. Contudo, foram identificadas professoras e grupos nas cidades das seguintes mesorregiões:

- Região Metropolitana: Alvorada, Cachoeirinha, Canela, Canoas, Capão da Canoa, Eldorado do Sul, Esteio, Gramado, Gravataí, Guaíba, Imbé, Ivoti, Montenegro, Novo Hamburgo, Osório, Porto Alegre, Portão, Rolante, Sapiranga, São Leopoldo e Viamão.
- Região Nordeste: Bento Gonçalves, Caxias do Sul e Farroupilha.
- Região Sudeste: Arroio Grande e Pelotas.
- Região Sudoeste: Bagé e Dom Pedrito.
- Região Centro Ocidental: Santa Maria.

Mapa 4: Mapa das mesorregiões do Rio Grande do Sul.

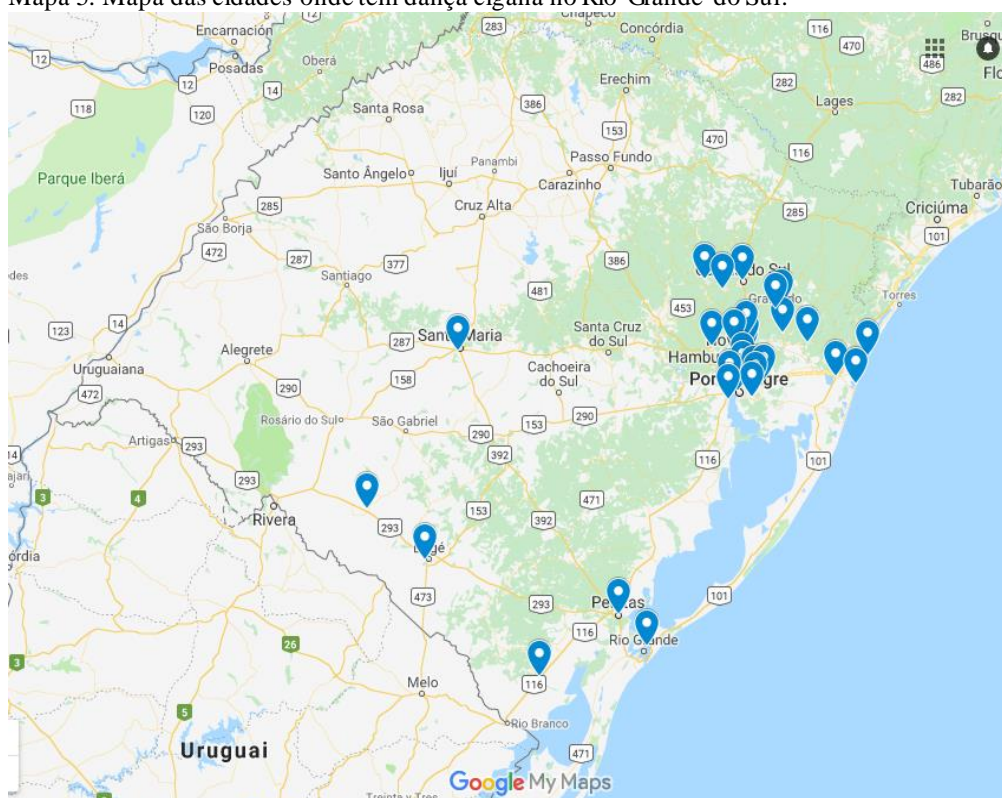
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – MESORREGIÕES



Fonte: <http://www.baixarmapas.com.br/mapa-do-rio-grande-do-sul-mesorregioes/>.

Conforme mapeamento feito para esta pesquisa, através de um formulário cujas professoras citavam as cidades que aprenderam a dançar e as cidades que atuam ou atuaram como professoras de dança cigana, nota-se que a região onde a dança tomou grandes proporções e criou fortes raízes foi na região metropolitana de Porto Alegre. Gina Vitola acredita que “a partir de 2012, que começou essa vertente ficar mais fortalecida aqui em Porto Alegre, pelo menos, de ver vários locais tendo dança cigana, tendo muitas apresentações onde os ciganos eram inseridos” (VITOLA, 2018, p. 9).

Mapa 5: Mapa das cidades onde tem dança cigana no Rio Grande do Sul.



Fonte: Google Maps (modificado).

A dança cigana vem, a cada ano, conquistando e demarcando espaço com festivais especializados e festivais de renome, como Bento em Dança, em Bento Gonçalves, Sul em Dança, em Porto Alegre, Dançando, em Novo Hamburgo, Dança Pelotas, Dança Bagé, Dança Guaporé e Santa Maria em Dança, onde grupos das mais diversas cidades têm levado seus trabalhos para marcar presença e mostrar as pesquisas sobre a dança cigana. Porém, muitas vezes incompreendida e com falta de júri especializado, é vista como a “prima pobre” da dança do ventre ou do flamenco. Então, sendo a dança cigana novidade para o público fora do meio cigano, é preciso continuar ganhando espaço e mostrar as mais diversas danças das etnias ciganas, para que aos

poucos essa modalidade tenha profissionais capacitados. O depoimento da Greice acerca do universo dos festivais e competições é um sentimento comum entre as professoras que levam seus trabalhos para esses tipos de eventos:

Eu acho que tudo na vida da gente vem como uma missão, o que eu preciso agora é saber de que maneira nós podemos levar o conhecimento dos jurados quando falamos em dança cigana nas competições, conhecimento sobre essa cultura que a maioria não possui. Pois, uma coisa é tu ser avaliada num concurso por pessoas que têm esse conhecimento, outra coisa é tu ser avaliada por pessoas que nem sonham o que é, então eu acho que falta ainda mais valorização da dança cigana nos meios acadêmicos, nós precisamos disso, de mais pesquisadores, de mais pessoas que se voltem para isso (MACHADO, 2017, p. 13).

Para além dos festivais, a dança cigana, de modo geral, ainda é uma novidade por ser uma modalidade que tem menos de vinte anos no mercado, de maneira formatada e vendável, então é compreensível a falta de interesse dos festivais em ter um júri especializado. Pegando esse gancho, volto a falar sobre as questões de pesquisas e estudo das técnicas das danças ciganas, que apesar de estar mais reconhecida e fortalecida no meio artístico, comumente os estilos que mais predominam no Rio Grande do Sul até os dias de hoje são: as fusões (árabe-cigana e ritmos latinos-cigana) e o estilo chamado por algumas professoras de dança cigana “espanhola”, que chamarei de rumba brasileira ou estilo brasileiro, porque mistura movimentos do flamenco, com saias amplas e ainda muito influenciados pelos estereótipos da novela *Explode Coração*.

Sendo assim, para fortalecer o estudo e as pesquisas sobre as danças ciganas do mundo, a partir de 2012 eu começo a trazer para minha escola, em Novo Hamburgo, profissionais nacionais e internacionais para ampliar a formação das professoras e bailarinas de dança cigana no estado. Cursos esses que têm adesão de um grande número das profissionais do ramo, tanto do estado quanto do Brasil, tornando mais uma vez a cidade de Novo Hamburgo uma referência nacional em pesquisa sobre as danças ciganas no país. As mestras que estiveram no Rio Grande do Sul foram:

- Lúcia Acosta (2012) – pesquisadora brasileira sobre cultura cigana, ministrou workshop sobre a história do povo cigano.

- Clara Süsskind (2013) – bailarina brasileira, radicada na Turquia, ministrou workshop de dança cigana turca (Roman Havasi).

- Simona Jović (2015/2016/2018) – bailarina sérvia, declarada pelo povo Rom como embaixadora dos ciganos, formada pela universidade Sorbonne Nouvell, ministrou workshops de dança cigana russa (Russka Roma), dança cigana indiana (Kalbelyia), dança cigana romena (Manea e Çingerdi), dança cigana grega (Ciftetelli),

dança cigana turca (Roman Havasi) e danças circulares ciganas dos Bálcãs e centro-leste europeu (Čoček e Oro).

- Joana Gea (2016/2018) – bailarina espanhola, ministrou workshop de dança cigana russa (Russka Roma).

- Carolina Morais Fonseca (2017) – bailarina portuguesa, ministrou workshops de dança cigana indiana (Kalbelyia), dança cigana romena (Çingerdi) e Gipsy Duende.

Outros movimentos e eventos que também contribuíram para o aprimoramento técnico de bailarinas e professoras foram atividades como o curso de aprofundamento e formação de professoras, de Sayonara Linhares, e que aconteceram nos anos de 2014 a 2016, curso teórico prático para preparação ou reciclagem de professoras e as “Jornadas de Dança e Cultura Cigana do Rio Grande do Sul”, que aconteceram nos anos de 2012 a 2015, em Porto Alegre, evento organizado por Sayonara Linhares e Gina Vitola, onde estiveram presentes profissionais que ministraram cursos práticos e palestras sobre as diversas etnias ciganas:

- 1ª edição (2012) – Denelci Garcia (dança cigana brasileira), Caroline Klipel (danças circulares ciganas), Gina Vitola (ghawazee), Juliana Lorenzoni (rumba cigana) e Sayonara Linhares (kalbelyia).

- 2ª edição (2013) – Gina Vitola (russka roma), Lori Emanuela, cigana de origem Calon (palestra: mundo cigano – invisibilidade de um povo), Sayonara Linhares (músicas clássicas ciganas), Thais Francisco (rumba cigana) e Virginia Diano (música cigana manouche).

- 3ª edição (2014) – Alessandro Rivellino (danças circulares ciganas do leste europeu), Gina Vitola (dança cigana portuguesa), Sayonara Linhares (dança cigana da Albânia) e Nete Cabral, cigana carioca de origem kalderash (palestra: as diversidades ciganas).

- 4ª edição (2015) – Gina Vitola (fusão árabe-cigana), Sayonara Linhares (musicalidade cigana), Ricardo Samel, professor do Rio de Janeiro (zambra) e Rose Winter, cigana de origem sinti (palestra: a realidade do povo cigano).

Todos esses eventos contribuíram para o crescimento e expansão dos saberes das professoras e bailarinas de dança cigana do estado. Podemos notar que do início da dança cigana aqui, no Rio Grande do Sul, para os dias atuais, muita informação e pesquisa passou a ser compartilhada, da falta de material e informação inicial, o estado passou a ser um celeiro de artistas e pesquisadoras. Acerca da importância dessas

pesquisas, formação técnica e fidelidade às danças ciganas, a professora Sayonara Linhares, entrevistada para esta pesquisa, acrescenta:

Quando a gente inicia na dança cigana é normal trazer essa idealização para a nossa dança, esse sonho de ser cigano, e a gente sabe que na prática, ser cigano não é fácil, muito pelo contrário, é muito complicado, é muito difícil, até nós que trabalhamos com a dança cigana a gente já sofre esse preconceito, imagina ser cigano realmente. Então a proposta é realmente essa, de levar a dança cigana do jeito que ela é e não do jeito que a gente imagina que seja, formar profissionais na área que estejam aptos realmente a passar, mesmo que seja o mínimo, mas que esse conteúdo seja correto, seja conciso, seja precioso, saber diferenciar o que é fusão (...). Isso tem que ficar claro, que dança cigana não é fazer o que acha, o que pensa (...). Eu acho que tem que respeitar, a partir do momento que a gente trabalha com uma etnia a gente tem que pelo menos ser o mínimo fiel possível, porque dançar como eles a gente nunca vai dançar, a gente não vive a cultura, é diferente, não vive o dia a dia, a gente pode chegar o mais perto possível do que seja uma dança cigana, mas isso também não quer dizer que a gente não passe o que é tradicional ou o que realmente é mostrado para o mundo como “ó isso é cigano, isso é gipsy, isso é rom”, temos que difundir a dança, para que a dança seja respeitada, tanto quanto as outras danças étnicas são (ROSA, 2017, p. 12).

Greice enfatiza que a dança cigana, mesmo passados vinte anos de sua disseminação no estado, se não no Brasil, ainda é uma modalidade desconhecida e continua passando por um processo de fusões e confusões acerca do que são as danças dos ciganos:

Temo pela descaracterização da dança, porque se vê muito disso também “a dança pela dança”, com tantos processos de fusão que rapidamente já nem é mais dança cigana de tão descaracterizada, e aí é que eu entro com todos os meus questionamentos e brigas... E eu acho que precisamos encontrar esse caminho (...) é uma busca, continuo no processo, continuo estudando (...) mas é um caminho, eu estou trilhando por ele, que santa Sara abençoe a todos nós que estamos nessa caminhada, porque ela é linda, mas a gente encontra sim, muitos entraves de ambos os lados (MACHADO, 2017 p. 13).

Sobre essa questão da dança pela dança, tem surgido no Brasil e aqui no estado, uma discussão sobre o termo “dança cigana artística”, que a meu ver, muitas professoras têm usado essa nomenclatura de maneira inadequada, tendo em vista que todas as danças ciganas cênicas são artísticas. Questionada sobre essa nomenclatura, Gina expõe seu pensamento acerca do assunto:

Eu acho estranho, porque foi uma nomenclatura (...) que eu ouvi pela primeira vez através do pessoal Ramanush de São Paulo, Nicolas Ramanush. Eu até entrei em contato com eles, me pediram para fazer esse movimento de colocar dança cigana artística. Eu não aderi, mas reconheço que ao mesmo tempo é uma diferenciação que traz a questão do que é a dança cigana

artística de palco e o que é raiz (...) não sei se isso é saudável, na realidade para a cultura cigana, pode confundir um pouco quem não conhece a cultura e a dança. Acho meio confuso (...) não sei se para a dança em si, se para a cultura em si isso é legal, porque dá uma enfraquecida na dança essa divisão (VITOLA, 2018, p. 10).

Muitas foram as nomenclaturas encontradas nos discursos das entrevistadas, os mais diversos termos surgem para designar a mesma dança cigana, entre eles apareceram: dança cigana artística, dança cigana étnica, dança cigana raiz, dança cigana folclórica, mas porque tantas nomenclaturas para a mesma dança? Acredito que não é necessário acrescentar a uma modalidade o adjetivo “artístico” somente por ela ser ensinada numa escola de dança por uma professora *gadjé*, porém vejo que o termo acaba sendo utilizado para outorgar a dança cigana, que muitas vezes é fusionada com outras modalidades ou misturada entre os próprios estilos ciganos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*"Você nunca sabe que resultados
virão da sua ação.
Mas se você não fizer nada,
não existirão resultados."
(Mahatma Gandhi)*

Estudar e pesquisar sobre as danças, a história e a cultura do povo cigano é uma forma de contribuir na difusão das memórias de uma etnia rica em história, misticismo e arte. No livro *Lendas e Histórias Ciganas*, a pesquisadora Cristina Pereira (1991, p. 155) diz que "em se tratando de um povo de cultura ágrafa, não se pode exigir uniformidade de grafia para as palavras", o que podemos pensar é que nas danças, em suas mais diversas manifestações, também não é possível chegar a um consenso.

Sendo assim, para finalizar, mas não para encerrar a costura das memórias da dança cigana cênica no Rio Grande do Sul, foi identificado neste estudo que a modalidade teve seu início com a promoção midiática da novela global *Explode Coração*, pois anterior a este período não foi possível identificar notícias ou registros de aulas em escolas e academias. Talvez a dança acontecesse de maneira privada ou secreta, em função de preconceitos, porém quando começo a iluminar essa história e memória, dando voz às personagens que fazem parte desses acontecimentos, é unânime entre as entrevistadas para essa pesquisa, a resposta que tudo começou naquele período da novela.

Seguiu depois de maneira tímida e desordenada, com falta de material e referencial sobre o assunto, mas seguiu. Com o tempo e novas tecnologias a dança cigana foi criando corpo e tomando espaço no meio artístico do estado. Sabe-se hoje, através do mapeamento feito para essa pesquisa, que no estado já são mais de 100 profissionais que trabalham ou trabalharam como professoras de dança cigana, e a região que tem maior incidência desta população é a região metropolitana de Porto Alegre.

As profissionais que hoje atuam neste ramo, diferente das pioneiras, podem ter acesso à dança cigana de todas as etnias, seja por cursos com profissionais nacionais e internacionais, por meio das tecnologias e redes sociais, ou através de viagens e pesquisas direto nas comunidades ciganas do mundo. Pude identificar que, de modo geral, os materiais e acervos pessoais das professoras - para essa pesquisa contatadas ou

entrevistadas - ainda precisam ser catalogados e organizados, de modo a tornar mais clara a linha de tempo dos acontecimentos da dança cigana no estado.

Este trabalho trouxe luz e visibilidade para a história da dança cigana cênica no Rio Grande do Sul, sendo um estudo inicial para auxiliar trabalhos futuros, pois até agora é inexpressiva a produção sobre a dança cigana, de maneira acadêmica. Aos poucos foi iluminada uma parte dessa história, muitas conversas informais levariam para outros caminhos, pois muitas são as personagens que fazem parte das memórias da dança cigana no Rio Grande do Sul, contudo sei que é necessário continuar pesquisando e registrando o percurso que essa modalidade tem feito no estado.

Finalizo deixando mais perguntas, pois no decorrer dessa pesquisa identifiquei que a dança cigana está, de alguma maneira, sendo classificada e subdividida para além dos estilos étnicos. Surgem nomes e categorias como: dança cigana artística, dança cigana autêntica, dança cigana folclórica, dança cigana popular, dança cigana étnica, dança cigana raiz, dança cigana temática, entre outros. Contudo, se a dança representa o arsenal cultural desse grande mosaico étnico que é o povo cigano, não bastaria simplesmente chamar de dança cigana? Representar e/ou interpretar estes referenciais é um convite para estudar e pesquisar a fundo a cultura e história do povo cigano, para sermos mais fiéis e respeitosas com essa sabedoria milenar. Desta forma, pressupõe-se que é necessário fazer um estudo especificamente sobre o que são essas danças e suas nomenclaturas para essas pessoas que ensinam, e assim as nomeiam. Identifico aqui, assim, mais uma pesquisa a ser feita sobre o tema dança cigana.

Seria interessante e importante mostrar ao público a história e trajetória pessoal de cada uma das personagens que compõem o mapa genealógico da dança cigana no Rio Grande do Sul, porém por hora encerramos esta pesquisa, mas seguimos registrando, mapeando e contribuindo para divulgar o que é a dança cigana e quais as pessoas envolvidas nessa história. Mas para além disso, também mostrar, para a população de modo geral, quem é esse povo, o povo cigano, muitas vezes louvado por sua dança e colorido e outras tantas discriminado por suas diferenças. Convido as pesquisadoras Lisabete Coradini e Virgínia de Araújo Souza (2014) a fechar este trabalho:

No imaginário gadjô, isto é, não cigano, os ciganos são representados de diversas maneiras, através de imagens paradoxais. A imagem do cigano pode representar liberdade, alegria e tradição, ou, por outro lado, “indolência”, “marginalidade”, “parasitismo” e “vagabundagem”. (...) é surpreendente notar que a organização cigana diverge da organização da sociedade dita

majoritária. Para entendê-la, é necessário buscar, dentro de nós pesquisadores, elementos como a paciência, a vontade de aprender, a persistência e o entusiasmo. (CORDINI & SOUZA, 2014, p. 209)

Então avançamos sempre com persistência, que nunca falte a paciência, que a vontade de aprender e descobrir sejam insaciáveis e que o entusiasmo seja igual ao primeiro dia de aula, onde surgiram o colorido das saias, o encantamento com a música e o florescer do sentimento através dos gestos. Ciganos... “Si-gamos”... Opré Roma¹⁶...

¹⁶ Em Romanês, a expressão significa: avante ciganos.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **História Oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.
- ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. FGV Editora, 2005.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, Abr. 2002.
- BURKE, P. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CAMPOS, Cláudia Camargo de. **Ciganos e suas tradições**. São Paulo: Madras, 1999.
- CARLOS, L.L.L.; ASTIGARRA, A.A. Saga cigana: Narrativas (auto) biográficas intergeracionais na comunidade do bairro Sumaré no município de Sobral-CE. **RPGE – revista on line de política e gestão educacional**, Araraquara, 01 nov. 2017. p. 1016-1030.
- CUNHA, Maria Luisa Oliveira da. **As práticas corporais e esportivas nas praças e parques públicos na cidade de Porto Alegre (1920-1940)**. 2009. 116 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- CARDOSO, C. **Uma introdução à história**. 9ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- CHARTIER, R.A **história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.
- CASTRO, Débora Soares. **O olhar de si e o olhar dos outros: um itinerário através das tradições e da identidade cigana**. 2011. 256 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- CORDINI, Lisabete; SOUZA, Virgínia de Araújo – **Os ciganos do Rio Grande do Norte: caminhos e trânsitos**. Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Número temático – Ciganos na Península Ibérica e Brasil: estudos e políticas sociais, 2014, pág. 205-229.
- Dança Cigana - Palestra da Cigana Liz Vacite. Yáskara Kalorri. **Youtube**. 30 abril 2015. 27min 14s. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=F1B-iPIBZck>> Acesso em: 10 de out. 2018.
- DÁRIO, Carlos. **Ciganos: A história de um povo**. Rio de Janeiro: S/E, 2011. 55 p.
- FONSECA, Cláudia Bomfim da. **A dança cigana: a construção de uma identidade cigana em um grupo de camadas médias no Rio de Janeiro**. 2002. 106 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia - PPGSA, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro/RJ, 2002.

HILKNER, Regiane Aparecida Rossi. **Ciganos: peregrinos do tempo:** Ritual, cultura e tradição. 2008. 246 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Multimeios, Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, Capinas/SP, 2008.

LYZ, Sueli. **A Magia da Dança Cigana.** São Paulo: Berkana, 2000. 100 p.

LOPES CARLOS, Liana Liberato; ASTIGARRAGA, Andrea Abreu. **Saga Cigana:** narrativas (auto) biográficas intergeracionais na comunidade do bairro Sumaré no município de Sobral - CE. Revista on line de Política e Gestão Educacional, [S.l.], p. 1016-1030, nov. 2017. ISSN 1519-9029. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/10205/6960>>. Acesso em: 24 oct. 2018.

MACHADO, G. R. K. Entrevista concedida a Juliana Lorenzoni. Reitoria da UFRGS, Porto Alegre -RS, 02 Dez. 2017. [Entrevista anexa ao final do trabalho – Anexo 2].

MATTA, Rosalinda da. **Ciganos, Mistérios e Magia.** 7. ed. São Paulo: Artha, 2015.

MOONEN, Frans. **Anticiganismo:** os ciganos na Europa e no Brasil. Recife: 3ª Edição, 2011

NASCIMENTO, Luiza Maria da Costa. **Ciganos:** Cultura, magia e globalização. Aracajú: Criação, 2013.

NEGRINE, Airton. Instrumentos da coleta de informações na pesquisa qualitativa. In:

PESAVENTO, S. **Indagações sobre a História Cultural.** Artcultura Revista do Nehac. Universidade Federal de Uberlândia, v. 3, n. 3, 2002, p. 9-15.

PEREIRA, Cristina da Costa. **Ciganos:** A oralidade como defesa de uma minoria étnica. In: Anuario para el rescate de la tradición oral de América Latina y el Caribe. UNESCO: Oralidad 4/1992.

_____. **Lendas e Histórias Ciganas.** 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1991. 156 p.

_____. **Os ciganos ainda estão na estrada.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009. 175 p.

_____. **Povo Cigano.** 2. ed. Rio de Janeiro: Gráfica Mec, 1987. 266 p.

PIRES FILHO, Nelson. **Ciganos:** Rom - Um povo sem fronteiras. São Paulo: Madras, 2005.

RAMANUSCH, Nicolas; RAMANUSH, Ingrid. **Danças e Músicas Ciganas:** Ensaio histórico. Rio de Janeiro: Independente, 2014.

ROSA, S. L. da. Entrevista concedida a Juliana Lorenzoni. Estúdio de Dança Juliana Lorenzoni, Novo Hamburgo-RS, em 30 Nov. 2017. [Entrevista anexa ao final do trabalho - Anexo 1].

TRENTIN, M. Entrevista concedida a Juliana Lorenzoni. Caxias do Sul- RS, 31 Jul. 2018. [Entrevista anexa ao final do trabalho – Anexo 5].

TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Editora Atlas, 1992.

TRIVIÑOS; MOLINA NETO. **A pesquisa qualitativa na educação física:** alternativas metodológicas. 2ª edição. Porto Alegre: Ed. UFRGS/Sulina, 2004.

VIEIRA, M. A. Entrevista concedida a Juliana Lorenzoni. Canoas- RS, 11 Jun. 2018. [Entrevista anexa ao final do trabalho – Anexo 3].

VITOLA, G. Entrevista concedida a Juliana Lorenzoni. Porto Alegre- RS, 02 Ago. 2018. [Entrevista anexa ao final do trabalho – Anexo 4].

ANEXOS

ANEXO A

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 01 – Qual a sua história pessoal (onde nasceu, data de nascimento, sobre a família, se quiser contar alguma coisa sobre sua história pessoal)?
- 02 – Como tu começastes na dança ou práticas corporais?
- 03 – Como conheceu a dança cigana?
- 04 – Quem foi a tua/teu primeira (o) professor (a)? E tu ainda tens contato com ele/ela?
- 05 – Tu sabes quem foi a professora da tua professora?
- 06 – Como tu começastes a trabalhar com dança cigana? Tu lembras se na cidade existiam aulas de dança cigana em escolas como hoje? Se sim, como eram?
- 07 – Na tua opinião quem são as professoras pioneiras no estado do Rio Grande do Sul?
- 08 – Quais os estilos de dança cigana que são mais trabalhados na tua escola ou aulas?
- 09 – Quem são as/os artistas (bailarinas, coreógrafas ou professoras) de dança cigana que tu admira e estuda?
- 10 – Tu sabes alguma informação sobre a chegada dos ciganos no Rio Grande do Sul e quais os clãs que foram os pioneiros no estado?
- 11 – Na tua formação tu já saíste do estado ou país para aprimorar teus estudos ou conhecimentos em dança cigana? Podes me falar um pouco sobre essas experiências?
- 12 – Tu tens alunas que atualmente já estão atuando como professoras de dança cigana no Rio Grande do Sul? Se sim, quem?
- 13 – Tu sabes dizer o ano ou época em que aconteceu um “boom” da dança cigana cênica no Rio Grande do Sul?
- 14 – Tu achas que a novela Explode Coração, que passou na Rede Globo em 1995, influenciou a propagação das aulas de dança cigana? Se sim, como?
- 15 – Aqui deixo aberto para tu falares o que quiseres sobre a dança cigana ou sobre ti.

ANEXO B

Anexo 1 - Entrevista Sayonara Linhares da Rosa

FICHA TÉCNICA

Projeto: Memórias da Dança Cigana no Rio Grande do Sul

Número da entrevista: E-

Entrevistado/a: Sayonara Linhares da Rosa

Nascimento: 31/12/1976

Local da entrevista: Estúdio de Dança Juliana Lorenzoni em Novo Hamburgo/RS

Entrevistador/a: Juliana Fernandes Lorenzoni

Data da entrevista: 30/11/2017

Transcrição: Bruna Moraes Costa

Copidesque: Juliana Fernandes Lorenzoni

Pesquisa: Memórias da Dança Cigana no Rio Grande do Sul

Revisão Final: Juliana Lorenzoni

Total de gravação: 27 minutos e 38 segundos

Páginas Digitadas: 11 páginas

Sumário: Envolvimento com a dança; início nas artes marciais; início na dança cigana; primeiros professores; mudanças de cidades e de estado; professores pioneiros na dança cigana no RS; estilo de dança; bailarinas e professores referências; ciganos no RS; alunas que atuam com dança cigana; intenção da proposta.

Novo Hamburgo, 30 de novembro de 2017. Entrevista com Sayonara Linhares a cargo da pesquisadora Juliana Lorenzoni para o Projeto Memórias da Dança Cigana no Rio Grande do Sul, no Estúdio de Dança Juliana Lorenzoni, no centro de Novo Hamburgo/RS.

J.L. Então Sayo, gostaria que tu me falasse um pouco sobre tua história pessoal, onde tu nasceu, se tem filhos...? Me fala um pouquinho sobre ti.

S.R. – Bom, meu nome é Sayonara Linhares da Rosa, nasci em Florianópolis, em Santa Catarina, no dia 31 de dezembro de 1976, tenho três irmãs, quer dizer, duas, três comigo, tenho duas filhas... O que mais... Sou solteira. [risos]

J.L. – Então, eu queria que tu falasse um pouquinho de como tu começou na dança ou nas práticas corporais, como foi o teu início dentro desse universo?

S.R. – Meu início foi com nove anos, quando eu embestei que queria dançar na escola e daí como eu era uma criança... Eu era um pouco introvertida e às vezes extrovertida, dependia a lua, aí eu tinha uma prática na escola de talentos e eu queria... Coloquei na cabeça que eu queria dançar e daí eu fui lá... Eu fui até a diretora... Tomei coragem e fui até a diretora e disse que queria dançar e daí ela assim “o que você quer dançar?” e eu falei assim “eu quero dançar jazz” [risos] tinha nove anos, aí ela bem assim “tá, e aí que música você vai dançar? Você já tem música?” Eu disse “tenho”, então era uma música que estava tocando na época que era Maria Madalena, uma coisa assim, acho que era

Maria Madalena... Era uma música em inglês, que colocaram (nanana)... [IMITOU SOM DA MÚSICA] Tá, daí que peguei, arranjei a tal da música e peguei e pedi emprestada uma roupa de carnaval da minha prima [risos] que era um *collant*¹⁷... Eu adorava aquele *collant*, era azul piscina e tinha um... Como é que é aquilo de bailarina?

J.L. – Um *tutu*¹⁸.

S.R. – Um *tutu*, que não era bem o tutu mas era repolhadinho... E eu dancei no negócio de talentos da escola, eu já dançava muito na garagem de casa [risos] e daí eu dancei e foi um sucesso, porque eu era sempre muito elástica, fiz acrobacia e coisa e tal, pronto, foi o meu primeiro contato com a dança, daí depois adormeceu esse contato... Depois um dado momento passou um filme do Bruce Lee¹⁹ na TV e aí eu fiquei apaixonada pelo Bruce Lee, [risos] aí eu disse assim “Ah eu quero fazer isso” e daí tomou conta o kung fu²⁰ na minha vida, isso foi com dez anos e não dancei mais depois dos nove anos dessa apresentação na escola, adormeceu aquilo lá, até porque o pai e a mãe nunca estimularam a questão da dança. E também eu sempre fui asmática então para mim correr, fazer alguma coisa aeróbica para mim era muito ruim. E daí em um dado momento de tanto insistir com meus pais eu disse que queria fazer arte marcial, queria fazer arte marcial, pela minha mãe e não pelo meu pai, e minha mãe me colocou na academia, na época era Wadokan que era no centro de Florianópolis, eu tinha quatorze anos de idade e dali segui carreira no kung fu, [risos] fui bicampeã brasileira em várias modalidades, inclusive de espada dupla²¹ e tal, competi a nível de Brasil, então a minha história foi muito dentro do kung fu, foram treze anos de kung fu, me formei no estilo e depois com a minha separação do meu casamento eu parei, mas foram treze longos anos onde eu cuidei da minha saúde, onde eu melhorei da asma, onde eu respirava aquilo ali, dia e noite, eu terminava... Se deixasse de manhã, a tarde e à noite, eu era atleta de ponta mesmo.

J.L. – Nessa época tu já estava grávida da Indra Rosa?

S.R. – Eu engravidei da Indra... Eu tive dois professores, três professores de kung fu na verdade, eu tive o Luiz Augusto Worm que foi meu primeiro professor, neste meio eu tive um Mestre LEE Cung De que foi professor dele, então meu primeiro professor de massoterapia chinesa foi ele, foi um chinês e depois eu tive um colega do Luiz como professor, que foi o professor Rogério Leal Soares, quando eu engravidei eu estava treinando na academia do Rogério, que era também no centro de Florianópolis no Colégio Catarinense, ele dava aula lá, até hoje dá, enfim... A Indra nasceu neste meio também do kung fu, aí eu também dava aula nessa época, dava aula de arte marcial já fazia um tempo, era professora, cheguei a ser professora...

J.L. – Quanto tempo tu deu aula de arte marcial?

¹⁷ Roupa de malha elástica fina que adere ao corpo usada por bailarinas ..

¹⁸ É uma parte do vestuário do balé.

¹⁹ Artista e instrutor de artes marciais, ator e cineasta norte-americano.

²⁰ Arte marcial originária da China.

²¹ Arma tradicional do Kung Fu.

S.R. – Acho que corrido uns seis anos de arte marcial e de chi kung²², então treinei vários exercícios internos, meu estudo dentro da medicina chinesa também ocorreu com o início no kung fu, porque a gente aprende dentro do kung fu também a trabalhar com a medicina chinesa, até para a gente poder se curar, enfim, então a gente aprende toda teoria junto e daí até nesse meio tempo com vinte e sete anos eu comecei o meu curso de acupuntura, foi mais ou menos nessa época que a Indra nasceu, não... A Indra nasceu eu tinha vinte e um, eu comecei acupuntura com vinte e três anos para vinte e quatro, foi exatamente...

J.L. – E como tu conheceu a dança cigana? Em que momento que a dança cigana entrou na tua vida? Foi nessa época?

S.R. – Exatamente, foi bem quando eu larguei o kung fu, foi bem nesse limiar, na época eu estava fazendo faculdade de enfermagem na Unisul²³ em Palhoça, e eu vi um cartaz de dança cigana e daí eu disse assim “ham a dança voltou para a minha vida” bem assim, o coração bateu forte e eu disse assim “dança cigana, existe mesmo...” porque até então... Antes disso eu tinha escutado *Gipsy Kings*²⁴ e estava naquela febre da década de 1980 todo mundo gostava de *Gipsy Kings* e era o que a gente tinha de referência de dança cigana na época, a gente não tinha outra coisa que viesse até a gente.

J.L. – Que ano foi isso?

S.R. – Que eu escutei pela primeira vez *Gipsy Kings* foi em 1986.

J.L. – E que ano que tu começou a dançar? Que tu viu o cartaz?

S.R. – Foi exatamente de 1999 para 2000, eu iria fazer vinte e três anos. Eu tinha vinte e três anos.

J.L. – Que idade tu está agora?

S.R. – Eu estou com quarenta e um

J.L. – Sério? [risos]

S.R. – Sério, quatro ponto um, vou fazer quatro ponto dois. Mas eu acho que eu tinha... Tem que calcular...

J.L. – Então pelos cálculos na época que tu viu o cartaz pela primeira vez era 1998...

S.R. – É mais ou menos por aí exatamente, até porque eu já estava no CIEPH²⁵ sendo professora da parte prática de acupuntura.

J.L. – Aí tu viu esse cartaz...

²² É uma disciplina da Medicina Tradicional Chinesa que se refere ao trabalho ou exercício de cultivo da energia.

²³ Universidade do Sul de Santa Catarina.

²⁴ Banda francesa de música cigana.

²⁵ Faculdade de Tecnologia em Saúde (CIEPH) – Centro Integrado de Estudos e Pesquisas do Homem.

S.R. – Vi e esse cartaz era da Virgínia e daí eu fui procurar Virgínia, que foi meu primeiro contato com a dança cigana e foi minha primeira professora foi a Virgínia Diano Teijeiro²⁶. Aí depois disso quando eu encontrei a Virgínia foi muito engraçado, porque teve bastante afinidade assim, e ela fala até hoje que eu estava, eu não me lembro, mas ela disse que eu estava até vestida socialmente assim, toda né... Nada Sayonara [risos] e daí o primeiro contato contigo, na verdade a Virgínia olhou para mim e disse assim “ah precisa fazer dança do ventre para soltar este teu quadril” aí eu olhei para a Virgínia e disse “ não, eu quero dança cigana” ela assim “não mas vamos fazer uma aula assim para soltar o teu quadril e tal para ver não sei o quê...” “ Tá mas eu quero aprender dança cigana” eu falei para ela “ não quero dança do ventre” aí eu sei que a Virgínia insistiu e aí até a primeira música que ela colocou para fazer aula foi a Marco Polo da Loreena Mckennitt²⁷. Então com a Virgínia na verdade, propriamente dito, eu tive duas ou três aulas somente, depois os meus contatos com a Virgínia foram muito de conversa e não de aula prática.

J.L. – E essas aulas eram um grupo ou era aula particular?

S.R. – Não foi.. Geralmente foi só para mim, eu nunca fiz aula em grupo, até porque eu acho que não tinha grupo para dar aula, era uma aluna que outra assim também, até porque, no caso, não era muito conhecida a dança cigana né, aí depois eu e a Virgínia meio que perdemos o contato com as viagens, acho que ela também viajava muito naquela época, enfim, eu não sei como é que funcionava e daí eu queria continuar com a dança cigana e queria muito fazer aí eu encontrei o grupo do Lourenço Ferraz e daí eu comecei a dançar no grupo do Lourenço, foi assim que começou tudo, Virgínia e o Lourenço.

J.L. – Aí no Lourenço vocês faziam aula ou era só grupos de apresentação?

S.R. – Era grupo de apresentação, mas tinham as meninas que também tiveram contato com dança e tal e a gente fazia um intercâmbio de trocas na verdade. E a Virgínia também já tinha feito parte também até onde eu sei do grupo do Lourenço e o Lourenço divulgou muito a cultura cigana, querendo ou não, em Florianópolis ele sempre foi referência, falava de cigana era o Lourenço, tanto é que eu acho que o primeiro grupo do Lourenço, que dança cigana, inicialmente a Virgínia fazia parte. Aí depois disso, dancei eu acho que um ano, um ano e pouco no grupo do Lourenço, e depois eu acabei indo morar em Caxias, eu acho que foi em 2004, até porque em 2006 foi a abertura do espaço com a Lúcia Acosta, e eu fiquei um ano dando aula em casa e daí eu dei aula um ano mais ou menos, um ano fechado na Rakaça²⁸ em Caxias do Sul. Em Caxias na Rakaça que eu comecei a dar aula de dança cigana, em 2004, pelos meus cálculos eu comecei ali e comecei a fazer pesquisas por conta própria, pesquisar danças, pesquisar músicas e textos, comecei a pesquisar, mas eu aprendi mesmo a fazer pesquisa foi com a Lúcia Acosta, com ela sim eu aprendi a pesquisar, porque a Lúcia que se dedicou muito à pesquisa, então muitos dos materiais que a gente tem hoje, que a gente conheceu de musicalidade, principalmente de musicalidade cigana, a gente deve muito isso à Lúcia, então aí eu comecei em Caxias, dei aula um ano, um ano e pouco, um ano fechado assim, tirando natal e essas coisas. Tive bastante alunas em Caxias, entre elas a

²⁶ Professora de dança cigana em Santa Catarina.

²⁷ Cantora canadense.

²⁸ Escola de Danças Árabes e Ciganas em Caxias do Sul.

Nani, a Nani Lima que foi, digamos assim, a que vingou em Caxias mesmo, eu tive outras alunas também em Caxias, e começaram a... Dançavam bastante, algumas começaram a dar aula, eu acho que hoje não... Como eu não tenho contato eu não sei se elas dão aula...

J.L. – Das tuas alunas de Caxias do Sul só Nani Lima que ainda dá aula?

S.R. – Sim, a Nani Lima que fez um trabalho bem legal. E depois de um ano e dois meses em Caxias eu desci para Novo Hamburgo, em 2005, e comecei a dar aula em casa de dança cigana também, nisso a Lúcia apareceu na minha vida e daí a gente começou esse intercâmbio em conjunto em pesquisa, e daí quando a gente começou a pesquisar vestimenta, pesquisar música, pesquisar dança e dali foi formatando a dança cigana, e a gente começou a formatar um trabalho em cima disso.

J.L. – E quanto tempo tu ficou em Novo Hamburgo?

S.R. – Dez anos, dez longos anos em Novo Hamburgo.

J.L. – Ficou até quando em Novo Hamburgo?

S.R. – Não, foi quase dez anos em Novo Hamburgo, pensa... É, porque eu fui embora... Já vai fazer cinco anos que eu estou em Florianópolis, Kalissa²⁹ saiu daqui com quase um ano, um ano, Kalissa tem seis...

J.L. – Em 2013.

S.R. – É, vai fazer cinco anos que eu fui embora.

J.L. – Tu ficou em Novo Hamburgo de 2005 até 2013?

S.R. – Isso, foi, bastante né. E dali foi toda uma formatação aí é que a dança cigana para mim, como professora, começou a ter uma formatação, de uma forma mais profunda, sempre gostei de trabalhar a questão de passos de técnicas junto com vivências na dança, porque eu sempre achei que isso é importante para que o aluno pudesse se expressar também, não só ter essa questão da técnica, mas que ele tivesse autonomia de expressão, então eu sempre gostei de fazer as duas coisas em conjunto.

J.L. – E tu sabe quem foi a primeira professora da Virgínia Diano?

S.R. – Olha, até onde eu sei a Vi sempre me falou que aprendeu com a vó e com a mãe dela a dança cigana.

J.L. – Ainda sobre o tempo que tu começou a dançar dança cigana. Tu lembra se na cidade existiam aulas de dança cigana em escolas como hoje? Se sim, como eram?

S.R. – Até onde me lembro não, porque quando fui procurar para dar aula na Rakaça não tinha professora de dança cigana.

²⁹ Filha da entrevistada.

J.L. – Tu acha que a novela Explode Coração que passou na Rede Globo em 2005 influenciou a propagação das aulas de dança cigana?

S.R. – Creio que sim, a dança cigana ficou mais em evidência.

J.L. – E na tua opinião, tu sabe identificar quem são as professoras pioneiras da dança cigana no Rio Grande do Sul, além de ti?

S.R. – Pois é, porque quando eu vim para o Rio Grande do Sul, principalmente em Caxias não tinha professores, em Caxias até onde eu sei de dança cigana, até onde eu sei, veja bem, e olha que eu perguntei! Eu tinha muito contato com a mãe da Michele Trentin, na época eu comecei a dar aula na Rakaça, e a Michele ainda estava em curso de viagem para o Egito, ela ainda estava lá, depois é que ela retornou e a Salete nunca me disse assim que tinha professoras de dança cigana...

J.L. – Aqui em Novo Hamburgo também foi tu que começou, e em Porto Alegre tu tem notícias de outras pessoas antes de ti?

S.R. – Olha, quando eu tive contato assim do mundo de Porto Alegre, e eu não sei se era concomitante, se era paralelo, a gente sabia da Melissa Assumpção Vieira, que dava aula lá, agora daí eu não sei o trajeto da Melissa, era a única pessoa que era referência em Porto Alegre na época.

J.L. – Tu sabe dizer o ano ou época em que aconteceu um "boom" da dança cigana cênica no Rio Grande do Sul?

S.R. – Creio que veio com a mídia da própria novela Explode Coração, que acabou de uma forma ou de outra, anos mais tarde, contribuindo.

J.L. – Quais os estilos de dança que tu mais trabalha nas tuas aulas ou nos teus cursos?

S.R. – Hoje nos cursos todas, todas que tipo... Índia, Turquia, Romênia, Rússia, Grega, Flamenco, região balcânica em geral, todas.

J.L. – E quem são as artistas bailarinas ou professoras de dança que tu estuda como referência?

S.R. – Eu gosto muito da Reyhan Tuzsuz³⁰, gosto dela demais dela dentro da turca, para mim por mais que ela dance simples eu acho que aquilo ali é a raiz, não tem como contestar é raiz, sabe. Assala Ibrahim³¹ é uma pessoa que eu gosto muito, estudo bastante, já faz dois anos e meio que eu estou estudando *kawliya*³², deixa eu ver quem mais... Ai tem umas professoras Russas que eu gosto também, que eu tenho contato, mas eu não lembro o nome assim de cabeça, que eu gosto bastante de estudar, professores de danças circulares como Kotansky³³ também, alguns outros que agora de nome também não vou lembrar que eu gosto bastante, porque eu estou estudando bastante dança circular agora, e eu acho muito legal, porque eles trazem muito esse viés

³⁰ Professora de origem cigana em Istambul na Turquia.

³¹ Professora de origem iraquiana.

³² Dança cigana do Iraque.

³³ Steve Kotansky, professor americano de danças circulares.

do folclore, da raiz, isso também, eles trazem também essa releitura das danças ciganas de lá, quando não as tradicionais, eu acho muito... Enriquece muito o trabalho. A Maria Cristina Bonetti também, que é uma folclorista aqui no Brasil, a Cris Bonetti ela realmente é referência em folclore, também é uma pessoa muito legal e tive o prazer de ter contato com ela também, aí tem vários né, vários professores também de flamenco que eu gosto bastante...

J.L. – E tu sabe alguma coisa sobre os ciganos no Rio Grande do Sul? Sobre a chegada deles ou quais são os clãs, quais as etnias?

S.R. – É, a etnia que chegou primeiro foi o *Calon*³⁴, no Brasil inteiro, depois a questão dos negros, quarenta anos depois, eles chegaram e se espalharam, principalmente no nordeste, e daí eles foram vindo, mas são ciganos *Calons* que veio para cá, a maioria, no estado, agora hoje é claro, a gente encontra outras etnias aqui obviamente, mas os *Roms*³⁵ e os *Sintis*³⁶ só a partir do século dezenove.

J.L. – Sim. E na tua formação tu chegou a sair do país ou do estado para fazer estudo?

S.R. – Não, do país não, do estado sim. Eu rodo o país inteiro. Que foi onde eu tive contatos com ciganos também, principalmente do Rio de Janeiro, em Aracaju tem bastante ciganos também, bastante, a concentração no nordeste de ciganos é bem grande, em São Paulo não tive ainda contato com ciganos, mas eu vou tentar entrar em contato, mas no Rio sim, principalmente a Nety Cabral, que foi uma pessoa que contribuiu bastante para conhecimento, tanto da dança também, como é feito, como ela vê a dança também, porque ela foi de circo mambembe³⁷ então, ela viveu isso durante trinta anos da vida dela, então não tem como né, não ressaltar a questão da Nety em relação à dança, até digamos para o grande estado do Rio de Janeiro. Tem a Fada Morgana que é do Rio também, que é cigana *Calon*, trabalha com dança cigana lá também, enfim tem pessoas no Rio de Janeiro que eu tive mais contato. Aqui no sul é muito difícil assim, tu ter contato com ciganos, assim que trabalhem com a questão da dança e que dominem a própria cultura, assim que pelo menos se expõe.

J.L. – E tu acha que isso acontece porque eles não têm muito acampamento fixo? Ou tu acha que... Aqui no estado. Ou não tem abertura?

S.R. – Eu acho que... Eu acho que falta pesquisa de campo, eu acho. Eu acho que a gente não está se dispondo a fazer isso, eu não me dispus ainda, acho que ninguém ainda se dispôs a fazer essa pesquisa de campo, a se propor “agora eu vou fazer essa pesquisa de campo, eu vou tentar entrar nos acampamentos, vou me apresentar, eu vou isso, eu vou aquilo” porque da mesma forma que a gente acha que o cigano... Eles também acham que a gente também é fechado, eu acho que foi uma coisa que ficou meio que mútua esse ranço, mas é... Tudo é que questão de se propor a, eu acho que falta essa proposta, na minha opinião.

J.L. – Sim. Então para a gente ir terminando. Tu tens alunas que atualmente estão atuando, que foram tuas alunas no Rio Grande do Sul? E tu poderias citar quais?

³⁴ Etnia cigana oriunda da península ibérica.

³⁵ Etnia cigana.

³⁶ Etnia cigana.

³⁷ Tipo de circo/teatro itinerante surgido no século XII.

S.R. – [risos] Ah aqui no Rio Grande do Sul eu tenho várias, inclusive a senhorita³⁸, que foi uma das minhas primeiras alunas aqui no Rio Grande do Sul junto com a Caroline Klipel, que foram os meus primeiros bebês aqui, que deram frutos, que têm trabalhos lindíssimos que eu admiro muito, aí tem a Liza³⁹ também, que agora está... Não sei se ela está dançando ou não, mas enfim, foi a minha primeira aluna aqui em Novo Hamburgo. Em Caxias foi a Nani, mas em Novo Hamburgo a minha primeira aluna foi a Liza, da Liza veio a Carol⁴⁰ e da Carol veio a...

J.L. – Não, foi ao contrário...

S.R. – Foi ao contrário? Ah é, da Liza veio a Ju⁴¹, a Juliana e depois veio... Tu trouxe a Carol, verdade, a Carol veio depois, a Carol é mais nova. Quantos anos faz isso?

J.L. – Foi em 2005. Doze anos!

S.R. – Olha só, tudo velha já, tudo avó já na dança [risos]. E daí aqui no sul a gente pode citar a Gina Vitola, que realmente teve bastante aula comigo, a Mariane Lazzaretti, a Jenifer Endres, aqui no sul quem mais... Ah aí teve muitas pessoas assim, mas as que eu vejo que participaram assim do meu dia a dia, da minha vida, fizeram parte, marcaram a minha vida, vocês.

J.L. – Essas fizeram parte da escola?

S.R. – Da escola, exatamente, que era o nosso dia a dia né, era diário, aí de workshop eu tive vários, eu tive a Lucy Linck que também que fez aula comigo, a Lucy também fez, querendo ou não fez aulas comigo, a Paula Ferreira também fez o workshop que eu me lembro, várias outras pessoas né, teve várias, mas assim que eu lembro agora para citar...

J.L. – Sim. Então para a gente terminar, eu queria perguntar se tu queres falar alguma coisa, enfim geral sobre a dança, sobre a cultura, sobre ti?

S.R. – Bom, a dança cigana para mim foi uma coisa que abriu várias portas, me deu pessoas das quais eu amo e vou amar eternamente até hoje, me deu muito ensinamento e eu acho que a minha proposta hoje com a dança cigana, além de contribuir culturalmente, veja bem, eu falo culturalmente falando da parte histórica da cultura cigana e não de convivência em acampamento, de histórias familiares, isso tem uma grande diferença, então culturalmente, historicamente contribui com a cultura cigana e a nível étnico né, primando pela questão, cada dia mais pela questão étnica da dança cigana para que isso seja respeitado de uma forma como é, não como a gente idealiza, porque quando a gente inicia na dança cigana é normal a gente trazer essa idealização para a nossa dança, esse sonho de ser cigano, e a gente sabe que na prática ser cigano não é fácil, é muito pelo contrário, é muito complicado, é muito difícil, até nós que trabalhamos com a dança cigana a gente já sofre esse preconceito, imagina ser cigano realmente. Então a proposta é realmente essa, de levar a dança cigana do jeito que ela é,

³⁸ Referência à entrevistadora Juliana Lorenzoni.

³⁹ Elizandra Schaefer.

⁴⁰ Caroline Klipel.

⁴¹ Referência à entrevistadora Juliana Lorenzoni.

e não do jeito que a gente imagina que seja né, formar profissionais na área que estejam aptos realmente a passar, mesmo que seja mínimo, mas que esse conteúdo seja correto, seja conciso, seja precioso, saber diferenciar o que é fusão, o que é... Isso tem que ficar claro, que dança cigana não é fazer o que acha, o que pensa, que isso tem que ter uma... Eu acho que tem que respeitar, a partir do momento que a gente trabalha com uma etnia a gente tem que pelo menos ser o mínimo fiel possível, porque dançar como eles a gente nunca vai dançar, a gente não vive a cultura, é diferente, não vive o dia a dia, a gente pode chegar o mais perto possível do que seja uma dança cigana, mas isso também não quer dizer que a gente não passe o que é tradicional ou o que realmente é mostrado para o mundo como “ó isso é cigano, isso é *gipsy*, isso é *rom*” né, eu acho que é isso. E difundir a dança, para que a dança seja respeitada, tanto quanto as outras danças étnicas são, eu acho que é isso.

J.L. – Então. Muito obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]

Anexo 2 - Entrevista Greice Rita Kvietinski Machado

FICHA TÉCNICA

Projeto: Memórias da Dança Cigana no Rio Grande do Sul

Número da entrevista: E-

Entrevistado/a: Greice Rita Kvietinski Machado

Nascimento:

Local da entrevista: Reitoria da UFRGS, Porto Alegre/RS

Entrevistador/a: Juliana Fernandes Lorenzoni

Data da entrevista: 02/12/2017

Transcrição: Bruna Moraes Costa

Copidesque: Juliana Fernandes Lorenzoni

Pesquisa: Memórias da Dança Cigana no Rio Grande do Sul

Revisão Final: Juliana Lorenzoni

Total de gravação: 32 minutos e 25 segundos

Páginas digitadas: 12 Páginas

Sumário: Início na dança; envolvimento com a dança cigana; pausa na carreira; retomada com a dança; escola de dança Inspirarte; relação com os clãs ciganos; trabalho de inclusão; professoras pioneiras da dança cigana no RS; professoras da escola Inspirarte; estilos de danças ciganas; artistas inspirações; valorização da dança cigana no meio acadêmico.

Porto Alegre, 02 de dezembro de 2017. Entrevista com Greice Rita Kvietinski Machado, de Bagé, a cargo da pesquisadora Juliana Fernandes Lorenzoni para o Projeto Memórias da Dança Cigana no Rio Grande do Sul na Reitoria da UFRGS⁴².

J.L. – Então, eu gostaria que tu falasse para mim um pouco da tua história pessoal, sobre ti, o que tu quiser falar, que achar relevante.

G.M. - Bom, a minha história com a dança cigana começou desde muito pequena, porque em todos os baixinhos de carnaval, eu sempre queria a fantasia de cigana, eu adorava aquelas medalhinhas, aqueles tamanquinhos, eu amava tudo aquilo e geralmente todos os anos era sempre a mesma roupa. Depois do baile, a minha mãe queria que eu guardasse a saia e não, aí eu andava com a saia a semana inteira. Algum resgate assim para que eu pudesse te dizer “ai eu tive alguma referência quando criança” não eu não tive... a não ser os acampamentos de ciganos no camping à beira do Guaíba, onde eu costumava brincar.

J.L. – E onde foi isso?

G.M. – Aqui em Porto Alegre. Eu nasci aqui em Porto Alegre⁴³, sempre morei no bairro Guarujá, na zona sul, mas eu não tinha referência, a única referência que eu tinha... É porque ali perto da praia de Ipanema⁴⁴, tinha um camping, então muitos ciganos acampavam ali e quando a minha mãe me levava no parquinho da praia, eu ficava

⁴² Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁴³ Município do estado brasileiro do Rio Grande do Sul.

⁴⁴ Bairro da cidade de Porto Alegre/RS.

olhando admirada aquelas tendas coloridas, aquelas pessoas se movimentando...eu sempre gostei daquela movimentação dos ciganos, e para mim sempre foi um mistério e eu adoro os mistérios que envolvem essa cultura. Então, isso era a única referência que eu tinha. Bem, depois o tempo passou, eu me envolvi com outras modalidades de dança, que não tinham nada a ver com dança cigana, nem dança do ventre, na verdade era mais relacionado ao desenvolvimento físico, o que naquela época chamávamos de aeróbica, e que hoje seriam os chamados “rítmos”. A vida se resumia em correr doze quilômetros por dia, ir para a academia fazer ginástica, fazer aeróbica e dançar em casa sozinha, empolgadíssima. Mas, com dezoito anos eu casei e fui morar na Chapada do Guimarães⁴⁵ e lá eu conheci algumas meninas que tinham ido de São Paulo, porque os pais eram músicos. A mãe delas era cigana, e no caso, tinha fugido para casar com o pai. O nome da família eu não vou saber te dizer agora, porque isso também faz muitos anos, mas elas se apresentavam de vez em quando em barzinhos da cidade, quando eles tocavam, e aquilo era lindo... Imagina na Chapada dos Guimarães, um lugar totalmente místico... aquilo tudo brotava em mim. Quando elas começavam a dançar, é como se eu fizesse parte daquele universo... Morei três anos na Chapada, e quando eu retornei a Porto Alegre, eu conheci a Gina Vitola⁴⁶ que foi minha primeira professora de dança do ventre. A Gina com todo aquele jeito meigo e querido, mas também muito bem posicionado sobre a dança, me mostrou o universo das danças orientais, então, o que me encantou profundamente. Nesse processo então, eu fiz outros workshops, estudei dança do ventre com outras professoras e por fim acabei me mudando para Arroio Grande⁴⁷. Foi então que veio a novela Explode Coração⁴⁸, e a Dara⁴⁹ se tornou minha musa inspiradora [risos] e aí envolvendo tudo o que... ou, o pouco que eu sabia, sobre a dança do ventre, busquei mais um pouco no que a novela oferecia. Com o tempo começou a sair mais material sobre cultura cigana em várias revistas, e em outras publicações, mas não era nem de perto a quantidade do que temos hoje, porém era o que tínhamos e com o que podíamos pesquisar. Então eu ensaiava sozinha e dali tentava passar para as minhas alunas, porquê? Porque em uma brincadeira, e eu trabalhava... Sou professora de artes visuais e trabalhava em uma escola particular. Um dia a diretora da escola me pediu que eu ensinasse ela a dançar, então nessa brincadeira de ensinar ela a dançar a história virou realidade e aí de repente quando eu vi, eu tinha três alunas, de três passou para seis, de seis passou para doze, de doze passou para vinte e poucos. Bem, aí quando eu ainda estava em Arroio Grande, depois de quatro anos, eu tinha oitenta e seis alunas, em uma cidade bem pequenininha, que não sabia nada sobre danças orientais, que não tinha essa conotação, nem essa visão...

J.L. – Oitenta e seis de dança cigana ou de dança cigana e ventre?

G.M. – E do ventre. E foi muito lindo o tempo que eu passei lá, mas nós tínhamos... O meu marido trabalhava com terra, criação de gado e tinha uma parte que era improdutivo, e nós tivemos que vender, então vendemos aquela propriedade e acabamos comprando em Bagé⁵⁰. Foi então que eu deixei a escola para uma das minhas alunas mais focada e que tinha vontade de continuar com o trabalho que eu fazia, a Cátia Reis Botelho ou Botelho Reis, eu sempre troco... cujo nome artístico é Kalila, fizemos o

⁴⁵ Município do estado brasileiro do Mato Grosso.

⁴⁶ Professora de dança cigana e dança do ventre.

⁴⁷ Município do estado brasileiro do Rio Grande do Sul.

⁴⁸ Novela que esteve em exibição no ano de 1995 na rede Globo.

⁴⁹ Personagem da novela Explode Coração.

⁵⁰ Município do estado brasileiro do Rio Grande do Sul.

batismo em uma fogueira, e ela continua até hoje, fazendo um trabalho muito legal, dando aula em Arroio Grande, Pelotas⁵¹, Pinheiro Machado⁵² e Pedro Osório⁵³, se não me engano. Sei que ela partiu para outras modalidades também, mas que continua muito enraizada com a dança do ventre e com a dança cigana. Bem, quando eu cheguei em Bagé, vi que já existiam muitas professoras de dança do ventre, porque lá existe uma tradição, uma cultura árabe muito forte, muitos imigrantes que foram direto para aquela região da fronteira e aí nós fomos morar direto para fora⁵⁴ e eu fiquei algum tempo sem dançar, consegui um emprego em uma escola, como professora de artes novamente, mas sempre faltava alguma coisa, faltava... E no tempo que eu vi a Gina despontando e várias das colegas delas despontando eu havia parado, é eu havia parado... E aí tinha algo dentro de mim que falava que eu tinha que voltar e quando eu encontrava minhas alunas, em viagens que eu fazia para Arroio Grande ou para outros lugares onde a gente se encontrava, sempre me perguntavam “mas como que tu parou? Como é que tu parou?” Ninguém acreditava. Foi então que pensei comigo “quer saber, eu vou tentar voltar” e aí estamos aí novamente, tentando fazer um trabalho de resgate, porque foram quase sete anos parada sem dançar, dançava em casa sozinha, dançava com as amigas, dançava em rodas de família, mas não a nível profissional. E eu achava que ainda sabia pouco, porque nesse tempo de sete anos muita coisa evoluiu para a dança cigana e veio muita gente de fora... e veio uma Juliana Lorenzoni⁵⁵ na minha vida [risos] e aí eu conheci a Simona Jovic⁵⁶, depois veio a Carol, a Carolina Morais Fonseca⁵⁷, e nesse meio tempo, observando, estudando muito, a vinda da tecnologia nos facilitou ainda mais o encontro com a dança... Não digo folclóricas, mas digo mais típicas mesmo, aquilo que acontecia realmente dentro dos clãs e aí foi um processo de muito estudo, muito, muito. De passar dias e dias olhando um mesmo vídeo, um mesmo vídeo, um mesmo vídeo... Indo para a sala de dança e fazendo, fazendo, fazendo e corrigindo, corrigindo, corrigindo, fazendo, fazendo, fazendo... a ponto do meu marido dizer, “mas tu não vais sair deste computador?” Eu respondia: “mas, eu moro na fronteira, quem aqui vai me ensinar? Se não for a estudar sozinha eu não tenho quem me ensine”, então quando começaram a surgir esses cursos, foi a salvação, e pensava: “bom, agora vou ter com quem compartilhar, tirar as dúvidas, falar a mesma linguagem, ouvir coisas diferentes”, porque as pessoas também têm uma visão do trabalho que tu faz, e eu acho que a gente tem que estar sempre aberta para as críticas construtivas, sobre o nosso trabalho, porque tudo é um processo, a dança é um processo, onde a gente se lapida e está sempre se lapidando. Então, para mim isso tudo é a minha vida, a dança é a minha vida, e hoje... Então, depois quando surgiu o InspirArte⁵⁸, foi mais como um processo de dança terapia, onde eu estava vendo como eu iria encaixar a minha dança em Bagé. Na época não tinha nenhuma professora de dança cigana em Bagé, nós temos sim, uma forte professora de dança do ventre que é a Luiza Martins, e ela até trabalha com a dança cigana árabe...

J.L. – As ghawazee⁵⁹?

⁵¹ Município do estado brasileiro do Rio Grande do Sul.

⁵² Município do estado brasileiro do Rio Grande do Sul.

⁵³ Município do estado brasileiro do Rio Grande do Sul.

⁵⁴ Expressão que significa morar no interior, zona rural.

⁵⁵ Professora de dança cigana e dança do ventre.

⁵⁶ Professora Sérvia de danças ciganas e folclóricas.

⁵⁷ Professora Portuguesa de danças ciganas.

⁵⁸ Escola de dança da entrevistada.

⁵⁹ Ciganas do Egito.

G.M. – É né... E que eu saiba para por ali, mas a dança cigana propriamente dita, uma pessoa que fosse lá e estudasse e fosse a fundo nas várias danças existentes dentro dessa cultura, dentro dessa etnia, não tinha... O que tinha em Bagé? Tinham as casas de Umbanda que... Onde se dançava e aí era a minha dúvida “tá, mas dançam o que nessas casas de Umbanda?” E aí conversando com uma e com outra que frequentavam esses lugares, elas mesmas começaram a ir frequentar o InspirArte porque queriam aprender a dançar mais, então eu via nelas uma certa postura, uma certa soltura, um bate saia bonito, mas faltava a técnica, que é o que elas começaram a buscar e eu acho que a gente começou a fazer um trabalho em parceria então, o InspirArte e as tendas, as tendas ciganas. Hoje em dia, tenho uma dessas meninas que começou já há algum tempo comigo, e agora será professora, porque como está aumentando o número de turmas... Então eu estou passando para ela uma das turmas iniciante, porque eu preciso de ajuda, preciso de auxílio, porque além do InspirArte eu tenho a escola Espírito Santo⁶⁰, eu estou vindo fazer o meu pós em dança, esse ano eu também quero introduzir a minha pesquisa para o mestrado, então é muito... eu tenho um fluxo de atividades intenso, e como elas são extremamente dedicadas, dedicadas, dedicadas... eu pensei, “bom, a gente vai trabalhar juntas, dentro daquilo que eu vou poder ajudar, eu vou estar sempre perto, mas eu vou precisar desse auxílio e vamos dar essa sequência então”. Assim, o InspirArte está se formatando, ou seja, começou nesse processo mais terapêutico, hoje em dia ele já partiu para dança arte mesmo, para buscar... A nível de competições, de palco, de... Que para mim também foi uma coisa nova, porque por muito tempo eu sempre fui a professora, mas não era a bailarina, então de uns tempos para cá eu comecei a subir no palco e levar a minha dança, que para mim também tanto faz se é no palco, se é no chão, se é na rua, se é em qualquer lugar, desde que eu consiga dançar e mostrar o que é a cultura, mostrar essa força da expressão da dança, isso me deixa tão realizada e feliz, tão feliz, porque é como se fosse uma oração. Eu amo dançar, então hoje em dia eu posso dizer que o InspirArte, dentro da região da fronteira já é uma referência, as pessoas buscam muito o nosso trabalho, para conferências, para as palestras nas universidades sobre diversidade cultural, sobre inclusão social quando se tem que falar sobre a etnia cigana e a gente está desenvolvendo esse trabalho paralelo então que não é só com a dança, mas que traz toda essa questão da inclusão mesmo, do que a gente precisa... Lá a gente tem muitos ciganos, e que não são... As pessoas não conhecem o que é a cultura cigana, então é isso que o InspirArte também está fazendo, levando ao conhecimento de todos um pouquinho mais sobre isso.

J.L. – Vocês tem abertura dentro dos clãs ciganos lá em Bagé?

G.M. – Assim, não. De todos os clãs ciganos que existem lá não, mas temos dois bem fortes, eu me dou muito bem com a dona Anita que é a matriarca, digamos assim, de uma família bem grande, mas nós não chegamos ainda a esse ponto, tudo que se tem é muito estudado por fora, em bibliografias, em vivências com outros ciganos de fora, então... Mas lá dentro mesmo, ainda não, porque eles mesmos são muito fechados. Então, quando vou falar percebo... Várias vezes fui convidar dona Anita para eventos nossos e tal, então o filho mais velho, ela é viúva, ele só olha de cantinho assim, e faz sinal negativo... e aí naquilo tu vê, quando a mãe pode, ou a mãe não pode participar, porque eles são realmente muito reservados. É diferente, eu vejo, do que em outros clãs mais aqui da região metropolitana que parecem serem mais abertos, lá eles são realmente muito fechados, muito fechados, mas devagarinho acho que a gente também

⁶⁰ Escola da cidade de Bagé.

vai conquistando esse respeito deles e é uma coisa que como te digo, a escola tem apenas três anos e acho que é um processo que eu preciso ainda maturar mais, para que ele também possa ser visto, com bons olhos por essa comunidade. Então nós começamos o processo de inclusão nas escolas, a dança como um instrumento pedagógico para esse processo de inclusão nas escolas, e aí nós estamos indo assim, lentamente, calmamente, um passo de cada vez, para que realmente esse trabalho possa ser considerado por eles também. Vimos que geralmente, chegam até o quinto ano, depois eles saem das escolas, os pais não têm interesse que os filhos continuem estudando, em Bagé tem várias revendas de automóveis de ciganos, os meninos com doze, treze anos já estão trabalhando junto com os pais, as meninas são retiradas da escola para irem para casa com a mãe, então isso que a gente está vivendo na cidade, e eu quero, não sei se eu vou conseguir, não sei se é pretensão minha, mas eu sonho em poder ver essas crianças na escola para quem sabe terem um futuro mais garantido, porque assim como tem aqueles que tem bastante dinheiro, tem aqueles que não tem. Sei que isso não cabe a mim, eu só sou aquela que pensa em um processo de inclusão para que as crianças tenham os mesmos direitos e consigam garantir um pouco do seu lugar ao sol colhendo os frutos de uma vida feliz para todos, é isso que eu sonho.

J.L. – Na tua opinião, quem tu acha que são as pioneiras da dança cigana no estado? Assim, de nomes de professoras, quem tu lembra da época que tu começou talvez, das primeiras assim.

G.M. – Então, no estado, que eu saiba, o que me vem sempre é o nome da Gina, a Gina é ligada à Sayonara Linhares⁶¹ e depois fiquei sabendo também da tua existência⁶², então as referências que eu tinha são essas, não tem outras assim, no momento também não lembro.

J.L. – E na tua região, tu lembra de outras professoras que atualmente estão trabalhando com dança cigana?

G.M. – Então, em Bagé tem uma moça que se chama Marinei Rosa, eu não sei muito sobre o trabalho dela, não vejo assim um trabalho de muita expressão, mas ela foi para lá ano passado e está trabalhando em uma academia, em Bagé não tem mais ninguém a não ser nós.

J.L. – Quem são, além de ti, as professoras que estão dando aula na tua escola?

G.M. – Na minha escola, temos agora a Walquíria Regerti, cuja área são as crianças, pois além dela ter toda uma doçura com as crianças, todo um desenvolvimento bem amoroso, também é uma pessoa extremamente dedicada e que quer continuar. Agora estamos todos muito felizes, porque ela passou na faculdade de educação física, passou no vestibular, e aí o sonho dela é seguir os mesmos passos porque como nós não temos faculdade de dança em Bagé, ela então vai fazer educação física e depois vai vir fazer o pós em dança aqui, e aí no que me cabe enquanto provedora da escola é poder proporcionar cursos para elas. Depois tem a Carla Genovezi também, e quanto à Carla Genovezi, sei que a vó dela era cigana. E também saiu da família para poder ter um relacionamento com um rapaz que não era cigano.

⁶¹ Professora de danças ciganas.

⁶² Referente à entrevistadora Juliana Lorenzoni..

J.L. – E na tua escola quais os estilos de dança cigana que tu trabalha mais? Tem algum estilo específico ou trabalha de modo geral todos?

G.M. – Assim, vai mais pelo interesse das gurias, porque é uma escola pequena e recém estou formatando as turmas por categorias de iniciante, intermediário para futuramente chegarmos ao avançado, então escolhemos várias músicas, estudamos muitos vídeos e passamos um bom tempo estudando cada dança, elas são apaixonadas por rumba⁶³, para variar [risos]

J.L. – Normal.. noventa e nove por cento... [risos]

G.M. – É normal, são apaixonadas por rumba. E esse ano então, chegou a kalbelyia⁶⁴ na vida delas, que foi assim, acho que elas encararam com muita vontade, tanto na dedicação de horas de ensaio, quanto ao investimento no figurino, que por sinal é bem caro, dispendioso mesmo, mas assim, a vontade de fazer, a vontade... Elas tinham um gana de fazer aquela kalbelyia e elas passavam dizendo: “porque nós vamos arrasar com esta kalbelyia, porque se em Bagé e na região da fronteira ninguém conhecia, pois agora vão conhecer” e elas estavam muito, muito felizes sabe, muito felizes com a kalbelyia e foi realmente um espetáculo muito bonito. Depois... Deixa-me pensar o que mais... É, assim a gente tem visto... Kalbelyia e rumba... Fugiu agora da lembrança... Alguma coisa mais na parte de dança árabe também, cigana árabe, e dança cigana russa, mais ou menos por essa linha. A gente tem estudado assim, esse ano, vamos ver se começamos com alguma dança Romena... da Romênia o que para elas não teve uma boa aceitação, mas eu disse “meninas tudo é um desafio e eu acho que nós não podemos parar aqui, acho que a gente tem que ir além...” Ah outra coisa que nós estudamos já bastante também, ciganos e o circo, inclusive agora, no espetáculo do fim do ano que vem a temática vai ser circo Roma⁶⁵, então elas estão nesse processo, dessa busca, e de estudar e aí se formatou, dentro dos vários grupos que a gente tem dentro da escola, um grupo que está sempre pronto para tudo, então este grupo é o das apresentações, das competições, é o grupo que está sempre pronto para tudo, todas as outras também estão, mas essas possuem uma dedicação a mais.

J.L. – E dentro da dança cigana tem artistas nacionais ou internacionais que tu admira ou que tu estuda?

G.M. – Tem, tem sim. Na rumba, te digo que a Gina, porque eu adoro ver ela dançar uma rumba bem dançada, acho que ela é bem assim... A Katia Senatore, a Claudia Sartore, a também a Saphyra (Cristiane Wilson).

J.L. – No Roman Havasi⁶⁶...

G.M. – A Juliana Lorenzoni [risos] na dança Turca, é... Também já estudamos isso lá, já tivemos algumas... Mas fizemos uma fusão nos sopros, e aí acabou que a gente ia vir mais para o lado turco e acabamos fusionando então com uma música sefaradida⁶⁷, o que nos fez buscar outros estudos. Quem mais? A nível internacional, então a Simona

⁶³ Dança dos ciganos da Espanha.

⁶⁴ Dança dos ciganos da Índia.

⁶⁵ Roma – cigano em romanês.

⁶⁶ Dança cigana da Turquia.

⁶⁷ Música dos judeus da Espanha.

Jovic, a Rada, Radosława Bogusławska⁶⁸, são referências bem grandes. Ainda nacional eu... Quando eu estava no meu processo de estudo, entrei em contato com a Ingrid Ramanuch e aí vi um trabalho que ela fez de pesquisa que foi um dos primeiros, com uma coletânea mais desenvolvida sobre os variados tipos de dança e gostei bastante da didática dela, não tanto quanto bailarina, mas pelo processo didático, depois para dança, deixa eu pensar... Deixa eu lembrar quem agora, me pegasse de surpresa assim... A Rada no estilo dança Russa, amo de paixão... Ah nós já fizemos um bom estudo no InspirArte sobre dança cigana Russa, foi quando eu também fiz o meu curso com a Sayonara Linhares e a gente tinha que apresentar o trabalho de conclusão, então tudo que eu estava estudando eu passava direto para as gurias, todo o meu trabalho de conclusão acabou sendo direcionado para a escola. E aí teve uma aluna, que tu também assistiu a apresentação dela lembra? A Juliana Collares, que houve a questão da blusa, lembra? A indicação pra que ela usasse uma blusa mais colorida. Ela tem toda uma busca assim, e continua estudando a cigana russa. Depois, em busca na rumba, passando pelo flamenco, a La Chunga⁶⁹, vem La Negra⁷⁰, e vêm outras referências, são várias bailarinas que no fim agora me foge, mas são várias.

J.L. – Tu sabes dizer o ano ou época em que aconteceu um “boom” da dança cigana cênica no Rio Grande do Sul?

G.M. – Precisamente não, mas arriscaria dizer que há pouco tempo, acho, que no Rio Grande do Sul, a uns dez anos, quando a Sayonara, a Gina e a Juliana começaram a promover mais esta modalidade de dança.

J.L. – Tu acha que a novela Explode Coração que passou na Rede Globo em 1995 influenciou a propagação das aulas de dança cigana? Se sim, como?

G.M. – Com certeza, pois antes disto não havia enfoque nesta modalidade. A mídia divulgou muito bem a magia que esta dança tem.

J.L. – Tu chegou a sair do estado para fazer alguma formação em dança cigana ou até do país, ou tu fez aqui no estado quase tudo?

G.M. – Não, foi aqui. Por enquanto ainda aqui, mas assim, eu ambiciono bastante sair para fora para estudar, porque eu acho que te dá uma outra conotação tu ir direto à fonte, é que nem aquela história, cada um que conta um conto aumenta um ponto, então eu acho que quando tu vai direto às vertentes tu tem um aprendizado a mais, realmente com mais força, mais fiel.

J.L. – E tu tem alguma informação sobre a chegada dos ciganos no Rio Grande do Sul? Quais foram os primeiros clãs ou alguma história, assim de saber quem foram os ciganos que vieram para cá primeiro?

G.M. – Eu ainda não me detive no Rio Grande do Sul, parece mentira uma coisa destas, não é mesmo? Mas a minha pesquisa sempre esteve direcionada para outras regiões do Brasil, principalmente a região sudeste, e aí também como os pesquisadores que eu estava entrevistando estavam focados nessa região do país, vejo que preciso me

⁶⁸ Professora polonesa de danças ciganas.

⁶⁹ Micaela Flores Amaya, La Chunga – bailarina de flamenco.

⁷⁰ Antonia La Negra, nome artístico de Antonia Rodríguez Moreno.

aprofundar mais em relação aos ciganos da nossa terra... Um estudo que eu ainda não fiz, mas pretendo fazer, principalmente por ser moradora desta parte do Brasil [risos], a gente precisa fazer mais pesquisas, ainda mais aqui na fronteira, uma coisa que eu vi é que alguns vieram pela Argentina, e nesse CIEP⁷¹ que eu participei há pouco tempo em Santana do Livramento⁷², eu tive a alegria de conhecer uma cigana da Argentina, Alejandra, ela estava de jeans e sentou para assistir a minha palestra, quando eu vi, ela estava secando as lágrimas ao me ver falar sobre o processo de inclusão e o processo de... Desse monte de coisas que a gente ainda vive em pleno século vinte e um, de discriminação e preconceito e tudo mais e ela gravou um áudio muito legal para mim, e parece mentira que eu ainda não consegui.. Ela gravou com as gurias, a Walkiria que gravou na verdade e eu não consegui escutar ainda, mas é um material bem rico para nós. Sei também algo sobre a cigana Terena Caldaras, que segundo algumas lendas, teria rogado uma praga sobre a cidade de Pelotas por estar muito doente e os médicos, não quererem lhe prestar socorro por ser cigana. Falecida em 02 de março de 1883, dizem que seria uma princesa cigana natural da Hungria.

J.L. – Ai que legal. Uma das minhas últimas perguntas era para saber se tu tinha alunas que a partir de ti já são professoras de dança cigana, então tu já respondeu isso antes. Então, para gente encerrar eu não sei se tu queres falar alguma coisa sobre a dança cigana ou sobre ti ou sobre a tua pesquisa ou alguma ideia para essa pesquisa...

G.M. – Então, assim... Eu acho que tudo na vida da gente vem como uma missão, o que eu preciso agora é saber de que maneira nós podemos levar o conhecimento dos jurados quando falamos em dança cigana nas competições, conhecimento sobre essa cultura que a maioria não possui. Pois, uma coisa é tu ser avaliada num concurso por pessoas que têm esse conhecimento, outra coisa é tu ser avaliada por pessoas que nem sonham o que é, então eu acho que falta ainda mais valorização da dança cigana nos meios acadêmicos, nós precisamos disso, de mais pesquisadores, de mais pessoas que se voltem para isso. A minha pesquisa se direcionou muito para o processo de educação dos ciganos nas escolas, muita coisa sobre a dança ficou apartada e eu preciso trazer mais conhecimento sobre isso, porque é a minha área, mas como eu fui para dentro de um curso que era sobre educação, ficou um pouco restrito, mas é isso que vou salientar agora no TCC da pós-graduação em dança que estou fazendo. Eu gostaria muito de poder evidenciar, como poderíamos fazer uma formatação da dança cigana, no sentido de palco, sem desvalorizá-la, sem fugir do que é típico, distinguindo do que é projeção e, ao mesmo tempo levar o conhecimento para muitas pessoas do público que ainda não conheçam. Temo pela descaracterização da dança, porque se vê muito disso também “ah, a dança pela dança”, com tantos processos de fusão que rapidamente já nem é mais dança cigana de tão descaracterizada, e aí é que eu entro com todos os meus questionamentos e brigas... E eu acho que precisamos encontrar esse caminho... eu estou estudando muito para encontrá-lo, e para descobrir de que forma fazer isso... é uma busca, continuo no processo, continuo estudando, acho que ainda sei muito pouco perto daquilo que eu sei que eu tenho que saber, é que são tantas coisas juntas para estudar que no fim o tempo fica curto, mas é um caminho, eu estou trilhando por ele, que santa Sara⁷³ abençoe a todos nós que estamos nessa caminhada, porque ela é linda, mas a gente encontra sim, muito entaves de ambos os lados. Certa vez fui falar com o Nicolas Ramanush, então presidente da Embaixada Cigana no Brasil, ele foi muito atencioso, mas deixou algo

⁷¹ Sigla sujeita a confirmação.

⁷² Cidade do Rio Grande do Sul.

⁷³ Padroeira do povo cigano.

claro para mim, que nem todos os ciganos estariam interessados no meu tipo de pesquisa, porque nem todos os ciganos fazem questão de mudar o jeito de viver e que tanto faz ou tanto fez os filhos deles estarem nas escolas, eu posso acreditar nisso, mas não preciso aceitar, então como uma pessoa que trabalha pela educação e acha que a educação é um meio para que todos consigam os seus direitos, eu continuarei nesse processo e continuarei lutando mesmo que eles não queiram. [risos]

J.L. – Então tá, muito obrigada por contribuir com minha pesquisa.

G.M. – Ah foi um prazer.

[FINAL DA ENTREVISTA]

Anexo 3 – Entrevista Melissa Assumpção Vieira**FICHA TÉCNICA**

Projeto: Memórias da Dança Cigana no Rio Grande do Sul

Número da entrevista: E-

Entrevistado/a: Melissa Assumpção Vieira

Nascimento: 11/01/1977

Local da entrevista: Canoas/RS

Entrevistador/a: Juliana Lorenzoni

Data da entrevista: 11/06/2018

Transcrição: Bruna Moraes Costa

Copidesque: Juliana Lorenzoni

Pesquisa: Memórias da Dança Cigana no Rio Grande do Sul

Revisão Final: Juliana Lorenzoni

Total de gravação: 40 minutos e 41 segundos

Páginas Digitadas: 17 páginas

Sumário: História pessoal; descendência espanhola; início na dança; jazz; dança do ventre; envolvimento com o flamenco; envolvimento com a cultura cigana; influência da novela Explode Coração; professora de Dança Cigana; período no Rio de Janeiro; especialização em Salvador; ex-alunas professoras; bons professores.

Canoas, 11 de Junho de 2018. Entrevista com Melissa Assumpção Vieira a cargo do/a pesquisador/a Juliana Lorenzoni para o Projeto Memórias da Dança Cigana, no Shopping em Canoas/RS

J.L. – Melissa, se tu puder me falar um pouco sobre a tua história pessoal, onde tu nasceu, tua data de nascimento, se tu quiser falar da tua família ou enfim, alguma coisa que tu acha relevante assim do teu histórico de vida.

M.V. – Bom, eu nasci aqui em Canoas, no dia 11 de janeiro de 1977, tenho quarenta e um anos agora, eu venho de uma família de descendente de espanhóis com portugueses e índios, pelo lado da minha mãe portugueses e índios, pelo lado do meu pai puramente espanhola. Cresci ouvindo só música em espanhol, cresci ouvindo bolero, na minha casa dos meus pais até hoje a TV é em espanhol. Na verdade o português é o segundo idioma, o primeiro idioma da minha família é o espanhol, não sei se eu sou de origem cigana ou não, eu sei que eu sou de origem espanhola.

J.L. – Teu pai veio da Espanha?

M.V. – Não, os avós do meu pai vieram da Espanha, pararam no Uruguai e meu pai já nasceu no Uruguai e veio de lá para cá. Mas os avós do meu pai sim vieram da Espanha. Então assim, a cultura hispânica e não espanhola propriamente dita, é muito rica na minha casa. Tem palavras que a gente não usa em português, a gente só usa em espanhol, a gente tem que pensar um pouquinho como é em português. Muito da nossa alimentação que são coisas, comidas espanholas assim, então isso acabou crescendo comigo. Então como as músicas que a gente ouvia em casa eram músicas em espanhol e músicas sempre muito legais ou muito tristes que nem as baladas, os boleros, ou

músicas mais agitadas que nem as rumbas. Para mim isso é o mais familiar, isso é o que me soa mais normal, mais habitual.

J.L. – Como tu começou na dança ou nas práticas corporais?

M.V. – Eu comecei na verdade com seis anos de idade, eu, minha irmã e minha prima, nós três com idades muito próximas, nós começamos uma turminha de jazz, a minha tia que dava aula de jazz em casa e era aquele jazz anos 1980 que a gente colocava collant, rolinho no cabelo, aquele collant lá em cima, era uma coisa muito... Eu lembro que a primeira coreografia que a gente dançou foi *total eclipse of the heart* e aí era muito “uau!” Muito dramático sempre, e eu gostava muito, aí dos seis até uns dez anos a gente dançou jazz, mas sempre com essa coisa de ser mais legal, divertido, mais lúdico do que pedagógico mesmo, depois eu dei um bom tempo na dança, aí eu voltei, voltei fazendo dança do ventre primeiro, aí eu já estava com uns vinte anos, já tinha passado um bom tempo, mas antes disso eu fiz aula de patinação. Nossa, eu inventava umas coisas muito loucas assim, ah ginástica olímpica eu cheguei a fazer... Eu estava sempre envolvida com alguma prática corporal, sempre experimentando alguma coisa diferente. Mas a dança, quando eu voltei para dança voltei com uns vinte, vinte e um não sei, talvez um pouco menos, não menos, eu tinha quatorze, quinze quando eu comecei a fazer dança do ventre, isso porque era aquela fase da adolescência que a gente estava o óh, eu era mais gordinha estava começando a emagrecer, então a dança do ventre sacudia toda aquela coisa, eu dizia que eu era um geloco...

J.L. – Tu lembra mais ou menos em que ano foi isso?

M.V. – Eu acho... Eu estou com quarenta e um, deve ter sido nos anos 1990, 1992, 1993... Eu devia ter uns dezesseis anos, quatorze a dezesseis... 1990, 1992 por aí. Aí eu fiz dança do ventre um tempo, mas eu achava muito engraçada, eu ria muito na aula, eu ria muito de mim mesma.

J.L. – Isso foi aqui em Canoas ou em Porto Alegre?

M.V. – Sim, eu fazia aqui, eu fazia aqui com uma turminha que a minha irmã tinha. Minha irmã estava começando a dar aula de aula do ventre, aí eu fiz aula com ela e com essa turminha.

J.L. – Como é o nome da tua irmã?

M.V. – Da minha irmã é Cíntia Vieira. Daí eu cansei da dança do ventre, achei que era muito mais engraçado, quis fazer uma coisa mais séria, mas aí eu já estava com uns vinte e três por aí, vinte e dois, vinte e três anos, aí eu procurei em todas as escolas de flamenco que tinha na época, liguei para todas, conversei com todas as professoras e me encantei pela Andreia Del Puerto, aí cheguei a fazer aula com ela ainda e eu lembro que o que me marcou assim é que eu disse “tá, mas como é que é a tua aula?” “Melissa assim a aula de flamenco a gente ensina uma copla por ano, as quatro coplas da sevilhana, eu aqui na minha escola é uma por mês, é assim rápido.” Eu disse “é assim que eu quero.” Aí eu lembro que eu fiz aula com ela, fiquei uns dois anos com ela até que eu descobri que eu estava grávida com vinte e seis que eu comecei a cansar demais, eu já estava grávida de três meses e tá eu estava tentando engravidar, mas eu não estava controlando se estava grávida, daí eu parei durante dois anos e voltei de novo, aí ela já

havia falecido, aí eu fiquei, fiz algumas aulas só com o pessoal que tinha ficado dela, mas eu queria era ela, não era mais a mesma coisa, aí eu parei, nesse meio tempo também cheguei a fazer aula com uma outra professora, eu acho que a Marilu Couto também dava aula de Flamenco, mas tinha uma outra professora que eu não lembro o nome que eu fiz aula com ela também na Casa Baka, eu lembro que ela ensinou umas coplas diferentes, umas sevilhanas diferentes...

J.L. – Isso foi mais ou menos em 1999?

M.V. – É, por aí, em 1999. Eu não me lembro como que era o nome dela, acho que era Sílvia, eu lembro que ela tinha o cabelo comprido escuro preto longo, não me lembro... Mas aí fui pincelando aulas, poucas aulas com várias professoras, não parei em nenhuma escola de flamenco, mas antes disso lá em 1994, 1996 eu já dava aula de cultura cigana, eu tinha turminha de magia cigana, magia com ervas, baralho cigano foi a coisa que eu mais dei aula na minha vida, na época tinha o jornal esotérico lembra?

J.L. – Não, nessa época eu era criança [risos].

M.V. – Era um jornal que era vendido grande, bonito assim, eu fui colunista desse jornal por três anos e meio, eu tinha uma página aonde eu dava aula ali, ensinava cada carta do baralho cigano, e tinha muita turma de baralho cigano, muita gente...

J.L. – Aqui em Canoas?

M.V. – Em Canoas, em São Leopoldo, em Novo Hamburgo, em Viamão muita gente, em Porto Alegre eu atendia em três, quatro lojas esotéricas, eu jogava carta e dava aula de baralho cigano, e aí essas pessoas começaram a pedir curso de dança cigana, eu disse “gente, eu estudo outras coisas, o flamenco é a dança cigana dos espanhóis, os ciganos espanhóis, mas eu não sei o resto como que é”, e aí me pediram, me pediram e eu comecei a procurar, e aí procurando catei a União Romani Internacional, tinha um cara que era um sociólogo lá em Pernambuco, que ele era a pessoa no Brasil que estava correndo atrás disso e aí ele que me disse, “olha Melissa, teve essa novela da Globo há pouco tempo...”

J.L. – Tu lembra o nome dele?

M.V. – Eu tenho anotado em algum lugar... Frans Moonen. E aí ele que me disse “ah, essa professora (Cristina da Costa Pereira) foi a gente que indicou ela lá para a Globo, para ela treinar os atores”, mas ela chegou e disse “olha eu não sei como que é, eu vou inventar alguma coisa aqui de sacudir ombrinho, de sacudir saia e vai ser isso, porque a gente não sabe como é que é”. E aí ele que me deu esse nome que eu acho muito engraçado que é dos ciganos Dara global, que as pessoas não sabem de onde que veio, que foi uma invenção na verdade de uma pessoa que depois até ela publicou uns livros dizendo que não, que ela sabia o que estava fazendo, mas na época... Eu tenho os e-mails dele ainda, que a gente se comunicava por e-mail, que ele me dizia “não, ela inventou uma coisa ali, junto comigo e a gente tinha que treinar as pessoas e foi isso que saiu”. Mas aí eu fui estudando as danças separadas, como é que os ciganos que viviam na Turquia dançavam, como é que os ciganos... E aí nisso eu fiz aula com a Supria de kalbelyia, cada professora ou pessoas que me mandavam conteúdo e vídeo muito... Era fita ainda...

J.L. – Nessa época não tinha o youtube?

M.V. – Não, não, a gente estudava por fita, comprava as fitas assim, por exemplo o balé folclórico de tal lugar, era ali que a gente tinha para estudar entende, balé folclórico da Rússia, eu tenho horrores de VHS ainda deles, e era assim que a gente conseguia... E aí estudando a cultura dos ciganos daquela região, tinha um jornal que era, já estava lançando na internet que era o Patrin, que eles que divulgavam o que estava acontecendo com os ciganos no mundo, como é que eles estavam se comunicando, se estabelecendo, eu lembro que na época em São Paulo estava tendo uma mobilização grande para o pessoal parar com essa coisa de “ah eu sou a fulana da cigana tal” que recebiam os ciganos como entidades espirituais e a gente se perguntava porque não recebiam um alemão tal, “ah até recebe”, mas assim, que parassem, que separassem um pouco as coisas, os ciganos...

J.L. – A religião da cultura.

M.V. – É. Os ciganos estavam se mobilizando para isso, pedindo que as pessoas fizessem isso, e aí eu era muito ferrenha nisso, eu pregava muito... E aí a dança cigana eu comecei montando aquilo que eu mais entendia, que eram as rumbas porque eu ouvia desde criança, era essa musicalidade espanhola, era o flamenco, então eu comecei por ali e sinceramente eu saí muito pouco dali, eu pincelei um pouco de outras danças ciganas de outras regiões, mas o meu forte sempre foi esse, a verdade é essa, e na verdade sempre foi o que eu gostei, é o que eu me identifico mais, eu acho que eu tenho mais jeito para isso, apesar de achar extremamente divertidas as outras danças. Nossa! A gente pesquisou da Grécia, a gente dançou com a sociedade helênica quebrando pratos, representando os ciganos, eu fiz bastante coisa nesse tempo, estudei, conheci, mas me apaixonei mesmo por essa linha.

J.L. – Então no caso tu conheceu a dança cigana através desse rapaz...

M.V. – É o Frans Moonen é o que me deu mais base técnica.

J.L. – E tu já tinha visto aqui outras coisas de dança cigana nessa época?

M.V. – Não. Eu tinha visto, tinha feito esse workshop com a Odete Martinelli, mas porque ela tinha feito esse workshop por que era época da novela, então estava meio que na moda, era legal, mas de dança cigana não tinha ninguém aqui, a Odete quando fez esse workshop é porque a novela tinha explodido e todo mundo queria, mas eu já estava em contato com o Frans antes disso, tentando entender o que era a dança cigana e ele me dizia “Melissa, não existe uma coisa dança cigana, dança cigana que tu vai conhecer, cada cigano que mora em cada lugar dança de um jeito” e eu, como eu te mandei no coisa ali, o pessoal acha um absurdo dizer isso, “não existe isso Melissa, é só uma...” Não, não é, não é. Dança cigana é dança cigana que a pessoa cigana vai dançar naquele lugar que vai receber a influência daquele país, tanto que para... De tanta encheção de saco que eu tive com isso, eu fiz o Diáspora, que foi um show que a gente apresentou umas três ou quatro vezes, a gente vendeu para a prefeitura, aliás a prefeitura de Porto Alegre comprou o show e eu chamei as professoras que existiam então, e cada uma dançou um estilo de dança cigana daquele país, e antes eu coloquei um vídeo

explicando o que era, de que país eu estava falando e porque se dançava assim, para mostrar...

J.L. – E em que ano foi isso, tu lembra?

M.V. – Não, não lembro, mas eu tenho um DVD, isso eu já tenho tudo documentado, tenho DVD, tenho todo material, mas eu não tinha nada de dança cigana, eu não tinha visto ninguém antes, não conhecia ninguém.

J.L. – Então, na verdade a tua primeira professora de dança foi mais o pessoal do flamenco e não efetivamente de dança cigana, e a partir daí tu foi desenvolvendo o teu estilo e as tuas pesquisas, foi meio autodidata então?

M.V. – Isso. Exatamente. Eu peguei a parte teórica com a parte prática que eu tinha de outras danças e tentei juntar as duas coisas no que seria dança cigana, porque eu não tive outra base.

J.L. – Então tu começou a trabalhar com a dança cigana nessa época que o pessoal começou a te pedir, na função das tuas outras aulas de magia, baralho, e tu lembra na época, além da Odete, se tinha algumas outras professoras, ou eram vocês duas que davam?

M.V. – De dança cigana não.

J.L. – E tu tinha escola aqui em Canoas ou tu trabalhava em Porto Alegre?

M.V. – Eu tinha. Na verdade eu tinha uma salinha comercial aqui no centro de Canoas, na Muck, e aí eu comecei a minha primeira turma ali, coloquei um espelho e disse “bom, vamos tentar” e foi ali que a gente começou.

J.L. – Tu lembra o ano?

M.V. – Em 2000. Isso eu lembro porque marcou para mim ser o ano 2000, e aí teve uma feira esotérica no DC Shopping, e ali que eu lancei a primeira turma, a gente tinha um stand grande lá e lançamos a turma lá.

J.L. – E na tua opinião, além de ti e da Odete, tem alguma outra professora que seja pioneira da dança cigana no Rio Grande do Sul?

M.V. – Não conheço, não conheço. Não me lembro de ninguém dessa época.

J.L. – Hoje em dia tu não tem mais a escola? Ou agora tu reativou algumas turmas?

M.V. – É, eu tô reativando dança cigana de novo, mas eu tive que trocar tudo... Porque assim, quando eu voltei do Rio de Janeiro para cá as minhas alunas que eram mais fieis aqui “ah vamos voltar, vamos voltar”, “vamos, vamos voltar, mas cinco anos se passaram, eu continuei dando aula, mas vocês pararam de dançar, vocês foram, fizeram aula contigo, fizeram aula com a Sayonara, eu acho que a Sayonara tinha ido embora também, fizeram aula com um monte de gente e não quiseram ficar com ninguém” eu disse “gente, vocês estão paradas, a gente vai precisar correr atrás” “ah não, a gente só

quer apresentação” “não, eu não faço mais apresentação, eu não tenho mais esse objetivo”. Hoje a dança... Eu até to adiantando eu acho que o teu roteiro... Mas hoje para mim Ju, para eu continuar dançando é basicamente para minha cabeça ficar feliz e meu corpo feliz. O meu ego já está completamente satisfeito de palco de apresentação, de foto, de filmagem, de aplauso, eu quero estar feliz fazendo o que eu estou fazendo e se os meus alunos quiserem me acompanhar nisso ótimo, eu não estou mais afim de treinar para concurso, para apresentação, correr atrás de figurino, não nada disso. Sem o viés do cênico, sem o viés da concorrência, sem o viés de ter que ser muito bom, to nem aí se eu sou muito boa ou não, só quero estar bem fazendo o que eu estou fazendo.

J.L. – E hoje tu já está com esse grupo reativado?

M.V. – Estou reativando para sábado, tive que parar por essa troca de trabalho todo e eu fiquei sem tempo. Outra coisa, eu fiquei seis anos dando aula só de dança de salão, eu saí dos folclores e fui para o salão que era uma curiosidade minha também, eu queria muito ver como é que era, aí estudei, estudei lá no Rio muito de dança de salão e tive turmas gigantescas assim, fiquei muito com dança de salão, gosto muito.

J.L. – E tu foi embora para o Rio para estudar?

M.V. – Eu fui embora para o Rio para casar e continuei trabalhando lá né.

J.L. – Deu dança cigana lá ou não?

M.V. – Dei aula lá de dança cigana durante esses cinco anos.

J.L. – Paralelo com a dança de salão?

M.V. – Paralelo com a Dança de Salão, mantive sempre uma turma, mas sempre aquilo “gente vamos dar uma pincelada, tangenciar algumas coisas, mas nosso forte vai ser a dança cigana espanhola” até porque flamenco em si eu não posso trabalhar, eu tenho os dois joelhos estourados e o quadril, não posso mais sapatear. No máximo um tango, por tangos, mas não mais do que isso, não dá.

J.L. – Aí tu tinha me falado que tu tinha também feito uma pós na Bahia...

M.V. – Fiz, na verdade era uma especialização, um nível especialização... Em Salvador, na Federal da Bahia, eles têm todos os anos os cursos de aperfeiçoamento técnico para bailarinos profissionais se aprimorarem, e o que eu acho legal deles lá é que eles não têm uma coisa assim “ah aprimoramento técnico em dança de salão, em dança do ventre, em dança cigana” aprimoramento técnico para bailarinos, então na época me pediram pra escrever sobre isso logo que voltei. Eu escrevi uma matéria para uma revista, nem lembro o nome da revista, logo que eu cheguei de Salvador, que dizia assim... As pessoas me perguntavam “tu dá aula de dança cigana, para que tu foi fazer um aperfeiçoamento técnico lá em Salvador que é tão afro?” Gente os meus movimentos verticais não eram bons, lá eu tive que fazer uma aula de uma técnica que melhoraria os meus movimentos verticais, entende. Ter ferramentas, melhorar o que eu tinha. Eu não tenho como achar aquilo que eu preciso corporalmente só dentro do meu globinho, do meu mundo, eu vou ter que sair fora para buscar e trazer para cá, então por exemplo, como eu tinha estudado flamenco eu não conseguia descer a minha postura

nunca e aí eu precisava dançar outras coisas, eu precisava de curvatura e eu não conseguia... Eu já ficava assim (postura ereta), então era muito feio eu dançando Rumba aqui em cima, não conseguia baixar. Então eu fui fazer especificamente isso porque as minhas rumbas não eram legais e eu queria que as minhas rumbas fossem mais soltas em cima... Eu tinha molejo de quadril por causa da dança do ventre, mas não tinha molejo de tronco e ninguém ia me dar essa aula, então eu fui para Salvador porque lá era afro puro, então era tudo desmembrado, tudo quebradinho, tudo solto e eu tive professoras maravilhosas lá, e aí eu fiz especificamente todas as matrizes africanas das danças atuais, especificamente rumbas, muito bom.

J.L. – E foi quanto tempo de curso?

M.V. – Dezoito dias, o dia inteiro. Tu te interna lá, porque era nas férias da faculdade, aí eles ocupam as instalações nas férias e tu fica lá estudando o dia inteiro assim, são oito horas de aulas por dia de várias aulas, só vai trocando o professor, e assim, tu não pode entrar com brinco, tu não pode entrar com maquiagem, tu não pode entrar com sapato. É pé no chão e uma roupa velha e ali fica, não pode entrar comendo nada, eles são muito rígidos com a dança.

J.L. – Deve ter sido uma experiência enriquecedora.

M.V. – Maravilhosa, e como eu cheguei lá com aquela coisa das pessoas estarem focadas demais em figurino e beleza, em aparência, e aí eu chego lá e ela diz assim “eu não quero nada disso, isso não conta em nada se tu não tiver técnica, se tu não souber dançar e saber fazer o movimento bonito, perfeito e harmônico com a música e com o ritmo, não me interessa se tu está muito bem vestida”, então aquilo para mim foi um divisor de águas, eu cheguei aqui e disse “ó larga essas moedas tudo, larga pano, tudo vocês vão dançar de verdade”. Pega o corpo e faz ele ser o bonito.

J.L. – E tu sabe alguma informação nessas tuas pesquisas dos clãs ciganos que chegaram no Rio Grande do Sul, quem foram os pioneiros, quem foram os clãs que chegaram?

M.V. – Olha, eu tinha estudado, os que chegaram no Brasil, que foi João Torres o primeiro cigano a chegar aqui no Rio de Janeiro, ele desembarcou um pouco depois lá em 1510 parece, 1509 veio com a família, mas no Rio Grande do Sul especificamente eu não sei nada não.

J.L. – E nessa formação que tu fez em dança cigana depois que tu já tinha desenvolvido a tua técnica, as tuas pesquisas, tu chegou a sair do estado ou do país para fazer algum tipo de curso ou de aprofundamento?

M.V. – Em dança cigana eu fiz umas aulas em Salvador, com algumas meninas que eram da faculdade e que estudavam, lá cheguei a pegar acho que umas quatro ou cinco aulas de como é que elas dançavam lá, mas eu te confesso que eu não achei muito legal assim, aí teve também de dança sufi nessa época, lá em Salvador também fiz umas aulas, aí eles trabalhavam um pouco a dança cigana junto com a sufi, também achei legal, no Rio eu fiz aula.

J.L. – Que ano tu foi para Salvador?

M.V. – Ah Salvador acho que foi em 2008, acho, ou foi 2005, ai eu sou péssima de datas, mas eu vou achar, eu vou pesquisar, eu tenho nos meus certificados. A minha sorte são os certificados, eles servem para me dar as datas “ah foi nessa data” porque eu não faço ideia. Mas deixa eu ver... 2008.

J.L. – E no Rio tu fez aula também de dança cigana?

M.V. – Fiz, fiz algumas aulas lá sim. E conheci uma pessoa lá que era a única da região, que eu morava na serra do Rio, que era única da região que trabalhava com essa dança cigana dividida por locais, por estilos sabe.

J.L. – Tu lembra o nome dela?

M.V. – Sim sim, minha amiga, a gente se fala até hoje, só não lembro do nome artístico dela, a gente chegou a fazer show junto, ela me chamou para representar a lua negra, foi um show bonito, eu gostei de dançar.

J.L. – E como é o nome artístico dela?

M.V. – Deixa eu me lembrar, Jesus... Alessandra Tubbs. Então. É porque ela dança com quem era a nossa professora lá de dança do ventre, que era minha aluna lá também que era Nádia Cianelli, ela é professora de Tribal. A Nádia da aula na mesma escola que ela.

J.L. – E tu tens atualmente alguma ex-aluna da época que tu dava aula de Dança Cigana aqui que hoje em dia são professoras?

M.V. – Tenho.

J.L. – E tu lembra qual o nome delas?

M.V. – Tá, então a mais antiga, a minha aluna mais antiga é a Rosi, Rosicléia Cortinaz, já fez aula contigo a Rosi, mas a Rosi não fica na aula, em nenhuma aula, a Rosi é aquela aluna assim, aparece, faz um mês de aula, tem uma dor, uma doença some por três anos, volta, e para ela, na cabeça dela ela fez esses três anos de aula...

J.L. – Sim, ela dançou lá na Estúdio também.

M.V. – Sim, ela faz com todo mundo e ela está tentando dar aula, faz um tempo já, mas Aline Mesquita foi minha aluna de dança cigana também...

J.L. – Só que a Aline hoje em dia só trabalha com dança do ventre, não?

M.V. – Eu não sei, eu vi alguma coisa dela de dança cigana também, cheguei a ver alguma coisa assim. Quem mais que virou professora? Não me lembro, dezoito anos, tem umas que eu nem tenho contato mais. Mas a maioria delas não tinham essa intenção de serem professoras, era mais para curtidão mesmo.

J.L. – Tu lembra quando foi o “boom” da dança cigana aqui no estado?

M.V. – Foi na novela, foi na Explode Coração, aquilo foi uma coisa assim, que as pessoas só queriam, só queriam aquilo, sem nem entender direito o que era, eu acho que esse foi o mais importante fato. Na verdade foi quando as pessoas conheceram, porque até então ninguém falava nada sobre isso... Não era uma coisa popular, era uma coisa misteriosa, escondida, e aí eu te digo porque a minha irmã estudava nessa época dança do ventre, antes da dança cigana ainda, e era bem escondido, era uma coisa meio, ai sei lá... É como foi o início do pole dance, “ai não sei se é legal, eu acho que... tá muito pelada”...

J.L. – Estamos finalizando, deixo aqui aberto para se tu quiser falar alguma coisa de ti ou alguma coisa que tu lembre ou alguma coisa que tu espera da dança, enfim...

M.V. – Não, o que eu espero né, eu acho que assim...

J.L. – Ou o que tu sabe da realidade da dança aqui no estado que tu vê hoje, tantos anos se passaram e sei lá, como é que tu enxerga tudo isso, vocês foram as pioneiras e muita água passou nessa ponte, e hoje tem um outro cenário...

M.V. – Mas assim, o que eu guardo sabe Ju, é que acho que foi em 2009, 2010 eu fiz um show para a escola que eu tinha, O Balaio das Artes, eu fiz um show chamado Ego, Arte, Sabedoria, porque eu fiz esse show? Porque eu estudei, eu peguei material com analistas e tal para entender porque as pessoas iam para uma aula de dança, o que levava as pessoas a fazerem uma aula de dança e eu entrevistei muita gente para fazer esse estudo, descobri que todas elas tinham um fundo egóico, todas, todas quando entramos na dança pensam algo do tipo “eu quero me movimentar na frente do espelho, eu quero me sentir mais bonita, eu quero conhecer alguém, eu quero colocar roupas diferentes, eu quero...” sempre foi um fundo egóico, e aí esse fundo egóico, esse processo do ego presente na dança, ele tem um tempo diferente para cada pessoa, em algumas vai ser durante um mês, depois tu já vai entrar num processo artístico, que é o estar praticando com outras pessoas e entendendo uma cultura diferente ou estar mexendo com arte, e aí esse processo artístico a gente espera que ele dure anos, que é quando a pessoa não se importa aonde é que ela vai chegar, onde é que ela vai se apresentar, ela quer estar ali, nem todo mundo que entrou egoicamente chega no processo artístico, mas quando entram, essas pessoas, elas ficam durante um tempo, e é esse cálculo que a gente faz para conhecer o tempo do produto dança, como hoje eu sou formada em Marketing eu consigo entender a dança como um produto vendável, então esse tempo de venda da dança é o tempo de cada pessoa, quanto o meu ego precisa ser satisfeito, e aí depois o quanto eu me permito viver da arte e estar no meio da arte e algumas raras pessoas conseguem passar desse período artístico e chegar na fase de professores, que eu chamo de fase da sabedoria, mas não é sabedoria porque tu sabe mais que os outros, sabedoria para mim é abrir mão do próprio ego em prol do outro: o aluno. O professor que é um professor, que tem jeito para aquilo, que passou por todas as fases para ter uma formação de professor de dança é aquele que olha para o seu aluno e está satisfeito com seu aluno dançando, não me importa mais o que eu estou fazendo, não me importa mais se eu danço bem ou não, eu quero que os meus alunos estejam bem fazendo o que estão fazendo, esse é o professor, e são muito poucas essas pessoas hoje, raríssimas. Quando tu me chamou para essa entrevista eu aceitei porque tu era a única pessoa que eu via assim, desde que a gente se conhece, a gente já se cruzou tantas vezes em apresentações, em shows, em concursos, a gente já concorreu tantas vezes e eu sempre via em ti a coisa de “não, ela se preocupa mais com o aluno, ela não está nem aí, se ela está ganhando ou

não está ganhando, se ela está bem ou não, não parece ser tão importante quanto os alunos dela estarem bem” então para mim tu é uma professora de Dança Cigana que eu considero professora. Desculpem as outras, mas é só.

J.L. – Obrigada. [riso] É eu tenho isso na escola, é até uma discussão às vezes que acontece entre as alunas da relação da cobrança, porque às vezes tu tem em uma turma aquela que tem super agilidade para tu cobrar e a pessoa ser impecável, e tu tem outra que, por mais que tu cobre, ela já está dando o máximo dela, ela já está se superando, então eu tento sempre equalizar, isso é uma das coisas que às vezes eu perco aluna que quer chegar no nível só show, porque eu sempre digo para as gurias, o importante é as pessoas quando assistirem o nosso show ver que tem uma menina de vinte anos dançando que teria condições de talvez sim fazer mais, junto com uma mulher de sessenta, mas a harmonia de todo mundo dançar junto é o mais importante, não é a qualidade total do movimento e sim a qualidade do que está se produzindo junto, e isso é uma coisa que eu acho que eu ganho aluna, e às vezes perco aluna, justamente porque eu acho... Eu não quero olhar aquela aluna “ai tem que ser todo mundo impecável com a mão aqui...” Não, acho que cada uma vai com a mão do jeito que dá, da melhor maneira possível se esforçando. E tu vê isso nas pessoas, as pessoas se esforçam às vezes, e às vezes quem tem facilidade não se esforça, então...

M.V. – Exatamente, se joga e não tá nem aí...

J.L. – Isso é uma coisa que eu não quero perder nunca assim, de ter essa coisa de tentar olhar para a aluna enquanto aluna, que está ali por um hobby, não só pela competição ou de ser mais perfeito do que o outro grupo. E às vezes a gente acaba ganhando apreço dos outros grupos exatamente por isso, pela alegria que gera e não pela precisão técnica né.

M.V. – Exato. Eu sempre fui muito chata com precisão técnica sabe, mas assim, a minha precisão técnica chegava aqui, se eu via que o nível da minha turma era esse eu chegava na metade, beleza eu vou ceder, mas vocês vão subir, mas o mais importante para mim é isso, tu é professora quando tu está preocupada que os teus alunos rendam o que podem render, eu não consigo respeitar alguém que se diz professor que na verdade quer plateia “me olhem que eu vou dançar para vocês, para comparar, para ver como vocês são piores que eu e eu sou melhor que vocês” isso não é um professor, isso é um bailarino, artista, ele quer palco, ele quer aparecer, mas também é aceitável, também tem gente que quer a mesma coisa, que vai se agrupar, não é errado, nem certo, mas no meu título de professor, eu acho que tem que ser isso, e as aulas, as turmas, principalmente de Dança Cigana, vamos combinar que Dança Cigana ela tem... Eu posso misturar as cores, eu posso colocar as roupas que eu quiser, eu posso colocar colorido sabe. Tem uma coisa que me magoa, que eu nunca esqueci, apesar de eu já... Poxa, tanto tempo, sabe... Chegaram a me procurar para dizer assim “Melissa, tu dança pelada, tuas pernas aparecem quando tu dança, tuas costas aparecem...” Desculpa, eu venho de uma raiz espanhola, onde o Flamenco tu puxa a saia aqui em cima e mostra as pernas... Tudo bem, se eu for dançar uma Dança Cigana lá da Romênia eu vou colocar bombachinha, eu vou... Mas eu não estou. “Ah, porque tu está mostrando as tuas pernas” e aí, são as minhas, são as tuas? Entende, eu acho que se perdeu durante o tempo.

J.L. – Vai criando um ranço também.

M.V. – E se perdeu a coisa de assim “poxa, que trabalho legal que tu faz” todo mundo tem um trabalho legal, tem uma parte chata, mas todo mundo tem uma coisa boa que acrescentou para a Dança Cigana nesse tempo todo, todo mundo trouxe coisas maravilhosas, e eu acho assim, das professoras que eu vi, eu vejo um estilo muito claro em cada uma, em cada uma tem uma alegria, um jeito de ser que só combina com ela, não tem outra que seja parecida, talvez naquele outro estilo tu não seja boa, mas nesse tu é a melhor, para mim tu é a melhor, e eu vejo assim, eu separo os professores que eu conheci nesse tempo “ah essa é muito boa nisso, não no resto não funciona com ela, mas isso ela é muito boa” talvez porque eu me veja assim também entende, eu me vejo boa no que eu faço.

J.L. – Sim, até porque a Dança Cigana ela é tão vasta que não tem como a gente ser perfeita em todas.

M.V. – Não, e nem tem como a gente querer ser, eu me acho boa na Dança Cigana Espanhola, mas me acho muito ruim no resto, mesmo depois de dezoito anos e tá tudo bem, eu acho que assim, se as pessoas conseguirem entender que elas... Todo mundo pode ser professor, todo mundo que passa pelas tuas turmas pode ser professor, desde que tenha uma trajetória, desde que amadureça como dançarino, professor ou bailarino, seja lá o que for né, durante uns dois anos eu dei aula na Universidade de Barra Mansa, que é uma cidade lá do Rio, que era um aperfeiçoamento técnico para formação de professores, para quem estava acabando a faculdade de Educação Física, para formar professores de dança e era um curso de nível de extensão universitária, e a primeira coisa que eu fui explicar para as pessoas é que dentre as pessoas que dançam a gente pode definir entre os papagaios: eles só estão repetindo aquilo que o professor faz sem pensar o que é isso, querem muito ser o que os professores são, não vão ser nunca, cada um tem o seu jeito. Tem os que são bons bailarinos, que são feitos para palco, que qualquer lugar que chegar aqui vai dançar, vai surgir um refletor e a pessoa nem vai olhar quem está em volta, é só ela, ótimo, trabalha com isso. E tem as pessoas que nasceram para serem professores, às vezes esses bons professores não são nem bons bailarinos, não são bons em palco, mas são excelentes professores para ensinar as pessoas, então a trajetória vai ser de cada um em particular, mas que cada um continue achando a sua.

J.L. – Sim. Então tá, muito obrigada!

M.V. – Eu que agradeço.

[FINAL DA ENTREVISTA]

Anexo 4 – Entrevista Gina Vitola**FICHA TÉCNICA****Projeto:** Memórias da Dança Cigana no Rio Grande do Sul**Número da entrevista:** E-**Entrevistado/a:** Gina Vitola**Nascimento:** 19/12/1977**Local da entrevista:** Porto Alegre/RS**Entrevistador/a:** Juliana Lorenzoni**Data da entrevista:** 02/08/2018**Transcrição:** Bruna Moraes Costa**Copidesque:** Juliana Lorenzoni**Pesquisa:** Memórias da Dança Cigana no Rio Grande do Sul**Revisão Final:** Juliana Lorenzoni**Total de gravação:** 28 minutos e 50 segundos**Páginas Digitadas:** 10 páginas

Sumário: História pessoal; Início na dança; Envolvimento com a cultura cigana; Primeiras aulas de dança; Professoras de dança cigana; Professoras pioneiras no RS; Estilos de dança cigana; Artistas inspirações; Chegada dos ciganos no RS; Alunas atuantes como professoras; Influência da novela Explode Coração; “Boom” da dança cigana; Dança cigana raiz e dança cigana artística.

Porto Alegre, 02 de agosto de 2018. Entrevista com Gina Vitola a cargo do/a pesquisador/a Juliana Lorenzoni para o Projeto Memórias da Dança Cigana no Rio Grande do Sul, na casa da entrevistada em Porto Alegre.

J.L. – Então, me fale um pouquinho da tua história pessoal, onde tu nasceste, data de nascimento... Alguma coisa que tu acha importante falar sobre ti assim, não necessariamente sobre a dança.

G.V. – Eu nasci em Porto Alegre⁷⁴, no dia dezenove de dezembro de 1977, depois de um tempo estando aqui em Porto Alegre, meus pais foram para São Lourenço do Sul⁷⁵ ficamos um tempo morando lá, até meus sete anos... me lembro que aos oito anos viemos morar em Viamão⁷⁶.

J.L. – E dentro das práticas corporais, como que tu começaste? Tu começaste na dança direto, tu começaste fazendo outra prática corporal?

G.V. – A minha família, por parte de mãe, já manifestava afinidade com a parte artística, o meu avô tinha um CTG⁷⁷. Ele era patrono deste CTG que ficava em São Lourenço e toda a família participava, tinha invernada⁷⁸, o pessoal dançava, cantava e

⁷⁴ Capital do Estado do Rio Grande do Sul.

⁷⁵ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul.

⁷⁶ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul.

⁷⁷ Centro de Tradições Gaúchas.

⁷⁸ Nos centros de tradições gaúcha, o termo invernada significa departamento, sendo comum a existência das invernadas artística, cultural e campeira nas entidades tradicionalistas.

tudo mais e quando fui morar em São Lourenço do Sul aos seis anos, eu entrei para o CTG e fiz parte de todo o processo, internada mirim, tradição gaúcha, foi assim que iniciei meus primeiros contatos com a dança, através das danças folclóricas gauchescas.

J.L. – E como que tu conheceste a dança cigana? Tu dançavas alguma coisa antes? De repente se tu quiseres falar desde essa época do CTG até agora...

G.V. – Eu vou pontuando algumas coisas... Na verdade a dança cigana entrou na minha vida a partir da novela Explode Coração, foi um resgate na realidade, porque eu ouvia a minha mãe falar que o meu avô acolhia os ciganos quando passavam nas terras dele, então a minha avó comprava tachos, eles ficavam um tempo lá, tinha um certo intercâmbio e afinidade entre os ciganos e a família Vitola, a mãe comentava que via os acampamentos ciganos, até contava algumas histórias... Que teve uma vez que ela pediu muito para minha avó fazer uma saia de cigana com tecido de chita... Ficou a semana inteira com aquela saia e não queria tirar, queria fazer parte daquele movimento junto aos ciganos. Então quando eu acessei a energia cigana através da novela, a mãe começou a trazer um pouco dessas informações e eu tinha uns dezessete, dezoito anos, eu lembro que eu analisava bastante os movimentos de dança, apesar de saber que dentro da novela havia coisas que faziam parte do contexto cigano e muitas coisas eram apenas parte do enredo da novela, mas como eu não tinha muito conhecimento naquela época... praticava a dança de uma forma espontânea, fazia as apresentações para a minha família, já buscava uma conexão com essa energia cigana. Então com dezoito para dezenove anos, comecei a ter um pouco mais de condições financeiras, pois já estava trabalhando, fui buscar a dança e encontrei a minha primeira paixão, a dança do ventre.

J.L. – E com quem tu fizeste aula de dança?

G.V. – O primeiro contato com a dança do ventre foi bem dentro da parte antiga e ritualística, com a Igah Hamaad, que na época ainda usava seu nome de nascimento Rosângela Obes.

J.L. – E tu lembras o ano?

G.V. – Em 1996.

J.L. – Foi logo depois da novela então?

G.V. – Sim, lembro que trabalhava no centro de Porto Alegre, e tinha uma Academia chamada Stylos, tinha vários tipos de danças e foi neste local que encontrei as aulas de dança do ventre, fiquei um bom tempo envolvida nesta energia, desenvolvi a parte da dança do ventre ritualística mais genuína, não tendo tanto contato com o *bellydance* no formato comercial, fiquei um bom tempo nesta prática... Participei de alguns grupos de dança, fui incentivada pela professora a dar aula, foi bem interessante... era integrante do grupo Edra - Danças Árabes, que inicialmente foi orientado por Igah Hamaad e que mais tarde ficou sobre a orientação de Gina Vitola, Clarice Canabarro, Valéria Muniz e Andrea Zoraia. Em seguida, iniciei outro ciclo na dança do ventre, com a Alessandra Forte e conheci um pouco mais da energia do *bellydance*.

J.L. – Tu lembras mais ou menos que ano era isso?

G.V. – Era 1999, eu conheci a Alessandra e comecei a desenvolver uma outra parte da dança do ventre, iniciei um jornada de práticas com diversos profissionais, com professores (as) e bailarinos (as) renomados, como o libanês Sami Khoury, Camélia, Fadua Chuffi, entre outros profissionais que Alessandra trazia para o Brasil.

J.L. – Sim. Em que momento que apareceu a dança cigana na tua vida? Depois daquele período.

G.V. – Depois daquele período... Que fiz aquela conexão através da novela, entrei para dança do ventre, depois desenvolvi trabalhos com folclore, com pessoal do Grupo Andanças no qual participei um tempo, fiz dança de salão com Alexandre Santos e Tracy Freitas e outros estilos de danças, nesta época já estava participando dos festivais de danças, comecei a investigar a questão da fusão dos estilos. Experimentei fusionar essa vertente cigana através do flamenco. Nesta época estava desenvolvendo alguns estudos com o flamenco, já estava fazendo algumas aulas com a professora Silvia Canarim e entrando na energia cigana novamente.

J.L. – Mais ou menos tu lembras o ano que foi isso?

G.V. – Lembro que iniciei com a pesquisa de fusionar estilos em 2001 mais ou menos, mas vertente cigana foi em 2005/2006.

J.L. – A fusão com a dança cigana pra ti foi bem empírica? Tu não chegastes a fazer aulas de dança cigana para começar a fazer essas fusões?

G.V. – Sim foi mais empírica, neste período não fiz aula específica de dança cigana. Eu busquei o conhecimento dentro do que eu tinha de ferramentas para iniciar este processo de fusão de estilos. A questão da fusão de dança do ventre com flamenco (gitano) que foi a retomada da energia cigana... Pois fiz uma pesquisa para criação de uma coreografia para um festival de dança onde utilizamos a musicalidade de um grupo francês que realiza uma mistura de música do mundo: música cigana do Oriente Médio, árabe, francês, hebraico e espanhol “Alabina” e nessa pesquisa tive mais contato com a vertente cigana, levamos a coreografia para o festival e para nossa surpresa agradou muito ao público e aos jurados, através dessa conexão verifiquei... “bom, eu tenho que estudar mais sobre essa cultura, me despertou algo muito intenso” a partir dos estudos surgiu algumas parcerias, entre elas com o Coração Cigano (grupo que desenvolvia músicas fusionadas, algumas com temáticas ciganas) isso foi 2007 e a partir desse movimento com o Coração Cigano, iniciou um trabalho onde eu desenvolvia a parte da dança com as fusões e eles com a música, alguns projetos foram lançados, em um desses projetos em 2008 que conheci a Sayonara Linhares, onde comecei um estudo mais aprofundado com as danças ciganas.

J.L. – Então a tua professora de dança cigana, efetivamente, foi a Sayonara Linhares?

G.V. – Sim, foi a Sayonara Linhares, até então todos os estudos eram através de pesquisas (musicais, alguns livros, histórias, percepções, observações e criações corporais espontâneas) eu não tinha encontrado um profissional que me orientasse nesta área específica aqui em Porto Alegre até o momento.

J.L. – Em que momento que tu decidiste, efetivamente a trabalhar com dança cigana, abrir uma turma de dança cigana, sem ser fusão?

G.V. – Então, eu fiquei um tempo trabalhando com a fusão e fazendo aula de dança cigana com a Sayonara, depois de um tempo de estudo eu me senti mais apta a dar aula, foi em 2009/2010, eu comecei a fazer alguns rascunhos disso, não estava nada muito claro, eu experimentava algumas práticas com as alunas, mas não tinha efetivamente iniciado uma turma específica. A partir de 2010 que comecei a solidificar as aulas de danças ciganas na Cia de Arte em Porto Alegre.

J.L. – E nessa época que tu começaste a estudar com a Sayonara, tu lembras de ter outras professoras de dança aqui em Porto Alegre, que trabalhassem com a dança cigana?

G.V. – Em alguns eventos realizados em 2008/2009, que lembro de algumas pessoas que estavam desenvolvendo alguns trabalhos junto à dança cigana, a Melissa Assumpção, o Grupo Shuvanis, outras vertentes como a Thais Francisco, que desenvolviam um trabalho com o flamenco em Viamão.

J.L. – Na tua opinião, quem tu achas que são as professoras pioneiras aqui do estado, além da Sayonara, que foi a tua professora?

G.V. – Que eu me lembre...

J.L. – Ou de anterior...

G.V. – Sei que a Igah também iniciou seus estudos na dança cigana, só não sei em que ano. O primeiro contato que eu tive mesmo, em Porto Alegre foi com a Sayonara Linhares, tinha muito trabalho na parte de fusão.

J.L. - E dentro da tua escola, do teu trabalho, quais são os estilos de dança cigana que tu mais trabalha, tu tens isso mais direcionado?

G.V. – Já experimentei vários formatos de aula... O que eu estou aplicando atualmente é explorar cada estilo de dança cigana separadamente, um a dois meses para cada região. As alunas gostam muito da parte da Espanha, do Brasil, mas eu procuro sair um pouco dessa zona de conforto, vamos explorando as danças ciganas de outras regiões como Grécia, Egito, Índia, vamos transitando e trazendo o máximo de informações da cultura, costumes, música e da dança de cada região.

J.L. – E quem são os artistas, bailarinas, coreógrafas, professoras que tu estuda ou que tu admiras nacional ou internacional, como inspiração para as tuas pesquisas?

G.V. – Ó meu Deus, tem várias... Mas uma profissional que admiro muito e já tive a oportunidade de fazer aula com ela foi a Miriam Peretz, que desenvolve um trabalho belíssimo com várias etnias, não somente a vertente cigana, e dentro de um formato sensível que agrega a parte técnica, mas também terapêutica que a dança pode proporcionar para quem as pratica. Outra profissional que admiro é Simona Jović, apesar de não conhecê-la pessoalmente, pesquisei sobre o trabalho que ela desenvolve. Gosto muito das bailarinas mais antigas da região da Espanha, como Carmen Amaya,

La Chunga (Micaela Flores Amaya), La Faraona (Lola Flores) gosto da parte mais genuína. Quando eu comecei a dar alguns cursos, busquei muita informação com os próprios ciganos, principalmente o que se refere a parte da dança cigana aqui no Brasil. Tive contato com a cigana Nety Cabral, do Rio de Janeiro, aprecio o trabalho da cigana Morgana, que tem um Espaço Cultural Kalons Latatchos - Centro de Cultura e Apoio aos Ciganos no Rio de Janeiro. Vertentes que vêm dos ciganos de acampamento, pois me identifico com essa parte mais raiz do povo cigano.

J.L. – Menos para o espetáculo e mais para o raiz...

G.V. – É mais para o raiz, é o legado que quero trazer para as pessoas que buscam a dança cigana aqui no Espaço, e isso procuro deixar claro, porque às vezes vêm alunos, querendo uma coisa mais espetáculo/show, então vou indicando profissionais que já trabalham com essa parte.

J.L. – E na tua formação tu chegaste a sair do estado e do país para fazer algum curso ou pesquisa?

G.V. – Não, ainda não. Só com esses profissionais que vêm de fora.

J.L. – E tu sabes alguma informação sobre a chegada dos ciganos no Rio Grande do Sul, quais são os clãs pioneiros, tu chegastes a ter acesso a alguma informação ou registro?

G.V. – O único contato que eu tive a respeito disso foi com a Rose Winter, ela tem uma catalogação dos ciganos itinerantes, ciganos que vêm de várias partes e passam pelo Rio Grande do Sul.

J.L. – Não tem nenhum registro, eu até tentei procurar, tem um conto falando sobre os ciganos em Dom Pedrito, mas é um romance que dá uma ambientada na história cigana, mas efetivamente, historicamente falando, não tem muita informação.

G.V. – Os únicos registros que eu vi, foi o que te mencionei, dos clãs e dos acampamentos que a Rose Winter tem. Tive conversando também com as ciganas que ficam no centro de Porto Alegre, elas também não sabem dizer nada a respeito.

J.L. – Sim, a gente encontra muito cigano calon aqui na rua, principalmente, mas com certeza devem existir outros clãs que a gente nem tem acesso.

G.V. – É, pelo que a Rose disse, tem outros clãs, mas que é transitório, eles passam, ficam um mês e vão para outras regiões, e às vezes ela consegue esses registros.

J.L. – Sim. E tu tens alunas que atualmente estão atuando como professoras de dança aqui no estado? Tu podes citar?

G.V. – Sim. Gisele Notti, com danças do mundo, não só cigana; Jéssica Prestes, num viés mais histórico e artístico da dança cigana, como ela é historiadora, tem muito interesse na pesquisa da cultura cigana; Magda Vieira que está fazendo essa vertente de dança cigana mais voltada para uma questão terapêutica; Jurema Vieira Gonçalves que também busca um pouquinho da vertente cigana, também voltada para uma linguagem mais terapêutica, a Jurema está trazendo uma proposta de desconstrução do que é a

questão cigana étnica e a questão religiosa, pois ela está dando aula dentro de um centro umbandista, então ela busca trazer um pouquinho da musicalidade, da dança, para o pessoal ter um registro e poder utilizar esse conhecimento de uma forma que some na sua parte espiritual. Além disso, as quatro também formaram um grupo chamado “As Ciganitas”, difundindo também a cultura cigana no Estado.

J.L. – E aqui na escola trabalha só tu ou alguma delas atua aqui também?

G.V. – Não, aqui trabalho só eu. E a gente faz o processo de trocas, de trocas de informações e pesquisas.

J.L. – Tu já me falaste da questão da novela, e uma das minhas perguntas é se tu achas que a história da novela pode ter sido o início da dança cigana aqui? A novela ter acontecido pode ter sido a semente que gerou para começar a dança cigana de um modo geral nas academias e nas escolas de dança?

G.V. – Eu acho que por um lado sim. Se algum cigano dava aula de dança ou se alguém tinha uma vertente não era divulgada. Eu acho que a novela propiciou a divulgação, mas não sei se o surgimento da dança cigana em si. É que a gente não sabe o registro, eu creio que já deveria existir algum pessoal que trabalhava com a dança cigana, até porque devia ser escondido, até por uma questão de preconceito.

J.L. – Quando é que tu identificas que foi o “boom” da dança cigana?

G.V. – Olha, foi de uns tempos pra cá, eu acho que a partir de 2012, que começou essa vertente ficar mais fortalecida aqui em Porto Alegre, pelo menos, de ver vários locais tendo dança cigana, tendo muitas apresentações onde os ciganos eram inseridos, tem um pessoal que fazia um trabalho bem interessante que era o pessoal do Parcão, eles já tinham esse trabalho há bastante tempo, só que não tinham o peso que tem hoje, eu participei de alguns eventos ciganos que eles faziam, mas como a vertente deles era um pouco misturada com a questão religiosa, então o pessoal não se aprofundava muito. Alma Cigana era o nome do evento, hoje já é bem divulgado.

J.L. – E para a gente terminar, eu deixo aberto para tu falares o que tu quiseres sobre a dança ou como tu vê, ou se tu vê alguma evolução ou alguma memória, alguma coisa que tu acha interessante relatar ou pontuar que não foi perguntado...

G.V. – Eu gostaria que esse processo com a dança cigana não pendesse para o mesmo viés que a dança árabe foi, muito glamour, espetáculo, show, muito brilho, mas sem o sentimento. Porque quando a gente vai a um acampamento cigano, o que vamos ver é a simplicidade, que muitas vezes não é nada condizente com o que se apresenta no palco, nada condizente com a realidade, então vai se criando uma fantasia de uma realidade que não existe, e é isso que eu tento trazer para as alunas: “gente, isso que vocês veem nos palcos de plumas e paetês e corpetezinhos, isso vocês não vão ver dentro de um acampamento”. Claro que a novela trouxe muito isso também né, Ju... Estereótipos... sabemos que essas fantasias eram feitas porque tinha que ser comercial, tinha que vender, chamar a atenção... mas sabemos que a realidade não é essa, a gente vê acampamentos extremamente pobres. Então, eu estou buscando não desviar muito da realidade, apesar de muitas vezes saber que é necessário trazer para o palco para poder divulgar a cultura. Eu também muitas vezes tive que levar a cultura cigana para o palco,

mas sempre tive e tenho o cuidado para não perder a essência, eu sempre sugiro para as alunas e professoras do meu espaço, vai fazer uma coreografia? “Então faz uma coreografia, mas também traz um pouco da essência... em algum momento, fica junto com o povo se tiver oportunidade, desce, olha no olho, traz a alegria”, porque a gente sabe que isso é ser cigano, porque se não começa a se formatar algo muito elitista e a pessoa que está ali assistindo o espetáculo não vai se achar capaz de dançar, e a dança pode trazer um viés bem interessante para ela, de cura interna, alegria, vai saber o que cada um busca dentro da dança. Muitas vezes, tu vê uma pessoa chegar de um jeito na sala de aula e depois de ter aula de dança, de movimentar a energia, ela já fica de uma outra maneira, a dança atingiu aquela pessoa de uma forma singular e modificou algo no íntimo dela. Eu sempre tive cuidado de ter pelo menos um tempo hábil e uma base de estudo para depois começar a apresentar a dança, porque como eu vim de uma vertente de fusão de estilos, eu tive que desconstruir muita coisa e a Sayonara Linhares me ajudou muito a perceber o que era fusão e o que realmente era a dança cigana genuína. Foi uma desconstrução, acho que isso tem que ser salientado para que possamos passar ao máximo o que se aproxima da realidade deste povo.

J.L. – Gostaria de saber o que tu pensa sobre essa questão que o pessoal tem vendido muito as aulas de dança cigana como dança cigana artística.

G.V. – Pois é, isso eu acho estranho, porque foi uma nomenclatura que me parece que vem, que eu ouvi pela primeira vez através do pessoal Ramanush de São Paulo, Nicolas Ramanush, eu até entrei em contato com eles, me pediram para fazer esse movimento de colocar dança cigana artística. Eu não aderi, mas reconheço que ao mesmo tempo é uma diferenciação que traz a questão do que é a dança cigana artística de palco e o que é raiz, então faz sentido, só que eu não sei se isso é saudável, na realidade... para a cultura cigana, pode confundir um pouco quem não conhece a cultura e a dança. Acho meio confuso, mas para quem está buscando uma linha de dança ajuda a direcionar, por exemplo: se eu fosse uma leiga, chegasse agora “ah eu quero fazer dança cigana” tem um local que tem dança cigana artística, um outro que trabalha com a dança cigana genuína ou tradicional e outro local que trabalha com a dança cigana terapêutica, acho que para a pessoa que está chegando é um leque interessante de possibilidades, mas eu não sei se para a dança em si, se para a cultura em si isso é legal, porque dá uma enfraquecida na dança essa divisão.

J.L. – Então, eu te agradeço muito, depois eu vou te mandar a entrevista e se tu vires, lembrar-se de algumas datas, algumas coisas tu pode completar.

G.V. – É, as datas eu não tenho muita certeza, então eu até posso dar uma pesquisada e colocar direitinho pra ti e mais algum profissional que eu esqueci, de bases que eu pesquiso...

J.L. – Ou de alguma outra memória que tu se lembrares de algum acontecimento importante assim..

G.V. – É, mas eu acho que a trajetória foi essa Ju, na realidade mesmo, eu já tinha um pouco dessa vertente cigana dentro de mim, mas realmente o desenvolver deste conhecimento de forma coesa e organizada, foi a partir das orientações da Sayonara.

J.L. – E tu chegou a conhecer a Odete Martinelli?

G.V. – Cheguei a conhecer, mas na época que eu a conheci, ela trabalhava só com dança de salão, logo depois que ela veio trazendo um pouco essa vertente da dança cigana.

J.L. – Então tá, muito obrigada.

[FINAL DA ENTREVISTA]

Anexo 5 – Entrevista Michele Trentin**FICHA TÉCNICA****Projeto:** Memórias da Dança Cigana no Rio Grande do Sul**Número da entrevista:** E-**Entrevistado/a:** Michele Trentin**Nascimento:****Local da entrevista:** Caxias do Sul/RS**Entrevistador/a:** Juliana Lorenzoni**Data da entrevista:** 31/07/2018**Transcrição:** Bruna Moraes Costa**Copidesque:** Juliana Lorenzoni**Pesquisa:** Memórias da Dança Cigana no Rio Grande do Sul**Revisão Final:** Juliana Lorenzoni**Total de gravação:** 36 minutos e 21 segundos**Páginas Digitadas:** 16 páginas

Sumário: História pessoal; início com as práticas corporais; jazz; envolvimento com a dança oriental; viagens para São Paulo; aproximação com a Dança Cigana; influência da novela Explode Coração; professora de Dança do Ventre; trabalho efetivo com Dança Cigana; professoras pioneiras no RS; período no Oriente; estilos de Dança Cigana; Artistas inspirações; clãs ciganos na serra.

Caxias do Sul, 31 de julho de 2018. Entrevista com Michele a cargo do/a pesquisador/a Juliana Lorenzoni para o Projeto Memórias da Dança Cigana no Rio Grande do Sul.

J.L. – Michele, gostaria que tu contasses um pouquinho da tua história pessoal, onde tu nasceste, sobre a tua família... O que tu quiseres contar, que tu aches que seja relevante para contribuir nessa história.

M.T– Meu nome é Michele Trentin, eu nasci em Caxias do Sul⁷⁹ e desde pequena eu comecei a dançar, talvez isso tu não saiba, eu comecei a dançar porque eu nasci com os pés tortos, acho que eu nunca te contei, o parto da minha mãe foi bem traumático, bem traumático! Eu bebê não estava posicionada com a cabecinha, estava com os pés e os médicos me puxaram pelos pés, então eu nasci com as pernas tortas e eu comecei a dançar para corrigir as minhas pernas.

J.L. – Sério?!

M.T– Aham, seríssimo. Daí eu usei aquelas botas ortopédicas com ferro por muitos anos, por isso que eu não gosto de sapato, quanto menos sapato melhor para mim, aí eu usei as botas para corrigir meus pés e comecei a dançar desde bem pequenininha, com dois aninhos de idade, aquelas dancinhas mais terapêuticas assim, balezinho infantil para poder ir melhorando o meu pé, endireitando ele e podendo caminhar melhor, então eu comecei a dançar para corrigir as minhas pernas.

⁷⁹ Município do estado do Rio Grande do Sul.

J.L. – Essa era até a minha próxima pergunta, de como tu tinha começado nas práticas corporais...

M.T– É, foi aí, bem novinha para corrigir esse pé, isso demorou muitos anos, porque eu tenho memórias de eu na escola com essas botas ortopédicas, sofrendo *bullying*⁸⁰, que na época nem se falava de *bullying*, mas o pessoal ria porque era umas botas bem grandes com uns ferros e como eu tenho memória deveria ser oito anos, sete anos, algo assim, então todo esse período eu fiquei dançando balé para poder trabalhar a ponta do pé...

J.L. – E tu tinha dificuldade para caminhar nessa época ou não?

M.T– Eu caminhava torta, eu caminhava, mas caminhava com os pés tortos, até diz a minha mãe que o médico disse que eu nunca ia caminhar direito e que eu nunca ia poder usar salto alto e depois, anos e anos depois eu fui dançar no oriente de salto alto, uma coisa muito louca da vida. Mas então foi aí que eu comecei, então dancei todo esse período até os dez, onze anos por aí, eu dancei balé e jazz, já tinha melhorado, já não usava mais as botas, acho que com onze anos por aí eu já não usava mais as botas, já tinha as perninhas retas, normais e dançava feito louca, por que daí dançava, dançava, dançava, e aí comecei.. Eu trabalhava com a minha professora de jazz na verdade, bem cedinho assim..

J.L. – Tu lembra que época foi isso?

M.T. – Eu tinha doze anos, temos que calcular para trás. Depois a gente calcula, mas põe... É agora não vou lembrar, mas enfim...

J.L. – Devia ser 1990, por aí?

M.T. – É, pode ser. Eu tenho umas fitas cassetes com 1989, 1990, pode ser. Então nessa época, eu com doze anos eu era secretária da minha professora de jazz, comecei a trabalhar com ela assim, comecei a ajudar ela no balcão, na secretaria e aí estava direto com ela, comecei a aprender tudo sobre dar aula e o universo de dança e de escola de dança, e logo depois ela engravidou, resumindo a história, ela engravidou, aí ela deixou algumas turmas para eu dar aula...

J.L. – E como que era o nome dela?

M.T– Lenita Escola Dagostini e ela foi uma professora bem conhecida aqui em Caxias, porque ela dançou no grupo Raízes que antigamente era um grupo muito famoso da cidade, de dança contemporânea, jazz, balé, ela era bailarina de jazz, diz que ganharam prêmios no Brasil, então ela era muito boa. Então comecei a dar aula ali com ela, primeiro comecei a substituir ela, quando ela viajava ou quando ela já estava no final da gravidez, ela deixava... Ela ficava só coordenando e eu passava as danças, depois ela teve... E eu todo esse tempo trabalhando com ela, aí eu já deveria ter uns quatorze, ela

⁸⁰ É um termo da língua inglesa (bully = “valentão”) que se refere a todas as formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente e são exercidas por um ou mais indivíduos, causando dor e angústia, com o objetivo de intimidar ou agredir outra pessoa sem a possibilidade ou capacidade de se defender, sendo realizadas dentro de uma relação desigual de forças ou poder.

engravidou a segunda vez, aí ela fechou a escola para só se dedicar aos filhos e ela dava aula em mais alguns lugares, aí ela passou para mim, então foi aí que eu comecei a realmente assim dar aula, foi com quatorze anos e aí eu dava aula em vários lugares onde ela tinha deixado, dava aula de jazz, só que sempre... Eu fazia cursos já na época, que vinha curso de fora, o que vinha de curso diferente eu fazia, então eu estudei afro bastante tempo, dança afro e aí a dança oriental surgiu nesses cursos que eu ia atrás procurar para aprender mais coisas...

J.L. – E a primeira vez que tu fizeste dança oriental foi aqui em Caxias?

M.T. – Foi em Caxias com o curso da Lu Couto que era uma bailarina de São Paulo, ela vinha para Porto Alegre na Casa Baka, nem sei se ainda tem a Casa Baka...

J.L. – Tem.

M.T. – Tem? Então ela veio para Casa Baka dar esse workshop e veio para Caxias pelo Sesc, o Sesc trouxe ela para Caxias, aí nesse curso eu tinha quatorze anos e... Porque eu já trabalhava com movimento, trabalhava com jazz e desde sempre fui apaixonada pelo Egito, e aí é outra história, eu sempre lia sobre o Egito, tem livros até aqui na biblioteca desde aquela época, e aí quando eu vi o cartaz dela, eu lembro até hoje a foto dela assim, eu disse “não, é isso que eu quero fazer” fui lá fazer o curso, tinha três alunas inscritas no curso e ela passou mal na metade do curso porque a mãe dela estava doente e ela abandonou o curso, foi para São Paulo, então nós tivemos tipo um bônus para quando ela viesse de novo para Porto Alegre, aí ela veio, depois de uns dois meses ela voltou a Porto Alegre para continuar na Casa Baka, que era o único lugar que tinha alunas, algum grupo assim, poucas pessoas, não tinha muita gente...

J.L. – Tu lembras mais ou menos o ano que foi isso?

M.T. – Nossa, antes de 1995... É, antes de 1995, porque aí eu tenho... Em 1995 eu já estava indo a São Paulo fazer pesquisas, porque na época não tinha, é uma coisa que a gente tem hoje, tudo na internet, tu quer música, tu tem, tu quer vídeo, tudo tem, para tu estudar na internet, mas a gente tem que lembrar que nessa época não tinha nada. Eu acho que nem tinha celular, estava começando nessa época, deveria ser 1993, por aí, então em 1995 eu tenho umas fitas cassetes de quando eu já ia a São Paulo lá na Vinte e Cinco de Março⁸¹, na Comendador Abdo Schahin⁸², que é uma rua que tem... Tem a Vinte e Cinco e tem essa Comendador Abdo Schahin, daí ali a gente comprava fita cassete e VHS para estudar e é importante ressaltar que nessa época no Rio Grande do Sul só existia a Alessandra Forte dando aula de dança do ventre.

J.L. – Lá em Porto Alegre?

M.T. – É, em Porto Alegre e no estado assim. Não tinha nenhum outro lugar que tinha dança do ventre nessa época, porque quando eu comecei... Depois que a Lu Couto não veio mais para o estado, porque não tinha muita procura, eu pesquisei onde que a gente podia fazer aula, só tinha a Alessandra Forte que dava aula, então tem muita gente que coloca um tempo aí de profissão que não é verídico, porque só existia a Alessandra Forte nessa época. Eu fiz uma aula com a Alessandra nesse período.

⁸¹ Rua da cidade de São Paulo.

⁸² Rua da cidade de São Paulo.

J.L. – Ela dava aula lá na Casa Baka?

M.T. – Não, foi em um outro lugar, não lembro o nome do lugar, foi uma única vez que eu fui, fiz essa aula com ela e depois eu já comecei.. Porque eu sou muito de ir direto na fonte assim, se eu tenho que optar em estudar com alguém ou economizar e ir direto na fonte, desde sempre eu fui assim. Então eu fiz aquela uma aula com ela e aí disse não vou para fonte, comecei a ir para São Paulo, viajando de ônibus direto lá na Comendador Abdo Schahin, minha mãe ia comigo...

J.L. – Tu fazias aulas lá em São Paulo?

M.T.– Fazia aula lá em São Paulo, comprava muito VHS⁸³, porque a gente pegava aqueles vídeos direto do oriente, do Líbano, na época muita coisa das libanesas e eu estudava por VHS e fazia aula, fiz muita aula com a Najmaque era também uma das pioneiras, na época a gente ouvia falar da Soraia Zaiied que ela era já muito boa e já dançava na comunidade Árabe, muito pouco da Lulu Sabongi na época, era mais da Najma mesmo.

J.L. – E como tu conheceste a dança cigana?

M.T.– Então, a dança cigana foi realmente através da novela e nesse período que eu trabalhava com a... Que eu comecei a assumir as turmas da minha professora de jazz, como eu te falei antes, eu fazia muito curso e eu sempre buscava coisas diferentes, referências diferentes para trazer para o jazz, para não fazer um jazz sempre igual, então eu buscava, estudava afro, aí eu trazia uma influência afro para as coreografias de jazz e vi na novela, na época da novela, e também tem um marco que foi um festival de dança da São Sebastião do Cai, na época era um festival maravilhoso que eles faziam e muita gente, todo mundo do estado ia para lá dançar e teve uma escola, eu não vou lembrar o nome da escola agora, que eles apresentaram um jazz com a música da novela, com as roupas ciganas, era lindo, lindo, porque tinha o movimento do jazz e tinha os movimentos ciganos e eu fiquei encantada, porque era uma coreografia assim, linda, muito bem elaborada, os figurinos bem bonitos, e aí eu comecei a procurar a música que só tinha o coração cigano, não tinha...

J.L. – Que era a trilha sonora da novela?

M.T. – Sim, aquele CD coração cigano, aí eu comprei, comecei a sentir a música, porque eu sempre fui de assim.. Se tem uma coisa que me toca no meu coração então eu vou me recolher, vou meditar, vou sentir e fui vendo aonde que aquilo ressoava dentro de mim, e aí fiz uma coreografia com as minhas alunas do jazz... A música era do CD coração cigano, per aí que se eu puxar da memória eu vou lembrar, acho que era aquela do tema mesmo, que tinha uns trompetes... Mega excitada, eu lembro de algumas coisas, a gente fecha o olho e lembra.

J.L. – Nessa época, tu trabalhavas com dança oriental ou só com jazz?

⁸³ Vídeo Home System (VHS, ou "Sistema Doméstico de Vídeo", em português).

M.T.– Já fazia pesquisa. Tinha várias turmas de jazz, muitas assim, em vários lugares, não tinha Rakaça⁸⁴ nada, então eu dava aula em vários lugares com o jazz, e aí eu comecei... Eu fiz esse curso com a Lu e fiquei um ano inteiro fazendo pesquisa, então eu ia para São Paulo, estudava... Porque eu estava testando em mim e ouvia as músicas e aquilo começou a aflorar e daí nesse mesmo ano da cigana, foi o mesmo ano que eu fiz duas coreografias, uma cigana e uma de dança oriental, baseadas nas coisas que eu estava estudando nesse ano inteiro, e propus para as alunas do jazz “gurias, vamos tentar fazer alguma coisa diferente? Então vai ser uma cigana...” e foi aí que começou, aí todo mundo adorou e daí mais gente queria fazer só aquela modalidade, daí foi tudo mudando, foi nessa época aí, deve ser 1994...

J.L. – A novela foi 1995.

M.T. – É 1994, 1995. 1994 foi que surgiu a dança, aí eu fiquei pesquisando, estudando, isso aí..

J.L. – E tu se lembras de tu ter ouvido falar de nessa época existir aula de Dança Cigana assim como existia aula de Dança do Ventre?

M.T. – Não, não me lembro de nada, não me lembro de ter. Se tinha eu realmente não sabia na época, porque eu pesquisei, pesquisei lugares para... Aqui em Caxias não tinha nada, nada né e região muito menos, onde a gente se voltava para estudar era Porto Alegre e nem Porto Alegre que eu... Não porque se não eu teria ido buscar para estudar.

J.L. – E como é que foi que tu começaste a trabalhar com Dança Cigana? Se tu quiseres comentar um pouco antes da questão da dança do ventre, de como tu chegaste a montar as tuas turmas de dança cigana?

M.T. – Teve esse trabalho inicial com o jazz, depois nos próximos anos ali, eu comecei bastante trabalhar com a dança do ventre né, porque daí foi aquele experimento que a gente fez, todo mundo queria fazer aquela dança, várias pessoas que foram no nosso festival disseram “nossa, o que é essa dança? A gente quer fazer.” Foi mais o foco na dança do ventre naquela época, da dança oriental, aí então nos próximos anos ali... Porque a Rakaça foi em 1997 que eu abri, então nesse período 1995, 1996 foi metade de 1997, foi quando muito assim estourou as turmas né, as aulas e tudo... Qual era pergunta mesmo? Me perdi com o telefone...

J.L. – Sim. Quando é que tu começaste a trabalhar efetivamente com a dança cigana...

M.T. – Ah com a dança cigana... Então aí, esse período todo foi mais com foco na dança oriental, depois eu fiz mais um trabalho, até tem as fotos ali que a gente apresentou na universidade na UCS⁸⁵. Tinha quatro alunas que adoravam dança cigana, que são aquelas que estão na foto ali, tu vai ver, e aí a gente ficou fazendo trabalhos nos quatro, então não era... Eu não estava trabalhando com aula aberta, tipo “ah eu tenho aula de dança cigana”, mas a gente, nós cinco a gente montava trabalhos para ter nas nossas apresentações.

J.L. – Sempre com a base do jazz ou não?

⁸⁴ Nome da escola da entrevistada.

⁸⁵ Universidade de Caxias do Sul.

M.T. – Sim, com a base do jazz e as mãos e alguma coisa, quadril, aí a gente misturava um pouco de tudo ali, com a música cigana, mas misturava um pouco. E aí a gente se apresentou na UCS, aí tinha uma casa de show aqui que sempre a gente fazia apresentação, era tipo um café, então a gente levou bastante número de dança cigana, daí eu já fui atrás das músicas do Gipsy Kings⁸⁶ sabe, não era só o coração cigano, daí a gente já fazia trabalho com flores, mas eu nunca tinha feito aula, com ninguém até aí, eram coisas que eu ia pesquisando e sentindo, pesquisando internamente...

J.L. – E tu chegou a ver a novela para te inspirar alguma vez ou não?

M.T. – Não, acho que não, porque eu nunca fui de ver novela assim, mas tinha ali né, passava, a família via, aí tu acabava olhando, aí tu via aquela mão, as saias, aquelas coisas ali. E depois, bem depois daí já tinha a Rakaça ,que foi em 1997, 1998... 1997 a gente abriu, em 1998 a Sayonara Linhares apareceu na região, eu não lembro bem o porquê dela estar em Caxias... É eu não lembro o porquê de ela estar aqui e ela passou na escola e falou que ela dava aulas de dança cigana, e aí disse “ah que legal, a gente gosta, a gente tem um pequeno grupo que faz o trabalho, mas nunca assim em estudar realmente” e daí ela começou a dar aulas e isso foi em 1998, aí ela deu um período ali de alguns meses de aula, tinha bastante aluna, aí em 1999, logo eu já fui para o oriente, então foi o momento de transição, acho que aí ela já... Porque foi bem pouco tempo, acho que ela deu uns seis meses de aula ou talvez mais, porque foi bem o período que eu estava indo embora, então eu não lembro exato assim...

J.L. – E a Rakaça fechou ou ela continuou?

M.T. – Não. A Rakaça continuou sempre, porque daí a minha mãe ficou cuidando da administração e eu deixei três alunas que eram mais antigas dando aula, a Sayonara dava aula de dança cigana, mas eu sei que logo depois ela já foi para outro lugar e daí já não teve mais.

J.L. – A Sayonara chegou em Novo Hamburgo, se eu não me engano, 2005, foi quando eu comecei a fazer aula, então 2004...

M.T. – Mas ela não estava em Caxias, ela deve ter ido para algum outro lugar, porque ela deu pouco tempo...

J.L. – De Caxias ela foi para lá, só se de repente isso foi depois.

M.T. – Sabe quem que ia saber? Depois eu posso perguntar, a minha mãe, porque a minha mãe que estava aqui nesse período, ela vai saber exato quanto tempo ela deu.

J.L. – É, a Sayonara chegou, pelo que eu lembro da entrevista que ela me deu, acho que ela chegou em Caxias 2004 ou 2003, uma coisa assim, porque 2005 foi quando ela foi para Novo Hamburgo e ela veio de Caxias para Novo Hamburgo, e eu conheci ela em Novo Hamburgo.

⁸⁶ Grupo francês de música cigana.

M.T– Então foi bem depois que ela veio dar aula na Rakaça, então eu estou confusa com os períodos.

J.L. – Na entrevista ela disse que tu já estavas no oriente, então deve ter sido talvez um período que tu estavas aqui de Ramadan⁸⁷, alguma coisa assim.

M.T. – É, e ela já estava dando aula. Então pode ser que ela... A minha mãe deve saber exatamente... Bom, mas se ela falou deve ser isso aí. Eu tinha na minha cabeça que ela tinha vindo dar aula logo ali que eu fui para o oriente, mas então não, pode ser nesses períodos que eu vinha de férias e ela já estava. Então deve ser, porque tem esse período quando eu fui para o oriente, que foi em 1999, tem várias coisas assim que eu me perco, porque eu não morava mais aqui né, então a minha mãe que estava, ela deve saber bem direitinho, então se ela disse 2004 que ela deu aula na Rakaça... E ela deve ter dado acho que não muito mais que um ano, eu lembro que ela não deu muito tempo, mas tinha bastante aluna. Então vai ver que foi, ela contatou com a minha mãe então, e quando eu vim ela já estava, é se ela disse, deve ser sim.

J.L. – E daí nesse período quando tu abriste a Rakaça tu davas aula de dança oriental?

M.T. – Eu dava oriental, dava jazz e tinha esse grupinho dessas quatro meninas de dança cigana...

J.L. – Que era tipo um grupo de ensaio?

M.T. – É, não era uma aula aberta, entendeu, não era uma aula “ah tenho aula de dança cigana”, não até porque eu não tinha conhecimento para abrir uma aula de dança cigana, e como eu te disse, a dança do ventre eu já estava há um ano e meio iniciando as pesquisas e tal. Não tinha VHS, era bem difícil mesmo. Em São Paulo, agora eu estou me lembrando, tinha a Samira Samia, aquela que organiza o Mercado Persa⁸⁸. Naquela época ela dava aula de dança cigana em São Paulo, até tenho os jornaizinhos, aquele Oriente Encanto e Magia⁸⁹, que elas faziam e tinha muita coisa de dança cigana, então ela, agora está me vindo, ela era uma referência, eu tinha fotos, mas fotos, nunca tinha aula, não tinha VHS, não tinha nada, ela tinha um grupo, eu tenho esses jornaizinhos... Então tem essas memórias dessas fotos, desse jornal, mas nada assim de aula e esse grupo era um grupinho experimental, vamos dizer assim, a gente experimentava...

J.L. – Esse grupo cigano, quando tu foste para o oriente em 1999, encerrou ou as meninas continuaram ensaiando?

M.T– Não, elas continuaram treinando porque tinha... A gente tinha assim umas três, quatro coreografias, uma com flor, uma com xale, uma com pandeiro, de onde que eu tirei as ideias eu não me lembro, eu acho que era dessas fotos que eu via ali da Samira, ela tinha uma com leque, tinha uma de leque, depois teve nesse período um grupo infantil também, que eu fiz uma dancinha cigana com música do Gipsy Kings bem bonitinha, mas era tudo assim, naquele movimento, saia, bater saia, balançar leque, aquilo que a gente faz no instinto assim, nada de estudo. No instinto assim, copiando a novela... Eu lembro que a gente tinha uma coreografia de pandeiro, que todo mundo

⁸⁷ Nono mês do calendário islâmico, no qual a maioria dos muçulmanos pratica o seu jejum ritual.

⁸⁸ Festival internacional de danças árabes.

⁸⁹ Revista especializada.

adorava, mas era tudo assim instintivo, tinha uma que fez um vestido vermelho gigante, a saia... É, então vai ver que foi bem aí, bem nesse período, é muito recente...

J.L. – Na tua opinião, tu sabes quem são as professoras pioneiras da dança cigana no estado? Além da Sayonara tu se lembras de mais alguma que seja das primeiras... Como oficialmente professora dessa modalidade, que nem tem a Alessandra na dança do ventre, tu se lembras de alguma?

M.T. – É, que eu lembro bem a Alessandra e a Sayonara desse período, que ela esteve aqui, dessa época da Sayonara eu não me lembro de mais ninguém. Realmente não, não lembro.

J.L. – E quando é que foi que oficialmente tu começastes a dar aula de dança cigana?

M.T. – Fui para o oriente, daí eu voltei... A primeira volta foi em 2004, daí eu fiquei um ano, a escola continuava, tinha as meninas que davam aula, eu vinha todo ano, trazia material, vinha com as novidades e a escola continuava, em 2004 esse primeiro ano eu fiquei... Tu sabe que eu acho que 2004 a Sayonara estava dando aula na Rakaça sim, que foi a primeira vez que eu voltei e ela estava dando aula ainda, tinha a Nani Lima nesse grupo, aí depois... Mas eu não fazia aula com elas... Aí depois a Nani saiu e abriu o grupo dela, aí em 2005 eu ainda voltei para o oriente, eu fiquei um período de transição assim, ficava um pouco aqui um pouco lá, eu acho que eu fui dar realmente dança cigana agora em... Quando eu voltei definitivo que foi em 2009, que daí a gente reabriu a escola ali na Júlio de Castilhos⁹⁰, aí eu disse “vamos abrir as turmas de dança cigana, de árabe-cigana na verdade” que era o que eu dava “guria, tem aula de dança árabe-cigana” que daí eram as músicas árabes-ciganas e esse estilo...

J.L. – Sim, uma fusão das rumbas com árabe?

M.T. – Isso aí.

J.L. – E daí nessa época então, provavelmente, quando a Sayonara foi embora ficou a Nani Lima dando aula aqui em Caxias?

M.T. – Eu não sei se logo ela deu aula, é que nem eu te disse, era um período que eu ficava quatro, cinco meses no oriente e depois vinha para cá, então era muito... É bem louco assim, porque eu vivia lá sabe, daí eu voltava para cá e dava umas aulas e já estava indo embora de novo, então eu não muito me envolvia assim, não sei muito das coisas da cidade. Mas eu não sei se logo depois ela começou a dar, eu lembro dela vindo comprar roupas, ela vinha sempre comprar roupas no bazar e ela vinha comprar lenços e coisas, mas até então eu acho que ela não estava dando, aí depois eu soube que ela estava dando.

J.L. - E aqui na escola quais são os estilos de dança cigana que tu acabas trabalhando mais com as alunas?

M.T. – Então, as rumbas brasileiras, elas gostam bastante das circulares, essas novas que a gente está trazendo dos cursos, dos workshops, o roman havasi⁹¹ eu tento, mas

⁹⁰ Rua do município de Caxias do Sul.

⁹¹ Dança cigana turca.

não cola, a kalbelyia⁹² que a gente tem um grupo, mas não é um grupo de aula, é um grupo separado, porque também como a gente tem várias turmas de dança cigana, são mais senhoras que vem fazer aula, e elas vêm com uma visão mais assim terapêutica de vir dançar e curtir, então não dá para dar nada assim muito complicado, muito difícil, muito rápido, então a gente tem a kalbelyia que foi realmente uma febre, mas com aquele grupo das meninas que amam e que a gente continua fazendo os nossos estudos, que é um grupo que a gente tem separado, mas nas aulas regulares é a rumba, a gente faz... Eu dei um pouquinho de mourisca para elas, elas gostam e deixa eu ver... Mais essas circulares dos cursos que a gente fez dos Balcãs, essas aí elas gostam bastante. A gente até tenta fazer algumas coisas diferentes, mas...

J.L. – Sim, mas nem sempre tem aceitação, te entendo. Então, quem são as bailarinas de dança cigana ou professoras, profissionais que tu admiras ou que tu pesquisa mais?

M.T. – Eu gosto bastante da Simona Jović⁹³, a Simona está bem próxima da gente, até porque é ela que vem aqui e eu também tive oportunidade de viajar para um lugar assim, locais ciganos, e ter aula com ciganos, como eu tenho com o Egito, com as danças orientais que é meu foco maior, mas eu gosto muito da Simona, do trabalho dela, agora eu vou poder ir fazer o curso em Montenegro. Eu acho que ela, assim como uma inspiração de uma bailarina de fora que tu trabalha, que tu estuda, eu sei que tem a Gina Vitola, mas eu não tenho contato com ela, eu sei que tem o trabalho dela, mas não é um trabalho que eu busco como referência, e tem a Sayonara também, claro, mas eu funciono muito com identificação energética assim, então por exemplo, eu sei que tem o trabalho, mas eu não vou olhar sabe, eu não sou assim nem para a dança oriental, tem milhares de bailarinas no Brasil, mas se eu não sinto assim uma conexão, eu não vou olhar o trabalho “ah o que elas estão fazendo” nem me importo, estou tão ocupada aqui com a escola, com as aulas, com as minhas alunas, com as criações aqui, que não dá tempo de “ah vou olhar para ver o que a pessoa está fazendo”, então eu já foco em quem eu gosto, nesses cursos que tu trouxe que eu gostei bastante, gostei da Carolina Morais Fonseca⁹⁴ também, mas eu gosto mais da Simona assim, gosto da maneira dela, do estilo, da seriedade que ela busca...

J.L. – E tu sabes alguma coisa sobre os ciganos aqui na serra gaúcha? Tu sabes se existe clãs ciganos aqui ou tu conheces alguma coisa, tem alguma informação deles assim?

M.T. – Sim. Olha tem bastante cigano em Bento Gonçalves⁹⁵ e... Aqui em Caxias eu não sei, mas em Bento tem muitos ciganos, inclusive eu encontro com eles sempre na loja de tecidos, eles estão sempre comprando tecidos e o pessoal lá da loja me conta, porque tem uma moça na loja de tecidos, que eles compram a loja inteira, compram muito tecido, que eles estão sempre tendo festas e casamentos e compram assim os rolos, quatro, cinco rolos para fazer vestido para todo mundo. Todo mundo igual. É, diz que eles compram muito. Até outro dia eu estava lá e tinha um cigano bem bonito, com os dentes de ouro, e a mulher vai com os vestidos assim que parecem meio vestido de prenda... Não é larga a roupa, bem lembra a prenda e as fitinhas, as mangas bufantes, bem aqueles vestidinhos ciganos assim que a gente imagina... E estavam na loja, daí o cigano veio falar comigo se eu ia comprar lá um tecido que era bonito e sorria com os

⁹² Dança cigana indiana.

⁹³ Bailarina e professora da República Tcheca.

⁹⁴ Bailarina e professora portuguesa.

⁹⁵ Município do estado do Rio Grande do Sul.

dentões de ouro, então eles estão por aí, a gente até tinha que tentar se aproximar deles né... Teria que tentar se aproximar desse pessoal em Bento, porque diz que eles são bem... Vivem fazendo festa e comprando tecidos... Esse estava bem faceirinho conversando comigo lá na loja, eu olhava o tecido e ele “ah, bem bonito esse tecido, tu vai comprar?” Eu disse assim “acho que sim” “o que tu vai fazer?” Ai eu disse “um vestido”, não quis dizer assim... Não sabia até onde falar, mas ele estava bem simpático...

J.L. – Sobre a chegada dos ciganos no Rio Grande do Sul tu sabe alguma coisa?

M.T. – Não sei.

J.L. – Então, uma das perguntas que eu tenho, se tu já saíste do país ou do estado para estudar a dança cigana... A dança oriental sei que sim, e para a dança cigana, também?

M.T.– Ah, a gente não falou sobre a ghawazze⁹⁶, porque a ghawazze entra como dança cigana, então nesse ponto sim, porque direto eu vou para o Egito estudar a dança, a ghawazze, enfim toda a dança oriental e o folclore egípcio, e entra a ghawazze, então essa sim, já estudei direto lá várias vezes e agora que eu vou poder fazer essa viagem para o retiro uma semana direto nos Bálcãs, que me atraí muito... Claro a kalbelyia é algo à parte no coração, mas essa região Bálcãs tem chamado meu coração, eu já viajei para a Turquia, mas não com foco de estudar a dança roman havasi ou enfim, mas estive por lá e assisti, teve danças, a dança está por tudo, então tu está ali, tu vê como é, que eu acho que é uma coisa fundamental assim para a gente ensinar qualquer dança quando tu está no foco, tu está no lugar de foco de origem da dança tu tem mais fundamento para tu falar “não, olha eu vi, eles dançam em qualquer lugar” “ah tem música tocando na rua”, tu está ali tu vê, são pequenos detalhes assim que tu tem mais fundamento para ensinar, porque a técnica, a história toda é muito grandiosa né, mas tem essas pegadinhas que vai fazendo diferença... Evoluindo, muito, muito, mudando.

J.L. – E tu tens alunas tuas que hoje em dia já são professoras de Dança Cigana?

M.T. – Não.

J.L. – E tu sabes quem são as professoras que tem na região aqui da serra que trabalham com dança cigana também? Não que necessariamente foram tuas alunas, mas que talvez tenham algum tipo de expressividade no trabalho.

M.T.– Então, a Nani, mas eu não sei se ela ainda continua, ela tinha um trabalho, mas está sumida, nunca mais vi falar dela, já faz vários anos né, uns dois anos. Tinha também, que fazia trabalhos de dança cigana, a Renata Dalla Rosa da escola Hayet, também não vi mais se ela tem feito trabalhos, mas ela tinha também grupo ou enfim, aulas, aí tem as meninas de Bento Gonçalves, a Cláudia De Marco, mas eu não sei se ela dá, só sei que ela estudava, enfim as meninas com a kalbelyia, a Carla Carer, a Aline Kirinus, as meninas com a kalbelyia... Não sei assim quem tem aulas regulares na região aqui da serra...

⁹⁶ Dança cigana do Egito.

J.L. – Retomando o que a gente já tinha falado antes, tu achas que a novela Explode Coração foi um dos estopins para começar a dança cigana no estado? Foi onde surgiu o “boom”?

M.T. – Sim, eu acredito que sim, infelizmente ou felizmente, vai saber, mas às vezes a mídia passa uma ideia que não é realmente, não é a dança. Aí o que a novela passa fica como “isso é a dança” e ok, pode ser isso, mas muito mais, ou talvez não exatamente, não como está ali, mas a televisão chega para uma massa inteira, até tu falar para todo mundo que não é bem assim depois, aí que está o “infelizmente”, mas felizmente porque foi uma maneira de todo mundo se interessar pela dança, pela cultura.

J.L. – Para a gente finalizar a entrevista, eu deixo aberto se tu quiseres falar alguma coisa sobre ti, sobre a dança, enfim.. Para finalizar, alguma coisa mais que tu lembres, que não foi falado...

M.T. – Pois olha, acho que do que tu me perguntou acho que é isso. Acho que é isso.

J.L. – Então está bom. Muito obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]